



O MALHO

ANO XLI — NÚMERO 24 — JANEIRO 1942 — PREÇO 3\$000



Roupinhas

DO

NÊNÊ

O mais completo e minucioso guia para a futura mamã, no preparo do enxoval do recém-nascido. Luxuoso e atraente álbum com 52 PÁGINAS, contendo a "camisa de pagão", toucas, babadôres, casaquinhos, capas, camisas, édredons, roupas de cama — tudo em tamanho natural acompanhado dos respectivos riscos, além de sugestões de alto valor para essa gratíssima tarefa que faz o encanto da mulher.

- Uma preciosidade cujo valor é inestimável.
- O melhor colaborador para a organização de um enxoval completo e perfeito.

PREÇO:

10\$

EDIÇÃO DA BIBLIOTÉCA
DE "ARTE DE BORDAR"



Pedidos, acompanhados das respectivas importancias, á
BIBLIOTECA DA ARTE DE BORDAR
TRAVESSA DO OUVIDOR, 26 — RIO DE JANEIRO

C. Postal, 880

CASEMIRA



“ O PANO QUE NÃO ACABA ”

O MALHO

MENSÁRIO ILUSTRADO

Edição da S. A. O MALHO

Diretores: ANTONIO A. DE SOUZA E SILVA
OSWALDO DE SOUZA E SILVA
JOSÉ MARIA BELLO

ANO XLI — NÚMERO 24

JANEIRO — 1942

PREÇO DAS ASSINATURAS

Um ano	35\$000
Seis meses	18\$000
Número avulso	3\$000
Número atrasado	4\$000

EM TODO O BRASIL

Redação e Administração
TRAVESSA DO OUVIDOR, 26
Caixa Postal, 880 — Tels. 23-4422 e 43-9453

Oficinas

RUA VISCONDE DE ITAÚNA, 419

End. Teleg.: O MALHO

ESTE NÚMERO CONTÉM 78 PÁGINAS

Panorama Educacional do Brasil

O número de 15 de Janeiro da
“ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA”
é dedicado inteiramente ao ensino no
Brasil, sendo uma edição de mais de 100
páginas e que será vendida a 10\$000 o
exemplar.

A MANEIRA SEGURA de combater a FRAQUEZA SEXUAL

As pessoas que têm o seu organismo exgotado, sentindo-se, por isso, desanimadas, pessimistas e sem vontade para o trabalho ou para o prazer, devem combater esses estados depressivos, usando um medicamento de ação segura e eficaz. VIRBIN, que é um produto rigorosamente científico, é o medicamento que se deve aconselhar a essas pessoas, porque VIRBIN é o mais poderoso tônico nervino que existe à venda. Com o uso de VIRBIN, o doente vê seus males desaparecerem em poucos dias. A falta de memória, a irritabilidade, a insônia, a dispepsia e todos os estados de depressão, que ocasionam a FRAQUEZA SEXUAL em ambos os sexos, são eficazmente combatidos pelo poderoso VIRBIN, que pode ser usado em elixir, comprimidos ou injeções. VIRBIN restaura, de maneira segura, a vitalidade perdida, fortalecendo a esfera sexual sem viciar o organismo e sem ser excitante, senão que, por essa razão, a classe médica o recomenda e o receita para o combate à fraqueza nervosa e genital. Não encontrando VIRBIN nas Farmácias ou Drogarias, escreva ao Depositário — Caixa Postal 1874, S. Paulo.

★ VIRBIN ★

As
 NOITES MAIS
 FELIZES DA
 CIDADE SÃO
 PASSADAS

NO
 "GRILL"
 DO

CASINO
 COPACABANA



CONQUISTADOR com 50 anos!

pois sei equilibrar os meus nervos!

O NERVOSISMO
 O DESÂNIMO
 A FALTA DE MEMORIA
 A DIMINUIÇÃO DE
 VITALIDADE SEXUAL,
 MENTAL E ORGÂNICA
 são as consequências
 da perda de fosfato

Fosfosol é a fórmula científica mais concentrada em fosfatos e de assimilação imediata.

Logo depois das primeiras colheradas ou injeções, sentir-se-á outro! ANIMADO! FORTE! DISPOSTO para o trabalho e para o prazer!

FALTA ALIMENTO AOS NERVOS
 FALTA FOSFOSOL

Se não encontrando nas farmácias e drogas, escreva ao depositário — Caixa Postal, 1874 — São Paulo

mais concentrado

FOSFOSOL

ELIXIR OU INJEÇÃO (INTRAMUSCULAR)

Inquietação!

Ainda mal despertados,
 saltam do leito, olham em torno,
 e vão,
 pela janela aberta, para o espaço,
 mergulhar na paisagem de ouro e anil...
 E como são robustos e gadios
 sobem os morros,
 correm os prados,
 pulam os rios...

Nada, nada os detem, na sua inquietação!

Mas, se tu passas,
 sedentos de beleza e de mistérios,
 ficam circuntraçando os teus contornos,
 teimosamente,
 como se quisessem
 arrancar-te do ambiente,
 como se procurassem recortar-te,
 como se recorta uma gravura de arte...

Mas, tu desapareces no caminho,
 e eles, inúteis pela tua ausência,
 ficam tristes, sem brilho e se fecham e sonham...
 Sonham que tu — Mulher anônima,
 tu, Mulher-síntese
 de todos os amores,
 hás de voltar...
 E eles brilham, de novo
 para te esperar!...

Meus pobres olhos sonhadores...

Mário Lopes de Castro

Raimundo Rodrigues

Fazendo um ligeiro balanço nos destinos dos homens que viveram submetidos ao imperativo de sua consciência e de seus deveres, não se deve deixar perder no turbilhão o nome de Raimundo Corrêa Rodrigues aquela figura apostólica que sincronizava aos seus melhores anseios toda a existência da empresa em que empregava sua atividade.

Era o chefe dos escritórios da Companhia América Fabril, nele, se refletiam, vivas e palpitantes, as múltiplas atividades da poderosa organização, sem que nenhum detalhe, por menor que fosse, escapasse à sua percepção para se perder no olvido ou no alheamento.

Era, portanto, um livro humano. Nêle se poderia lêr tudo na convicção de que estivesse contemplando e sentindo o esplendor das grandes realidades.

No seu posto não via em si mesmo senão o

executor, em forma e em estilo, de tudo quanto refletisse o interesse da empresa a que servia, e que também compreendia o amor de seu auxiliar às responsabilidades que lhe tocavam. Daí, ter por vezes o aspecto singular do cético, quando, ao contrário, era um crente, como se tornaria fácil de constatar num sim-

ples encontro, fóra do âmbito com que operavam. Aí, não mais se encontrava o homem sombrio e reservado, mas outro absolutamente diferente, alma aberta ao sol, sorriso franco e aberto.

Nessa grande atividade Raimundo Rodrigues viveu longos anos, menos que o necessário, mas, se Deus assim o quis, aceitemos Sua vontade.

Nos escritórios da América Fabril foi, agora, inaugurado o seu retrato, e ali, simbolizará o trabalhador consciente, que soube corresponder à confiança que depositam nêle seus chefes, para que os que o encarem cultivem o espírito de sacrifício para bem servir às causas que abraçarem e, por essa forma, servir também ao Brasil.



e centenas de firmas comerciais em todo o Brasil, mantêm mais de 400.000 contos de títulos de Kosmos Capitalização S. A., que lhes assegurarão a constituição desse capital. A CAPITALIZAÇÃO foi detidamente estudada, em diversos países por técnicos-matemáticos de valor e juristas de renome. Seu funcionamento é regido por lei e sua fiscalização é feita pelo Governo. Essas circunstâncias e a aceitação e confiança pública que a Capitalização tem tido, vem confirmar as palavras do Chanceler Oswaldo Aranha, quando Ministro da Fazenda:

"É incontestável o benefício que as Capitalizações prestam à coletividade. Elas vão buscar na economia popular as pequenas contribuições individuais, que de nada serviam, para transformá-las em massas colossais de dinheiro, movimentando e fecundando a indústria e o comércio, criando empresas novas, desenvolvendo o crédito e o bem estar das populações".



Característica própria do homem verdadeiramente culto é a capacidade de aproveitar, não somente os frutos de sua própria experiência, mais também os da alheia.

"Stefan Zweig"

{ 96 sorteios anuais. Sorteios duplos em Dezembro. Resgate e empréstimos garantidos. Participação nos lucros sociais. }

ECONOMIZAR É ENRIQUECER

★ KOSMOS ★
CAPITALIZAÇÃO S.A.

SÉDE: RUA DO OUVIDOR, 87 - RIO DE JANEIRO
Capital 2.000.000\$000 - Realizado 800.000\$000

Tupan

Escritório em S. Paulo: R. Alvares Penteadó, 24 - 2º - C. P. 2798 - Tels. 2-8707 e 3-1382

AS ARTES E SEUS CULTORES

Vale um povo, também, pelo coeficiente de sua cultura. Este nível e as vezes até eleva o seu esponencial no concerto geral dos diversos países, marcando-o como valor e como força mental.

No Brasil há, no seio do povo, uma tendência animadora para a cultura, maximé a cultura artística que representa uma apreciável manifestação de sua tendência para o requinte da sensibilidade.

Pelos nossos bairros espalham-se agrupamentos que se enquadram perfeitamente nesta tésse. Haja vista, por exemplo, o Centro Musical, da Fabrica de Tecidos Carioca, à rua Pacheco Leão.

Notamos ali a formação de um grupo de operários dêsse estabelecimento que cultiva não sómente a música mais ainda o drama e comédia, com muito gosto e imenso carinho, o que significa uma bela conformação do que apontamos, além de ser motivo para sincero desvanecimento para todos.

E' um aspéto de nossa cultura que bem poderíamos encarar com firmeza, para que ela se estendesse por todo o nosso querido torrão.



A SAUDE NA PALMA DA MÃO!

Uma dose de ENO medida à palma da mão e jogada em meio copo d'agua e pronta a bebida salutar que nos mantém em forma e nos garante a saude!

Mas não confunda: —

ENO "Sal de Fructa"



A GLORIA

Voltando das exequias do marechal Lyautey, o marechal Petain contava que no dia seguinte da finalização da Grande Guerra fez uma peregrinação na cidade, em cuja guarnição êle tinha servido como tenente.

A hoteleira que o acolheu tinha sido outróra a criada da pensão onde êle tomava as suas refeições. Petain pediu-lhe noticias daqueles a

quem conhecera na mocidade morando na mesma "pensão". Depois disse o seu nome.

— "Petain"? disse a hoteleira, lembro me bem dêsse nome, era um joven tenente, garboso, inteligente, muito alegre. Deve ser agora major ou talvez mesmo coronel. O marechal conheceu-o?

— Sou eu Madame...

— E eu que serví um tenente, tenho a glória de servir agora um grande marechal de França!

A EQUITATIVA

SEGUROS DE VIDA

Fundada em 1896

PRESIDENTE: DR. FRANKLIN SAMPAIO

A EQUITATIVA é a ÚNICA Sociedade de Seguros de Vida em todo o território nacional, que opéra em **Sorteios**, com prêmios pagos em dinheiro à vista. A EQUITATIVA, em todo o Brasil, é a Única companhia **mútua** de Seguros de Vida. A EQUITATIVA pertence aos seus segurados.

A Equitativa, até 30-12-1940, Pagou:

SORTEIOS	Rs. 28.560:000\$000
SINISTROS	Rs. 60.376:000\$000
LIQUIDAÇÕES	Rs. 96.305:000\$000

Pagamentos efetuados de 1 de Janeiro a 29 de Novembro de 1941

SINISTROS	Rs. 3.648:000\$000
LIQUIDAÇÕES	Rs. 5.000:000\$000
SORTEIOS	Rs. 750:000\$000

Apólices liberais — Apólices com Sorteios em dinheiro à vista — Apólices de dotação de crianças — Apólices de garantia de empréstimos hipotecários — Seguro Comercial — Seguro em Grupo.

AGÊNCIAS EM TODOS OS ESTADOS

SÉDE: AV. RIO BRANCO, 125 — RIO

(Edifício próprio)

A VOZ DA ARTE E DA CIÊNCIA EXALTANDO O

LEITE DE ROSAS

Leite
de
Rosas



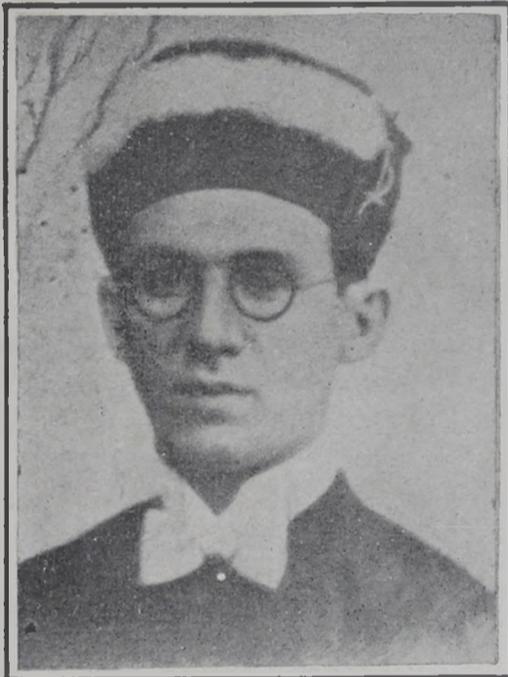
O "Leite de Rosas" é o maior amigo da beleza feminina. — Maria Duarte



"Leite de Rosas" é insubstituível e indispensável, na "toilette" diária, a quantos se dedicam a esportes e têm o nobre culto da plastica e da educação artística. — Maria Olenewa.



A arte de ser bonita — complexa e difícil — torna-se mais fácil e agradável com o uso adequado do maravilhoso "Leite de Rosas". — Olga Prager Coelho



E'-me sobremodo grato declarar que uso diariamente o maravilhoso "Leite de Rosas" após barbear-me, porque dentre seus similares julgo-o sem igual. Também no balcão de minha farmacia indico-o para as molestias parasitárias, com surpreendentes resultados. — J. M. Belem Carreiro.



A cirurgia estética tem nele (Leite de Rosas) um auxiliar plástico poderoso e insubstituível. — Dr. Augusto Linhares



O "Leite de Rosas" é um bom produto, e principalmente como desodorante eu o recomendo sempre às minhas clientes, que se têm manifestado imensamente satisfeitas com ele. — Dr. Carlos Alberto de Souza.

Três mulheres bonitas, exímias na arte de sublimar, com os recursos modernos, o encanto do "eterno feminino", três autenticas sensibilidades de artistas — uma poetisa, uma bailarina e uma cantora — grandemente conhecidas e festejadas, exprimem, nesta página, o seu entusiasmo pelo "Leite de Rosas" que consideram o maior amigo da beleza feminina. Por sua vez, três homens de ciência — dois médicos de renome e um ilustre e conceituado farmacutico — sentinelas da saúde e da perfeição plástica, exaltam as qualidades maravilhosas desse famoso produto brasileiro, tão intimamente ligado à vida da mulher atual, orientada no novo sentido da beleza feminina.

E' a voz da beleza fazendo côro com a voz da ciência para preconizar o "Leite de Rosas", excelente fixador do pó de arroz, de aroma divino e que, usado como recomenda a literatura que acompanha cada vidro, limpa, alveja e amacia a pele, conservando-a, bem como as vestes, permanentemente perfumada.



mais!

É o pedido instintivo de quem experimenta **CASCATINHA** — a cerveja pura, leve e do mais agradável sabor, fabricada com as excelentes águas da Serra da Tijuca. A sua superior qualidade satisfaz plenamente aos mais exigentes.

AO PEDIR UMA CERVEJA,
DIGA APENAS:

CASCATINHA

**GRIPE /
RESFRIADOS /
NEURALGIAS /**



TRANSPIROL

O MALHO



LIVROS E AUTORES

LENDAS DA POLONIA Prefaciado pela escritora D. Maria Eugénia Celso, vem de aparecer um excelente volume de autoria de Eva Wedber, no qual a autora reuniu belas lendas polonesas, todas cheias daquele exquisito sabor que tem as narrações oriundas daquela parte da Europa.

Escrito com singeleza, mas com espírito e sentimento, é um livro ameno, além de instrutivo, que está destinado a despertar interesse entre os que apreciam obras assim delicadas e tocadas de certo exotismo natural.

AOS MENINOS DO MEU BRASIL Um belo volume, contendo os mais sadios ensinamentos morais e cívicos, é o que ofereceu à juventude brasileira o Dr. Carlos Augusto Moreira Guimarães, brilhante figura do nosso meio jurídico **double** de intelectual e dono de estilo claro, versando os assuntos em linguagem serena e agradável.

"Cartas aos meninos do meu Brasil" é um verdadeiro catecismo para a mocidade, além de conter páginas de excelente narração histórica, merecendo, por isso, a atenção de todos os pais e professores.

CANTO DO CANAVIAL Benilde Dantas, poeta que se fará notado por sua estranha sensibilidade, ao que parece está estreitando com "Canto do Canavial". É um livro magrinho, de apenas cinquenta e tantas páginas, mas capaz, pela vibração dos poemas que encerra, de despertar emoções ao leitor.

Cantando a vida dos engenhos, poetando em torno do canavial, dos carros de bois cheios de cana, e de outros temas agrestes e bem nossos, Benilde Dantas fez ótima coletânea de versos que a gente lê com agrado verdadeiro.

A ILUSÃO MAÇONICA O sr. Ramos de Oliveira, escritor católico, autor de um romance social e de duas obras sobre socialismo, vem de publicar "A Ilusão Maçonica", reunindo uma série de artigos que originariamente vieram à luz no órgão oficial da Diocese de Juiz de Fora.

Nesse opúsculo, inegavelmente bem pensado e bem escrito, estuda a Maçonaria e sua atuação na sociedade, naturalmente sob o ponto de vista de suas convicções religiosas.

A edição é do autor, que promete para breve mais dois livros de sua autoria.

A MULHER FRIA A Biblioteca de Educação Sexual da Livraria Civilização Brasileira Editora, que tantos livros excelentes tem lançado, vem agora de oferecer aos estudiosos o seu 15.º volume "A Mulher Fria", minucioso estudo da frigidez feminina, pelo prof. W. Sheckel, cuja tradução foi confiada ao Dr. Luis Arnold. Trata-se de uma apreciável contribuição, que será bem compreendida certamente pelo público, já habituado às louváveis iniciativas da grande editora carioca.

**CONSTRUÇÃO
DAS ESTRADAS**

O nome do professor Jeronymo Monteiro Filho é

dos mais acatados e distintos da engenharia brasileira e o renome de que goza esse técnico se justifica plenamente, pelo vulto da obra por ele já realizada.

Agora mesmo, vem o prof. Monteiro Filho, de publicar "Construção das Estradas", trabalho que, por voto unânime da Escola Nacional de Engenharia, foi premiado pelo Governo Federal.



O REI OSCAR E O PERNILONGO

Faz parte da "Biblioteca Infantil Anchieta", que a editora paulista do mesmo nome, oferece às crianças brasileiras, o luxuoso volume da autoria de Mary Buarque: "O rei Oscar e o pernilongo".

História adaptada à inteligência dos nossos pequeninos patricios, a autora compreendeu o valor da figura em livros infantís e daí que o texto está tão rico de desenhos de A. ESTEVES, que a criança facilmente o escolhe entre mil.

Espécie de biblioteca pela imagem, todo o mérito desta coleção, já numa dezena de encantadores voluminhos, vem do fato primordial de não cansar a leitura e encantarem as ilustrações.

A VOZ DOS Sinos

Como terceiro volume da coleção "EX-CELSIOR", a Livraria Martins Editora, de São Paulo, acaba de lançar a obra de Charles Dickens --- A VOZ DOS SINOS.

Trata-se, sem dúvida alguma, de um dos mais belos e comoventes volumes do grande romancista inglês. Simples e humano, impregnado dessa envolvente e mágica poesia que tanto caracteriza a obra dickeseana, A VOZ DOS SINOS dá bem a medida da humanidade do seu autor Toby Veck, Meg, Fern, Lili e todos os outros personagens que Dickens movimenta com tanta arte, são criaturas impercíveis, falam diretamente à nossa alma. São de todos os tempos e logares.

GRAVETOS

Reunindo em um lindo volume, ótimamente impresso, diversos trabalhos, Edgar Proença acaba de fazer editar, pela Editora Anchieta Ltda., de São Paulo, o seu livro "GRAVETOS".

Prefaciado por Menotti del Picchia, o trabalho que está à venda em todas as nossas livrarias mereceu do prefaciador e das mais conhecidas figuras da crítica brasileira, os mais calorosos elogios e grandes aplausos.



O Sr. Beneval de Oliveira é um dos mais vigorosos escritores da nova geração. Acaba de publicar "Bub", que é, sem dúvida, um livro de grande objetividade, revelando aspectos vivos do Brasil, do ponto de vista geográfico, econômico e social.

MODELO SINGER DE PEDAL
5 gavetas. Essencialmente prático. Pode ser adquirido com motor elétrico Singer.

Lojas SINGER PARA COSTER

Idealize a Decoração de seu Lar

e realize-a com Economia!

O segredo? E' simples: cortinas alegres, capas vistosas para os moveis, feitas por você mesma, para dar à sua casa um toque pessoal... E é tão facil confeccioná-las com uma Singer, a melhor colaboradora do seu bom gosto, simplificando a sua tarefa, poupando despesas. Quando quiser sugestões, lembre-se de que as Lojas Singer aguardam com prazer a ocasião de servi-la.

Todas as agulhas e peças Singer legítimas trazem a marca registrada SIMANCO. Cuidado com as imitações.



O - 7 2

Um bellissimo livreto SINGER, GRATIS! - Envie-nos este coupon e receberá um magnífico manual ilustrado contendo interessantes sugestões sobre a ARTE DE COSER e DECORAÇÃO DO LAR.

SINGER SEWING MACHINE CO.
Caixa Postal, 2967 - São Paulo

Nome
Rua
Bairro
Cidade Est.

O Seguro de Vida ao alcance de todos

CUSTA APENAS 16\$000 POR MÊS

De hoje em diante todo homem sadio, entre 15 e 40 anos de idade, pode obter na SUL AMERICA, sem exame médico, um seguro de vida, desde 5:000\$000 até 20:000\$000, mediante a mensalidade de 16\$000 por apólice de 5:000\$000, durante prazo limitado.

S U L A M E R I C A

Companhia Nacional de Seguros de Vida
Caixa Postal 971 Rio de Janeiro

CENTRO LOTERICO
distribue verdadeiras fortunas em bilhetes e apólices vendidos em seu balcão,
na TRAVESSA DO OUVIDOR, 9

PILULAS



(PILULAS DE PAPAINA E
PODOPHYLINA)

Empregadas com successo nas molestias do estomago, figado ou intestinos. Essas pilulas, além de tónicas, são indicadas nas dispepsias, dores de cabeça, molestias do figado e prisão de ventre. São um poderoso digestivo e regularizador das funções gastro-intestinaes.

A VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS

Depositarios:

JOÃO BAPTISTA DA FONSECA

Vidro 2\$500, pelo Correio 3\$000

Rua Acre, 38 — Rio de Janeiro

Casa Spander

RUA MIGUEL
COUTO, 29-Rio

Artigos para todos os sports

Football, Basketball, Volley-
ball, Atletismo, Tennis e
Ginástica

Sandows de elastico e Alte-
res. Encordoamos Rackets
para Tennis

Pegam Catálogos gratis

O Natal de um Papá-Noel

— Maria! Maria!...

O homem chegou ofegante e em-
purrou a porta do barracão de lata.

Ninguém respondeu. A porta ran-
geu ao seu contacto e elle esgueirou-se
sutil.

Riscou um fósforo. Procurou o lam-
peão. Acendeu-o.

No chão, na esteira de palha, dor-
mia a mulher, o seio fóra da camisa e
junto adormecida uma criança loura.

O homem olhou o quadro e sorriu.
Atirou o chapéu esburacado a um
canto, sentou-se n'um caixão de que-
rozene e coçou a cabeça n'um gesto
desalentado. Procurou nos bolsos do
casaco de mescla cheio de remendos
uma ponta de cigarro e chegou-a à
chama do lampeão.

Tirou uma tragada, olhou para a mu-
lher que dormia e chamou:

— Maria! Maria!

Quiz desperta-la, porém teve pena
e deixou-a dormir.

Era melhor que dormisse. Assim não
sentiria fome. Bastava elle, que sentia
a revolta do organismo sem alimento
desde a vespera.

— Que vida, meu Deus! exclamou.

Sem trabalho há três anos. Vivendo
de malabarismos incriveis, e passando
fome com esta mulher e aquêl filho.
Já experimentara tudo. Fôra até men-
digo e a falta de sorte acompanhando-
lhe como um cão pestoso, como
sua própria sombra.

Lembrava agora da vez que pedira
à mulher que procurasse um outro. —
Ainda era tão nova! — A criança, en-
jeita-la-ia. Tem tanta gente por aí que
tem vontade de adotar uma criança...
no último caso deixa-la-ia n'um banco
de praça e saíria correndo.

— Todo o dia a gente não vê nas
gazetas, notícias de crianças perdi-
das?!...

— Não! não posso deixar-te agora...
foste sempre tão bom para mim...

— Já é tempo de deixar as ilusões,
Maria! Os desgraçados não teem di-
reito a ter sentimentos. Até estorvas
minha vida. Podia jogar-me sob as ro-
das de um automovel de luxo ou mes-
mo de um trem e ganharia a salvação
e quatro linhas na secção policial dos
jornais.

Às vezes penso que devia maltratar-
te. Ser máo, embriagar-me e pôr-te
aos ponta-pés para o meio da rua. En-
tanto és tão amorosa que chegas a
causar-me lastima...

Porque pensava agora nestas coisas?
Porque dera um golpe infeliz? Ora...
amanhã, talvez...

A mulher mexeu-se entre os trapos.
Os olhos feridos pela luz do lampeão,
fizeram-na levantar-se assustada. Já se
acostumara a estes sobressaltos:

— Que foi? Como foi? Alguem te
bateu?

— Nada, Maria... foi nada... vai dor-
mir. O guarda noturno estragou tudo...
tropecei, o saco caiu. O malvado não
atirou porque não quiz. E ainda disse
de perversidade:

— Papá-Noel, olhe o seu sacco...

Pela frincha do telhado a lua jogou
uma talhada de luz sôbre a cabeça do
menino que dormia, parecendo uma
aureóla de santo de nicho de casa
pobre...

Os sinos distribuiam dentro da noi-
te festiva o convite sonóro para a
Missa do galo...

AUGUSTO ALBERTO CROESY

**Ei-la...
no meio do salão!**

MAIZENA BRASIL S. A.
CAIXA POSTAL, F. SÃO PAULO 11 7

25 **Gratis! Remeta-me seu livro
"Receites de Cozinha"**

NOME.....
RUA.....
CIDADE.....
ESTADO.....

Anita sempre estava cansada e displicente. Alguem lhe sugeriu alimentar-se com MAIZENA DURYEA e... que diferença! Verdadeira transformação! De pálida e triste, converteu-se em uma visão de energia e vitalidade, sorridente e vivaz... gozando a vida, desde que começou a fazer uso desses deliciosos pratos preparados com MAIZENA DURYEA.

O valor nutritivo da MAIZENA DURYEA transforma-se em vigor e alegria. Peça, sempre, MAIZENA DURYEA. À venda em toda parte.

Verifique
o nome DURYEA
e o acampamento
indio em cada
pacote.

Dr. Arminio Fraga
Da Academia de Medicina
e Livre Docente da
Faculdade

Molestias de Pele
Raios X e Fisiotera-
pia em geral

Travessa do Ouvidor, 36 - 1.º
Tel. 23-4310

Vis medicatrix

Enlacei de tal forma a realidade e o sonho
Que não sei quando vivo e não sei quando sonho!

Se a vida me castiga, é o sonho que me abriga;
Se o sonho me intimida, eu fujo para a vida...

Há momentos, porém, em que ambos, em conjura, se
se voltam contra mim,

numa aliança forte,

e eu penso ouvir, então, uma voz que murmura:

— Nem tudo está perdido: ainda há remédio — a

[Morte!...

MARIO LOPES DE CASTRO

O presente melhor

(A' Léa)

Para o teu devaneio e encantamento,
Não encontrei nas lojas da cidade,
O que dissesse ao teu temperamento,
A expressão mais sincera da verdade...

A vida nos ensina em tal momento
Que predomina a naturalidade,
Nada melhor exprime o pensamento
Do que a lembrança da simplicidade...

Saí para colher as rosas raras,
Tão lindas, orvalhadas no jardim,
Tão diferentes dessas joias caras!

E no perfume que elas exalavam
Despetalando rimas para mim,
Encontrei o presente que te davam.

HUMBERTO CESAR MARTINS

Variedade, Qualidade e Economia

MIOVIEIS A.I.F.COSITA

(A maior galeria de moveis do Rio)

Para vossos moveis um só endereço:

Rua dos Andradas, 27 — Rio

época

TINTURA FLEURY

O verdadeiro restaurador da juventude para o seu cabelo!

EM 18 TONALIDADES DIFERENTES RESTITUE A COR NATURAL EM POUCOS MINUTOS

APLICAÇÃO FACILÍMA. Peça ao nosso serviço técnico todas as informações e solicite o interessante folheto A ARTE DE PINTAR CABELOS, que distribuímos gratis

CONSULTAS APLICACÕES VENDAS

Rua Sete de Setembro, 40 sobr. Ric. da Janelra C.M.

NOME RUA
CIDADE ESTADO

LYTOPHAN

VARIOS ASSUNTOS



CABELLOS
BRANCOS
QUÉDA
DOS
CABELLOS

**JUVENTUDE
ALEXANDRE**



Chá em homenagem à poetisa e escritora Adalgisa Bittencout realizado na Confeitaria Colombo.



Enlace Abilio Malheiros Magalhães — Dirce Pereira.



Walter Alves da Cunha, aplicado aluno do Colegio Militar desta Capital e filho do Casal Capitão Raymundo Alves da Cunha.

Galeria Santo Antonio

Restaurações de quadros a óleo.
Molduras simples e de estilo. Exposição permanente de quadros a óleo de artistas nacionais.

Especialistas em restaurações de quadros a óleo.

COUTO VALLE & CIA.

RUA DA QUITANDA, 25
Tel.: 22-2605

RIO DE JANEIRO



Enlace Elidia Augusta Sobral — João Crisostomo da Cruz



Denise Socci Tourasse e Elisabeth Marks que tomaram parte na audição de alunos de Nair, Laura e Alda Bevilacqua Barroso Netto.

VINOVITA



TONIFICA O SANGUE

ESTIMULA O CEREBRO

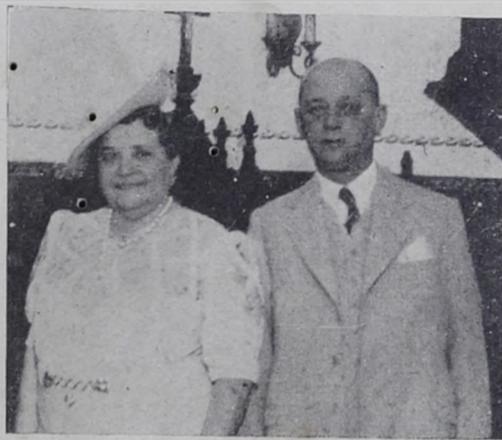
DÁ ENERGIA AOS MUSCULOS



Flagrante colhido no auditorio da A. B. I. quando do espetáculo "Noite Folclórica", organização por Mitres do Vale.



Enlace Senhorinha Lieselote Muter — Dr. Helmar Bastos Tavares Devoto.



O casal Francisco de Paula Lobo, que comemorou a 6 de Novembro suas bodas de prata. O Sr. Paula Lobo é tesoureiro da Casa da Moeda, onde desfruta grande estima e sua esposa, D. Zelinda Rodrigues Silva de Paula Lobo dirige com rara proficiência o Colegio Paraíba.



Grupo feito por ocasião do baile de aniversario da Senhorinha Nadir de Miranda Medrado Dias.

Ai!..As minhas costas!



LINIMENTO
Granado

NEURALGIAS
FACIAIS OU
INTERCOSTAIS
DOR DE CADEIRAS
CAIMBRAS
DORES REUMATISMAIS
T. TARQUINO

DESPERTE A BILIS DO SEU FIGADO

Sem Calomelanos—E Saltará da Cama Disposto Para Tudo

Seu figado deve derramar, diariamente, no estomago, um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gazes incham o estomago. Sobrevem a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martyrio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Nada ha como as famosas Pillulas CARTERS para o Figado, para uma acção certa. Fazem correr livremente esse litro de bilis, e você sente-se disposto para tudo. Não causam damno; são suaves e contudo são maravilhosas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pillulas CARTERS para o Figado. Não acceite imitações. Preço 3\$000

NÃO USOU



O João morreu do peito,
Tossia como um damnado!
Turrão... não havia geito
De tomar RHUM CREOSOTADO!

USOU



Vendo isso o Gil, que sorte!...
Sendo do mal atacado,
Ficou logo nedio e forte,
Tomando RHUM CREOSOTADO

ABUSOU



E o Chiquinho? um lambisgoia,
Um magriça, um pé rapado,
Torna-se um Chico-Boia,
Por ter do RHUM abusado



Evite, porem, com LEITE DE COLONIA as manchas e sardas causadas pelo rigor do Sol

Si a Sra. aprecia os sports e passeios ao ar livre, saiba gozal-os alegremente, sem temer as injurias do Sol! Resguarde sua pelle alva e delicada de sardas, manchas e queimaduras provocadas pela intensidade dos raios solares! Adopte um tratamento efficaz para proteger sua cutis e corrigir as suas imperfeições. Use diariamente Leite de

Colonia. Quando sahir ao campo, faça uma leve massagem com Leite de Colonia sobre o rosto, collo e braços, repetindo-a sempre que voltar para casa. Leite de Colonia neutralisa a inclemencia do Sol e remove manchas, sardas, espinhas, cravos e outras erupções da cutis. Leite de Colonia limpa, alveja e amacia a pelle. Use-o sempre!

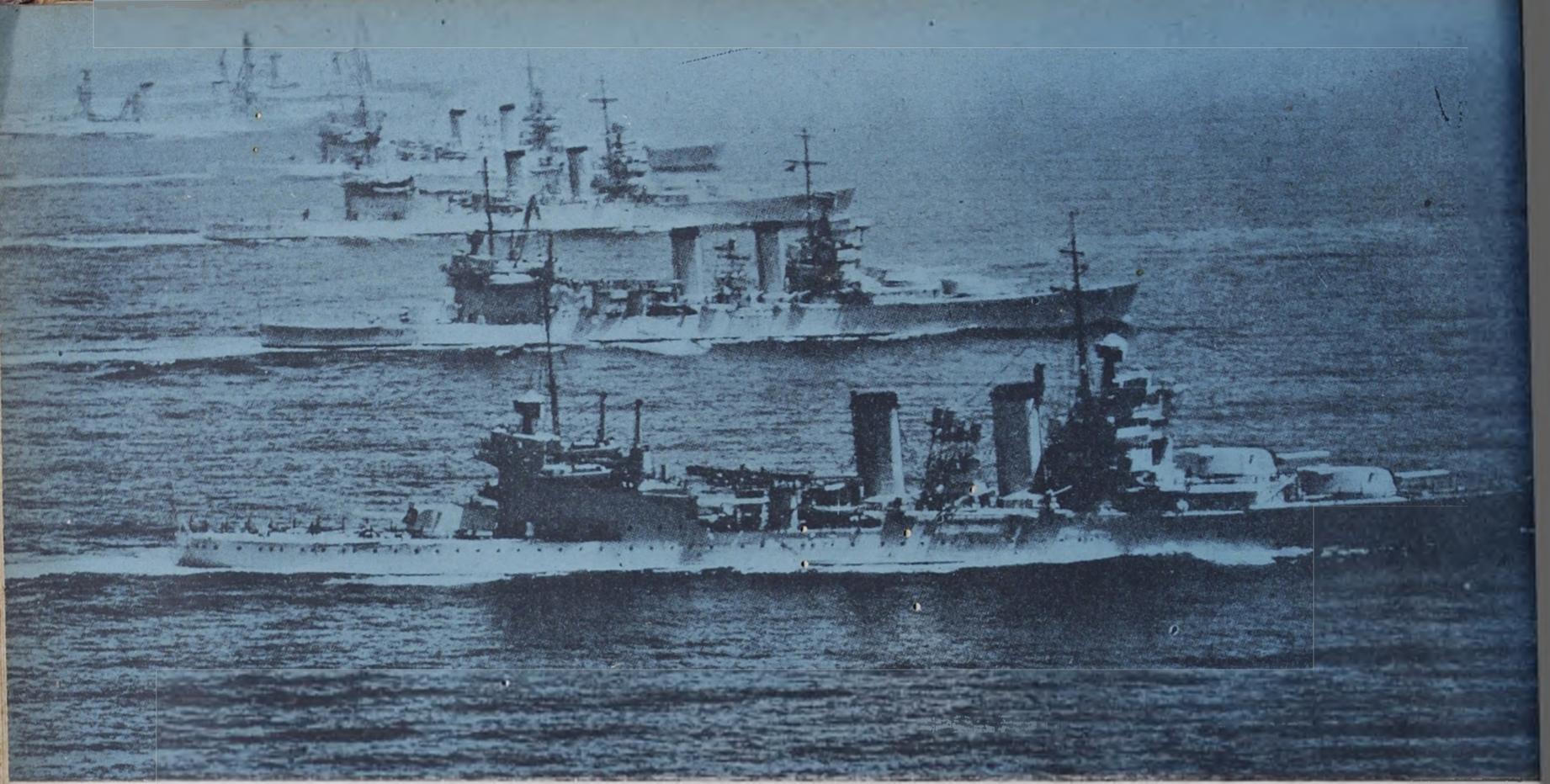
Leite de Colonia,



STAFIX fixa o penteado e dá brilho ao cabelo de senhoras e cavalheiros.

O Ano Novo

O ANO DE 1942 PRINCIPIA PARA NÓS SOB OS PEIORES AUGÚRIOS. A GUERRA, QUE CONVULSIONA O MUNDO LÁ FORA, PASSOU A RONDARNOS A PORTA MAIS DE PERTO. A AMÉRICA ENTROU PARA O ROL DOS CONTINENTES CONFLAGRADOS, E NINGUEM PÓDE SEQUER IMAGINAR AS TREMENDAS SURPRESAS QUE NOS RESERVAM OS 365 DIAS DESTE ANO. SEJA COMO FÔR, NÃO DEVEMOS PERDER A FÉ E A ALEGRIA. POR MAIS NEGROS QUE SEJAM OS DIAS QUE ESTÃO POR VIR, NÃO TEMOS O DIREITO DE DESESPERAR. NOSSO HEMISFERIO É UM MUNDO AINDA QUASE VIRGEM, CUJAS FORMIDÁVEIS ENERGIAS, ATÉ AQUI SEMI-ADORMECIDAS, SÃO CAPAZES DE OPERAR MILAGRES. A COLETIVIDADE DA AMÉRICA ESTÁ EM PAZ COM SUA CONCIENCIA. NÃO É UMA COMUNIDADE DE NAÇÕES AGRESSORAS. PARA NÓS PASSOU O PERIODO DAS CONQUISTAS, E O NOSSO IDEAL, COMO POVO, O IDEAL QUE ENSINAMOS AOS NOSSOS FILHOS, QUE PREGAMOS EM NOSSOS COMICIOS, QUE PINTAMOS EM NOSSOS LIVROS, QUE DÁ VIDA ÀS NOSSAS CONSTITUIÇÕES POLÍTICAS, QUE TRANSPARECE EM NOSSOS TRATADOS — É O IDEAL DA PAZ, É A FRATERNIDADE COM TODAS AS GENTES DA TERRA, É A VIDA COM LIBERDADE, COM SEGURANÇA, COM JUSTIÇA. POR ISSO, PODEMOS ENCARAR COM TRANQUILIDADE O FUTURO, SE EXISTE UMA LEI MORAL QUE GOVERNA O MUNDO, NOSSA PAZ É ABENÇOADA POR DEUS, E NOSSA FORÇA É ANIMADA PELO SÔPRO DO SENHOR DOS EXÉRCITOS, QUE É O SÔPRO DA JUSTIÇA E DO PATRIOTISMO. PODEMOS FAZER DO ANO QUE ENTRA, MESMO QUE OS ACONTECIMENTOS ASSINALEM DIAS NEGROS NO CALENDARIO DE TODO O MUNDO, UM ANO BOM, MANTENDO LIMPO O CORAÇÃO, SERENO O ESPIRITO, INTEGRA A FÉ EM NÓS MESMOS, EM NOSSA PÁTRIA E NOS IRMÃOS DE TODA A AMÉRICA E DO MUNDO INTEIRO QUE CONOSCO COMUNGAM OS MESMOS IDEAIS E ALIMENTAM AS MESMAS ESPERANÇAS.



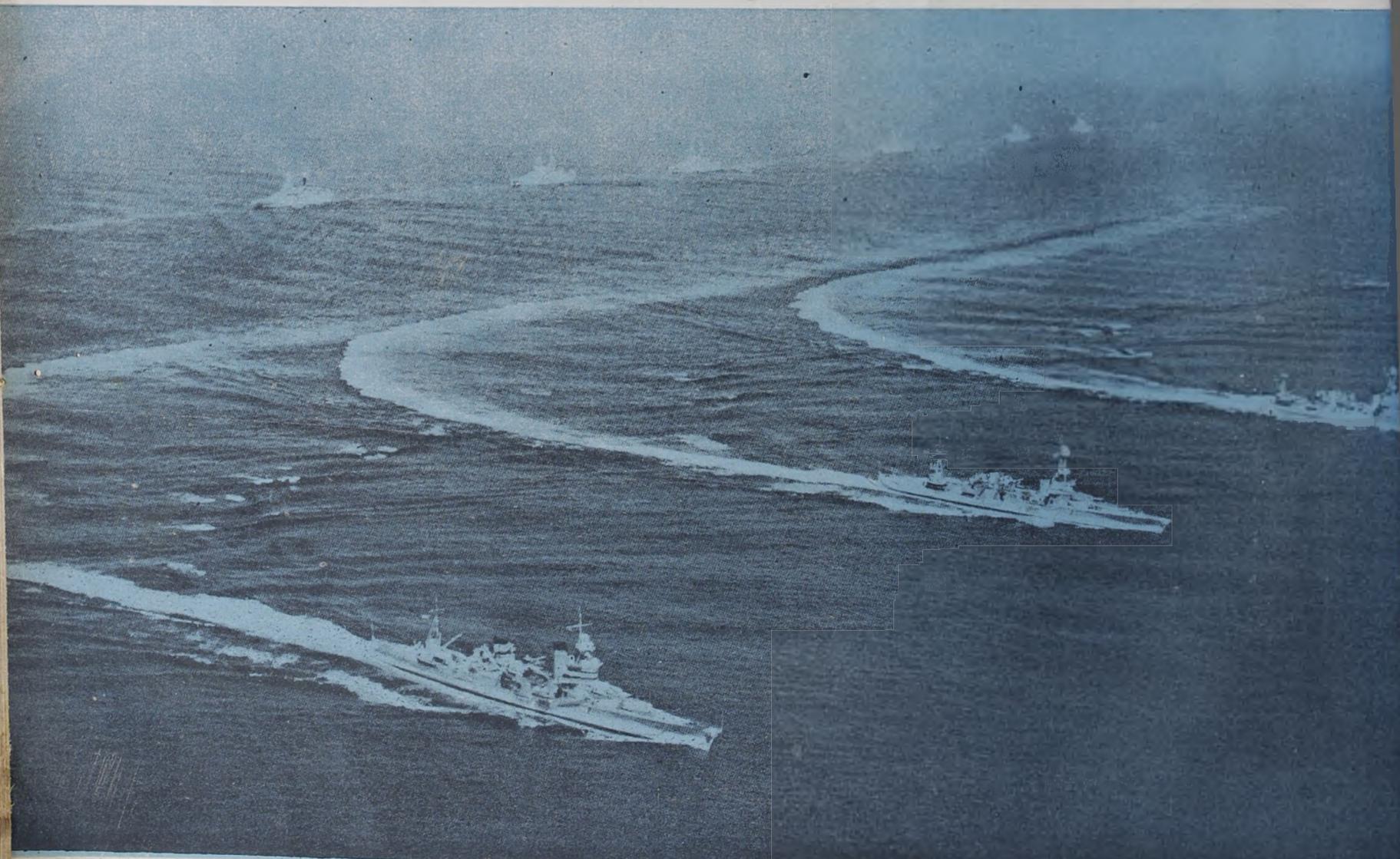
OS ESTADOS UNIDOS EM GUERRA COM O JAPÃO

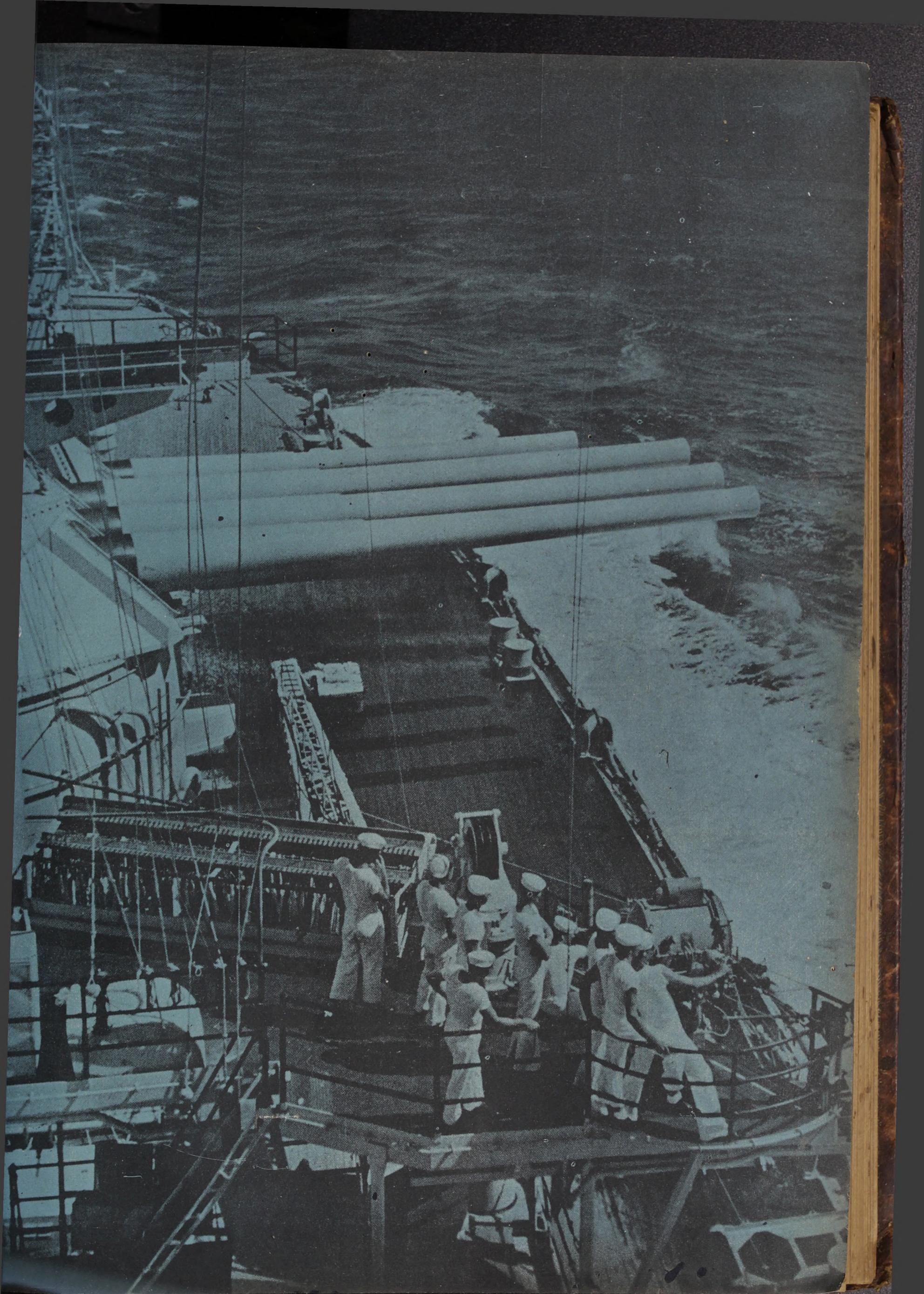
DECLARADA a guerra entre os Estados Unidos e o Império Nipônico, a grande democracia do norte vai ter ocasião de pôr em evidência o seu formidável poderio naval.

Possuindo atualmente a esquadra maior do mundo, agindo em dois oceanos, tio Sam em guerra com o Mikado movimenta agora nada menos de 104 submarinos, 159 destroyers, 37 cruzadores de batalha, 17 cou-

raçados e 6 porta-aviões, com o concurso dos quais defenderá os princípios da liberdade e da democracia, assistido pela solidariedade de todas as nações do continente americano.

Vemos nesta página cruzadores pesados da "U. S. Navy" em manobras de guerra, em linha de combate e realizando uma curiosa operação para varrer o inimigo, e em frente 4 dos seis possantes canhões do "Idaho", postos em nível para carregar.







Futuros atletas, num torneio interno de atletismo.

talecimento e da eugeniação da nossa gente. Aqui estão aspectos calhidos em seu "gymnasium", ao qual aflúe uma galharda mocidade, para praticar todos os esportes orientada por técnicos de reconhecida capacidade.

A JUVENTUDE QUE SE TORNA FORTE

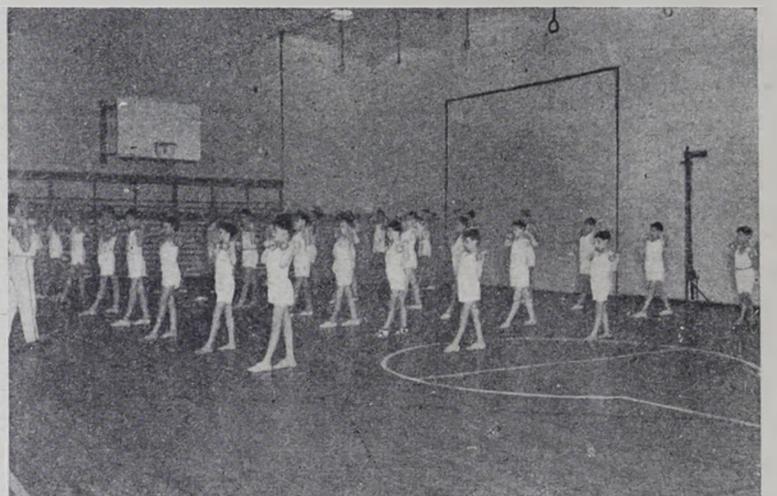
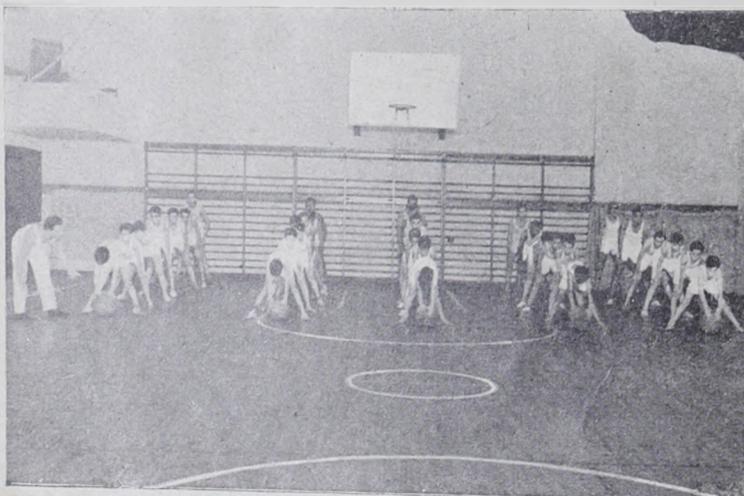


Exercícios de estética numa piramide de "menores"

A DEXTRANDO em tôda a espécie de exercicios atléticos uma boa parte da juventude carioca, a Associação Cristã de Moços vem prestando relevantes serviços à causa do for-

"Menores" prontos para uma "saída" tecnica

Preparando o físico numa classe de calistenia



Postaes
do
BRASIL

(Fotos R. C. Brosh)



ANGRA DOS REIS



PAQUETA



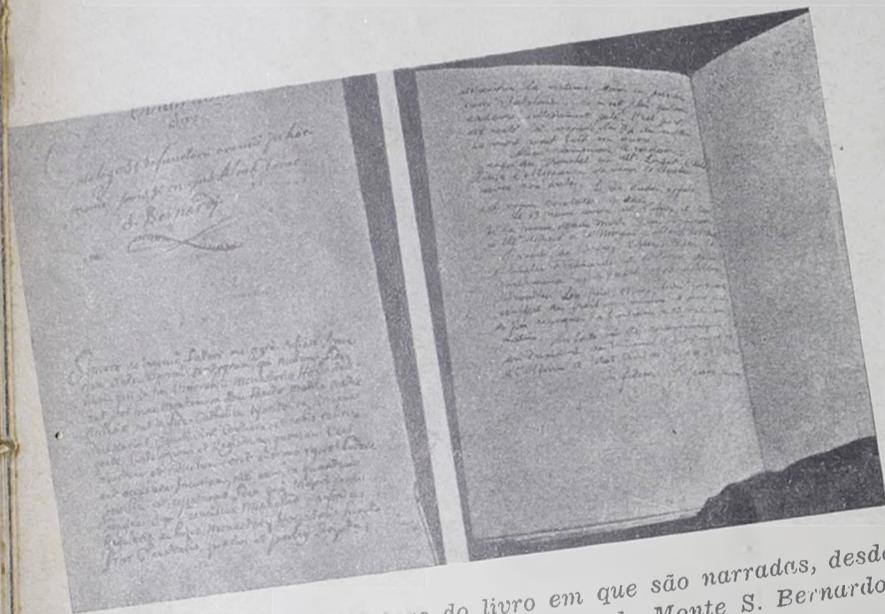
Um homem, u'a mulher e uma criança. Foram encontrados, em 1820, nos arredores do Convento, mortos de frio.

O Monte São Bernardo -- cenário de esplendores e trevas

branca com a generosa incumbência de guiar, de agasalhar ou de salvar os que se transviam, se sentem exaustos, ou são vítimas de algum acidente.

O prior do Convento representa naquelas alturas o presidente do Tribunal de Entremont, cabendo-lhe o encargo de fornecer à autoridade judiciária todos os informes sôbre a iden-

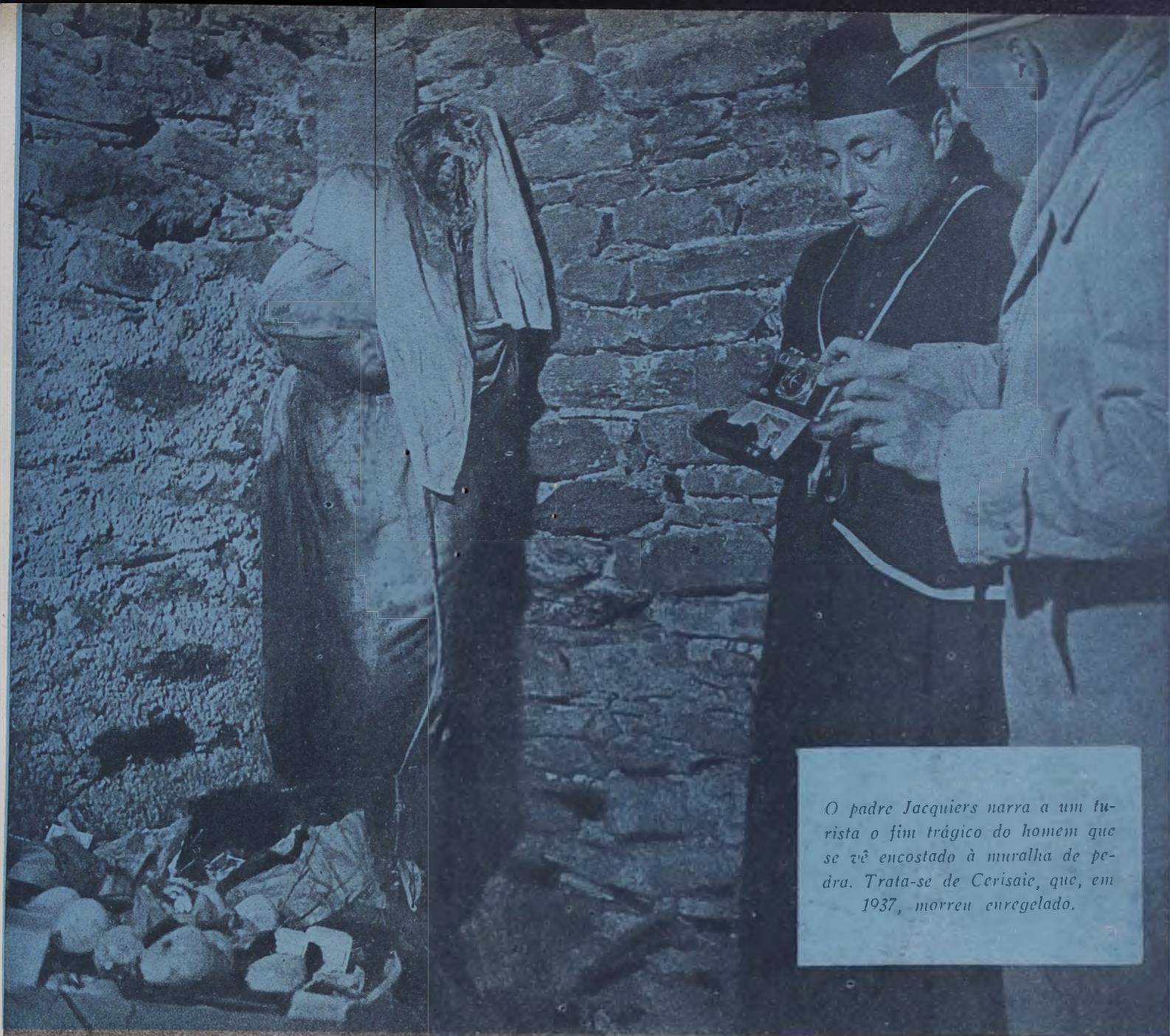
A morgue, o cenitério dos alpinistas.



Dois páginas do livro em que são narradas, desde 1600, as tristes ocorrências do Monte S. Bernardo.

Os religiosos de S. Bernardo possuem, desde o ano 1.000, aproximadamente, nos Alpes, a uma altitude de 2.500 metros, o seu monastério, que se tornou conhecido devido aos inúmeros feitos de heroísmo cristão praticados pelos bondosos eremitas que o habitam. Seguindo à risca os conselhos de S. Bernardo de Menthon, que deu seu nome à ilustre Confraria, os padres alpinos percorrem diariamente a montanha





O padre Jacquiers narra a um turista o fim trágico do homem que se vê encostado à muralha de pedra. Trata-se de Cerisaie, que, em 1937, morreu enregelado.



Os que morrem enregelados se mumificam e conservam a expressão de seu sofrimento atroz.

tidade das vítimas e as circunstâncias trágicas que rodeiam a sua morte. Os religiosos possuem um registro onde são consignados, para a autoridade judiciária, todos os fatos ocorridos na montanha.

Eles se dão também ao trabalho de sepultar os alpinistas encontrados sem vida sobre a neve ou nos precipícios. Os cadáveres são depositados numa morgue, que substitue, perfeitamente, os túmulos, que se não podem abrir na rocha, recoberta, geralmente, por densa camada de gelo.

Com os religiosos, que pertencem à Ordem dos Agostinhos e são, atualmente, em número de 20, vivem dezenas desses solícitos mastins, vulgarizados pela designação de "cães de S. Bernardo", ótimos auxiliares dos religiosos na doce missão de propagar o bem.

No pequeno templo, que os Padres de S. Bernardo fizeram construir sobre a rocha, celebram-se missas, todos os dias, assistidas pelos peregrinos e parentes dos sacerdotes.



O JOCKEY CLUB SOCIAL



○ Jockey Club Brasileiro, tirando o máximo proveito das lindas tardes de sol deste fim de primavera, continúa a oferecer à elite carioca magníficos espetáculos turfísticos, atraindo para a grande e já afamada pista turfística da Gávea o que há de mais fino e elegante na sociedade local.

Os instantaneos aqui reunidos mostram aspectos de uma dessas "matinéas hípcas" do Jockey, que é inegavelmente o principal centro desportivo da cidade.

PARABOLA DOS

Três Reis Magos

Herodes braveja contra Deus, quando em Bethlem, da Judéa, nasce Jesus.

A palavra do profeta havia sido cumprida. No céu, brilha a estrela mais bela que jamais luziu sobre a terra.

Ela revela aos homens que o rei dos judeus está no mundo.

Três reis magos, abalam-se da Arabia e, guidos pela estrela maravilhosa, chegam ao palácio do monarca.

— Ensina-nos, Herodes, diz Baltazar, em que lugar se encontra o rei dos judeus, que acaba de nascer?

O rei perturba-se:

— Rei dos judeus? Que rei será esse?

E dando uma ridícula gargalhada, reúne todos os principais escribas e sacerdotes da sua corte.

— Onde nasceu o rei dos judeus?

Ninguém responde. Uns olham os outros atônitos, enquanto Herodes ri, ri muito, diante dos reais visitantes.

Já os três magos estão prontos a partir, quando ouvem que nos jardins do palácio há uma multidão de curiosos.

Então, o mais moço tem uma idéia. E chegando-se de novo para Herodes, diz:

— Herodes, se tu não sabes onde nasceu o Salvador, pergunta ao teu povo que ele te responderá.

Outra gargalhada, mais ridícula ainda, que a primeira, desafia os ouvintes:

— Se eu não sei, si os meus sacerdotes não sabem, como pode o povo saber?

Volta-se, no entanto, irônico e mordaz para os circunstantes, e diz de cima a multidão e pergunta:

— Qual de vós sabeis onde se encontra o rei dos judeus?

E, todos, a uma voz:

— Em Bethlem da Judéa!

— Em Bethlem da Judéa!

— Em Bethlem da Judéa!

Três vezes a multidão repete o grandioso acontecimento.

Herodes espanta-se.

Encolerizado, manda correr o povo a chicote. Mas, quando o jardim se esvazia e ele pensa: — Belchior, quebrando o silêncio, pondera:

— Viste, Herodes? Só tu não sabias nada... Entretanto, todo o povo do teu reino sabe que foi em Bethlem.

E acrescenta:

— E que os tetrarcas, como tu, nada querem saber dos pequenos! Quando poderias imaginar que de Bethlem, o mais humilde de todos os lugares de Judá, haveria de sair aquele que hade pastorear todo o reino de Israel!

Então, Herodes, baixando os olhos, já senhor dos seus planos sinistros, murmura entre dentes:

— Vai! Informa cuidadosamente, acerca do menino e quando o tiveres achado, avisa-me, para eu também o adorá-lo!

Assim, os três reis partiram, jubilosos, levando ouro, incenso e mirra para o filho de Deus feito homem.

Mas não voltaram a Herodes. Aviltados, em sonho pelos anjos, regressaram por outro caminho.

Herodes, o Poderoso, tomara-se de cólera porque desde aquele dia, principiara a acreditar na força da humildade.

GASTÃO PEREIRA DA SILVA



CALMON
1913

A um canto do bosque da Vida, a Música, a poesia, a Pintura e a Escultura, diplomática e solenemente, discutiam.

Disputavam, na barafunda dos argumentos — às vezes, falsas verdades, ou verdades falsificadas — a primazia, no mundo, das cousas belas e apreciáveis.

Era uma discussão interessante. Ninguém gesticulava; não se ouvia o mínimo ruído. Tudo era silêncio e meditação. Creio, só entre as Artes, uma pugna assim se procede.

Entre todas, lá estava Cupido, representante oficialíssimo do Amor, que, lépido, corria em volta delas.

Falou, a princípio, a Música, filha de Euterpe... Esta, no alvoroço de suas palavras, sublimes tal ela mesma, argumentou, dizendo em sua bondosa linguagem:

"Nem uma de vós, é como eu... Nem uma de vós, expressa tão bem o sentimento do artista... Eu, só eu, o ritmo, a melodia, o sentimento externado, conseguí entumescer, em êxtase, o seio mais puro da mais pura donzela... Eu, só eu, no impulso verdadeiro da Inspiração, conseguí, nos domínios da Inteligência e do Talento, representada pelo Gênio, acalantar os que sofrem... Sou, talvez, um bálsamo; quem sabe?"

Essas palavras saíam doces, mas orgulhosas. Sentia-se, quando ela falava, um som meiodioso, um vibrar tênue, dêsse vibrantes que só a alma da gente percebe... Sim só a alma da gente — porque tudo era silêncio, ainda.

Logo após falou, secundando-a, a Poesia, que argumentou de modo mais sincero:

"Minha colega, a Música, falou da sua melodia... Não é menos real a que possui... Um verso quebrado, uma rima dissonante, logo nos fere o ouvido. Daí, também, a melodia no verso. Ademais, não

A ARTE MÀTER

FRIGDIANO GUIMARÃES

basta ter ouvido para escutar-me, como acontece à minha nobre amiga; a música, levada pela melodia, pelo ritmo, que são seus característicos, tem, com facilidade, a admiração de todos. Eu só aos cultos aos intelectualmente desenvolvidos, interesse. Atualmente, valho muito mais. Sou até filosofia, além de amor, sentimento, dór, mágoa, que sempre o fui.

Quem vos representou, senhoras, melhor do que Homero a mim? Esse Homero cujo berço é cousa disputadíssima... Conheceis porventura, Esquilo ou Virgílio? Que dizeis de Dante? Imortal, tornou-o a Divina Comédia... E Camões? Os Luziadas, hoje, são não poesia sómente; mas também, obra de estudo, cadastro histórico de Portugal. Falemos de Lamartine, de Hugo de Castro Alves, de La Fontaine, o inimitável... Falemos e calemo-nos para sempre"...

Falou por sua vez a Pintura:

"Sinto-me forçada a vos aplaudir por tão notáveis argumentos mas a Verdade ninguém foge. Rio-me até de ver-vos tão convictas das vossas Teses quando sabeis que a Vida a própria Vida sem o colorido, nada significa. O segredo da côr é cousa sublime. O artista quando pinta um retrato, notam-se todos os traços fisionômicos. Quando pinta uma paisagem, faz com que as cores, pinceladas que se acardumam, e que de perto nada representam, ofereçam ao observador a percepção exata do real, do verdadeiro.

Se eu tivesse de enumerar todos os Gênios que se immortalizaram sob o meu domínio muito teria que citar. Lembro-vos, sómente, o que é necessário. Honro-me de ter para mim, unicamente para mim, os vultos de Rafael, Murilo, Leonardo da Vinci, Millet, Corot, Courbet, Manet e o grego Apeles, que devido à sua descomunal alma de artista, foi vítima de várias lendas que, ainda assim, muito concorreram para sua celebridade".

"Admiro ciciou tímida a Escultura — a nossa colega, a Música, argumentar tão bem e se esquecer dos seus Beethovens, Webers, Mendelshons, Schumanns, Schuberts, Berlioz, Gounods, Liszts, Carlos Gomes, dos seus Verdis e outros..."

Todas vós tendes razão, senhoras. Todas vós tendes a pretensão de ser a primeira. Quanto a mim, nada posso clamar. Não quero ser suspeita em falar de mim mesma. Que adiantaria dizer que comigo se notabilizaram Carpeaux, Rodin, Viollette Duc, Manet e outros, pois se sei que sou pouco apreciada; pois se sei que de nada valem meu buril e meu cinzel?... Portanto convido-vos, senhoras para que, reunidas, façamos um concurso, onde possamos expôr nossas Obras-Primas, tirando assim a conclusão que necessitamos".

— Bravos! — aplaudiram todas.

— E quem nos julgará? — perguntou a Música, um pouco preocupada.

— Convidemos a Ciência — retrucou a

Escultura. Ela é honesta, e, além disso, tudo sabe...

Ótima, tua idéia cara colega... — disse a Pintura contente.

Sobre aquele ambiente, uma nuvem imensamente espessa, pairou... Após via-se, ali mesmo, uma grande sala, toda atapetada e cheia de reposteiros, que mudavam de côr, de acrodo com o gosto de quem os via.

Uma tribuna esbelta, a um canto da sala, se erguia. A mesa que as havia de julgar, era toda coberta por um veludo lindíssimo, com desenhos a ouro. E cintilava... Ao centro da mesa, risonha, bonachã, meio sabiscaída, lá se encontrava a Ciência, a boa velhinha que nos acode no decorrer de cada século que passa. Sua fisionomia tudo indicava... Era como se ela mesma falasse:

— Ser útil, é o meu eterno desejo...

Os Deuses, representantes de todas as Artes, ladeavam a Ciência. Numa poltrona esplêndida, que mais parecia um trono, lá estava a Justiça, a impassível, justiça convidada de honra.

Distribuído o material, todas as concorrentes iniciaram a sua Obra.

A Poesia, desesperada, procurara, embalde, uma rima... E não vinha... Isso a indignava... Tudo a perturbava... As palavras saíam ásperas... Um verbo duro. Uma cousa horrível... Em lágrimas, já lamentava sua mesquinha situação.

No mesmo momento a Música, também numa agonia louca, resgava suas composições... Não aparecia uma nota que a satisfizesse...

A pintura grunhia atirada sobre seu cavalete. Aquilo não era pinturá; eram borrões. E que borrões pavorosos!... Falhavam as pinceladas, falhava tudo.

A Escultura, esta, sentada na sua banquetta, calma mas receiosa, em pensamentos, tentava criar a sua Obra.

Nisso aparece, à frente de um dos reposteiros que volteavam a sala, uma esplêndida mulher, de formas divinamente esculturais, coberta, unicamente, por uma gaze alvíssima e sedosa.

Atônitas as Artes voltaram-se para ela, num ar de admiração.

A bela dama, aproxima-se da mesa e pede à Ciência para falar às candidatas. Esta logo permite. Então, diz ela:

— Senhoras, Deus o Creador do Universo, vendo-vos em tão grandes apuros, aqui me mandou para que vos auxilie. Sou, como o sabeis, a Inspiração..."

E desapareceu...

A sala de repente se transformou. Um perfume suavíssimo de rosas dominou o recinto... No espaço jaziam formas divinas... Era como se fossem modelos... Um som, todo harmonia, dominava... Havia um colorido que extasiava...

E as fisionomias mudaram...

Julgadas todas as Obras, levantou-se a Justiça de sua poltrona e falou:

"Senhoras, a Ciência não podia ser mais judiciosa no seu julgamento. Por mais que quizesse classificar-vos, foi impossível. Todas vós produzis Obras Primas. A Arte é assim mesmo. Depende do talento e da inteligência, quando se trata do artista; e da Inspiração, quando se refere à parte Divina, à parte do Deus Creador. Portanto, amigas, toda a Arte é Arte, desde que haja a Inspiração. Sem a Inspiração, a Arte é tudo... menos Arte".



Personagens:

ÊLE — Ironico, mas sincero
ELA — Apaixonada e ciumenta.

Ambiente: — Num recanto silencioso de uma saleta moderna e graciosa, muito juntinhos, os noivos trocam as mais deliciosas juras de amor...

ÊLE (romantico) — ...E como eu gostaria de estar sempre assim... juntinho de ti...

ELA (curiosa) — Sinceramente, meu amor?

ÊLE — Sinceramente, querida; imaginas, talvez, que outra mulher possa ocupar a minha existência, quando a tua graça e o teu encanto constituem toda a felicidade e a glória do meu viver...?

ELA (num muchôcho) — Não sei... (triste) Os homens são tão inconstantes...

ÊLE — Ora, a eterna mania de falar mal dos homens porque a minoria procede mal...

ELA — A maioria, Roberto, a maioria...

ÊLE (conformado) — Está bem; acreditemos que sim, mas as mulheres, meu amor...

ELA — ...as vítimas eternas... (suspirando) Eternamente fiéis, constantemente tristes...

ÊLE — Entretanto, há homens que...

ELA — Qual nada; a maioria dos homens é fingida.

ÊLE (ironico) — ...Porque as mulheres são tolinhas...

ELA — Tolinhas!?

ÊLE — Sim... eternamente meninas... criancinhas mimadas e ingenuas cometendo tolices... e...

ELA (interrompendo bruscamente) ... mas se somos tolas, por que razão nos procuram vocês...?

ÊLE (rindo) — Vocês é que nos procuram, querida...

ELA (irritada) — E!? E para que nos namoram e nos enleiam com as mais mentirosas e arrebatadas frases, ein?

ÊLE — Bem... nós... nós...

ELA (exaltada) — Nós... nós o que?

ÊLE — Bem... vocês... vocês distraem, não há dúvida...

ELA (ironica) — Como vocês, naturalmente...

ÊLE — As mulheres são como os cinemas; exibem beleza, futilidade, graça, enfim; coisas que agradam e distraem momentaneamente... (suspirando) Deixando-se depois completamente decepcionados...

ELA — Pois olha, Roberto, os homens os maiores artistas que eu conheço! Na arte de iludir com as suas frases cheias de açúcar e enganar com os seus olhares de "galã", não há quem os passe!

ÊLE (risinho) — Justamente por isso, procuramos os cinemas... para a conquista da nossa maior popularidade... (ri).

ELA (revoltada) — Basta de tolices! Esse teu riso ironico faz-me mal aos nervos! E, sabes, Roberto, eu estou farta de tuas comédias; não as consigo tragar nem mais um minuto...

ÊLE — Queres dizer que eu...

ELA — Sim... eu estou certa de que deves procurar um outro cinema mais digno da tua posição de grande artista!

ÊLE (miego) — Mas, querida...

ELA (sempre indignada) — Não, não, por favor! Eu não admito, não consinto, não quero que me chames: querida! (quasi comovida) Tudo o que dizes é falso, Roberto, e eu tenho pavor dos mentirosos!

ÊLE — Helena! Juro-te que sou sincero...

ELA (impressionada) — Sincero?! Não, não é verdade o que me afirmas... (terna) Há pouco tu me deste as maiores ilusões sobre o amor, iludindo-me com palavras ôcas e frases mentirosas... depois... depois tu me fizeste melancólica pela ingratidão de tudo que me havias dito anteriormente... (comovida) Não, não... eu não posso... eu não devo mais acreditar nas tuas promessas...

ÊLE — Mas, minha adorável princezinha de romance, eu estava brincando contigo... entretanto podes crer, agora, que eu seria o mais triste, o mais desprezível homem do mundo se te perdesse... se tu não acreditasses mais em mim!

ELA — Ora, meu amor... eu... se... se eu pudesse acreditar em ti...

ÊLE — Eu seria o homem mais feliz do mundo se ainda me amasses...

ELA (abraçando-o) — Mas, eu... eu sempre de adorei, meu adorável Roberto...

ÊLE — Meu Cinema Elegante!...

ELA (suspirando de felicidade) — Roberto!

ÊLE — Fala, querida...

ELA — Tens... tens certeza... de que... de que só eu... ocupo o lugar predileto de tua alma... Não... não houve, nunca em tua vida, uma outra mulher... uma outra criatura superior a mim...?

ÊLE (hesitando) — Eu... eu juro que... que...



Arrufos...

DIVA PAULO

ELA — Como!? (nervosa) — Já amaste... já amaste outra mulher...?

ÊLE (embaraçado) — Eu... eu...

ELA (aplita) — Vamos! Não fiques embaraçado... Fala! Dize alguma coisa! Tu já gostaste de outra, não é verdade?

ÊLE — Eu... eu... sim...

ELA — Sim!?

ÊLE — Sim; eu já amei outra mulher!

ELA — Roberto!

ÊLE — Tu me pediste sinceridade!...

ELA — ...E... amaste-a muito...?

ÊLE (indiferente) — O amor é prova de grande quantidade...

ELA — E... era... era bonita, ein? (nervosa) Alta? Magra!? Loira, morena, elegante, vistosa...? Fala! Como era essa moça, Roberto?!

ÊLE (enlevado e calmo) — Era loira...

ELA (repetindo) — Loira...

ÊLE — ...linda... olhos claros e expressivos...

ELA (espantada) — E tinha os olhos claros como os meus?

ÊLE — Sim... como os teus! (suspirando) Iguais aos teus!

ELA — Mas era loira...?

ÊLE — Loira e lindíssima...

ELA — Vejo que ainda não a esqueceste...

ÊLE — Seria possível esquecer tal mulher, Helena...? E depois não posso deixar de vê-la... Encanta-me o seu sorriso, deslumbram-me os seus olhos! E sinceramente, amo-a... amo-a como no dia em que o conheci!

ELA (maguada) — O' Roberto! Como és mau! Terrivelmente mau! Julguei ser a única mulher em tua vida! A única! E entretanto...

ÊLE — Mas, Helena, tu continuas sendo a única!

ELA (irritada) — Positivamente és louco! Dizes-me que sou a única, que adoras o meu sorriso, os meus olhos e a minha graça e falas cinicamente em uma mulher loira de olhos claros e lindos!

ÊLE — Mas, querida; o teu único defeito é complicar as coisas, com esse teu nervosismo irritante!

ELA — Complicar!?

ÊLE — Sim, meu amor... pois não te lembras... não te lembras de que quando nos conhecemos, há um ano passado... tu... tu estavas com os cabelos oxigenados...?

ELA (terna) — Roberto! E' verdade...



MESMO ASSIM SORRIU!

TODAS as vidas são iguais, no amplíssimo adro do eburneo templo da Eternidade, adro onde todas as vidas humanas se movimentam ao sacudir dos impulsos da luta pela própria vida, onde os lances se repartem de maneira estranha, entre a dor e o prazer, ou melhor entre o sorriso e a lágrima, resultantes um e outro dos sucessos ou dos fracassos.

Não pretendemos, dessas páginas, apresentar um projeto de corrigenda, ao modo de ação dessas forças atuantes em nossas existências; se assim é, que assim seja, pois, quem sabe, talvez se o sorriso e a lágrima não nos visitassem de vez em quando, numa apresentação simbólica de forças contrárias e atuantes em nossa vida, talvez o destino não conseguisse tirar o resultante delas, as forças, para a diretriz final de nosso verdadeiro ser em rumo de planos mais felizes.

Pretendermos, por exemplo, afastar o escuro de uma tela de notável pintor, firmados ao pretexto de que o escuro é treva inextética, seria aniquilarmos por completo os esplendores das projeções de luz, e, quem sabe se com a lágrima também não é assim?

Uma história de alguém, história por de mais parecida com outras tantas, que sempre existiram e sempre existirão, bastará para a ilustração da tese, resumida no título dessa página. Assim mesmo sorriu!

Transpondo sérras e cortando vales, em rumo do mar imenso, os rios se apresentam nas amplitudes continentais como as entidades destinadas à manutenção da humidade nos terrenos, onde a vegetação precisa medrar. De tal maneira a humidade trazida pelos rios, faz eclodir a vida, desenvolvendo a planta e dessedentando o animal, que em consequência mesma de tal fenômeno, a vida gregaria, com todo o seu cabedal de ocorrências sociais, vai se desdobrando nas proximidades da água, ou melhor dos rios, dos lagos. etc.

O Nilo, tendo o seu berço nas grandes regiões lacustres do centro da Africa, inicia a sua carreira em rumo do mar, e audacioso instala sobre o sólo africano o maior curso fluvial do Mundo. Em breve,

a região de origem, some-se a ré, e o curso prossegue triunfante levando possibilidades de vida a toda a zona continental onde a escaldancia do sol, mesclada com as refrações da areia dos desertos, tornaria impossível o comparecimento do homem e o êxito da germinação da sementicula, disso ou daquilo, sacrificada pelo calor.

Aquela zona africana, tendo um rio magnífico, o que se não dava com outras porções continentais vizinhas, quer mediterrâneas ou índicas, e estando próxima do continente asiático, o continente avô, poderá em razão mesma desses fatores, receber um agregado social que construirá uma civilização magnífica e modelar em vários aspectos, civilização cuja origem avança milênios fóra, antes de nossa era.

Qual supremo pastôr que orienta o rumo do rebanho, o Nilo vai apontando à gente regional o campo de instalação de suas atividades sociais. Não tarda que a inteligência humana comece a intervir, e determinadas barragens, aparecem, instalando perfeitas bacias, ainda nos tempos faraônicos, bacias cuja finalidade era a de melhorar as condições de irrigação ambiente, levando humidade, onde naturalmente ela não podia ir, em face mesmo dos obstáculos naturais, como a gravidade.

Com os seus recursos naturais, e com as ampliações das obras faraônicas, lá se vem o Nilo, colaborando tanto na construção social egípcia, a ponto de se afirmar que o Egito era uma consequência sua. Passam-se anos, muitos anos, tantos que se podem agrupar em séculos, e entre o grande rio e a gente que lhe pede recursos para a vida, começa a haver um desencontro, o de precisar aquela gente muito mais proteção do que a que ele, o grande rio, lhe dava por si mesmo, e com o auxílio das ampliações faraônicas.

Porque o comércio envolvesse o Mundo, já nos dias do século passado, porque a máquina abalasse por completo os fundamentos da produção, ou porque houvesse gente de mais aqui e ali, numa plecto-

ra demográfica, para cada um desses fatores, ou por todos eles juntos, o século em apreço, que é o passado, assiste convulsões, que são os preâmbulos das que ainda nos esbandalham o que há escrito ou realizado, vemos que o ansêio de aumentar o mundo habitável vai ao Egito.

Não precisamos investigar nesta página porque as tropas francêssas foram ao Egito e também porque a atuação inglêsa mais tarde se fez sentir em tais paragens, bastando-nos dizer que depois do tumulto da guerra regional, quando os novelos de fumo dos tiroteios se diluíram, foi para o Nilo que as vistas se voltaram.

O Nilo precisava ampliar a sua atuação milenária, e a isso não se podia chegar senão com o concurso da engenharia.

No projeto, Mougel Bey afirma que é possível uma construção tal de represamento e de barragem, no delta do Rio, que a humidade seria levada a uma amplitude nunca vista. Se o cálculo diz ao grande mestre, dessa possibilidade, a prática lhe prova que o seu triunfo seria completo.

Acontecimentos posteriores, não da alçada da engenharia, mas da esfera política, deslocam o prosseguimento das obras para outros homens de ciências, que iriam apenas prosseguir o traçado do velho francês. Certa vez, e aí está o momento da lágrima, Mougel Bey chorava a perda de um seu filho, montando guarda a seu corpo, antes de o restituir à terra, sim, porque a, alma a essa mesma terra não pertence.

Ao inconsolável pai, todas as palavras de conforto eram vãs: a lágrima o dominava. Foi nesse triste instante que Scott Mongrief, então dirigente das grandes obras, disse ao mestre do sucesso absoluto da barragem por ele prevista, pois as águas haviam subido três metros. A essa altura o homem de ciência superou o homem sentimento, e sofrendo embora, Mesmo assim sorriu!

JACY RÉGO BARROS

TRANSFIGURACÃO

As joias da poesia brasileira

A

I

NOITE éspessa, o vento é asperrimo, a subida ,
Toda ella é de alcantis e de abysmos povoada ;
Sobre o mar, sobre a terra a colera insoltrida,
E a'procella no céu em furia desenfreada...

E sobre a nossa cruz, sobre a alma aniquilada
O odio, a inveja, a calumnia, a angustia, o ideal,
[a vida ;
Mar sem fundo e sem fim, noite sem madrugada,
Almas em desespero, e a isto se chama a vida ...

A alma é cheia de chãos e de brenhas soturnas,
E o humano Coração de sarcaes e de pedra ;
Pedra e espinhos sem flor, brenhas cheias de furnas...

Mas, se um día abre o amor nestes ermos damninhos
O chãos onde urra a fera, a rocha onde a urze medra
Rebentarão em luz, em céos, em flor, em ninhos...

II

P

OR mais firme que vás, por mais sonhos que teças,
Não vences os paúes, as vagas não supplantas,
Homem que, em vão, da terra ao céu o mar le-
[vantas
Entre abysmos fataes e mil nuvens avêssas...

Amor, que os céos transpões, que emfim as azas
[desças
Sobre a desolação sem fim de angustias tantas ;
E ha de o inferno feroz fugir ás nossas plantas,
E hão de os anjos baixar sobre as nossas cabe-
ças !...

E a humanidade, então, será uma arvore. abrindo
Com a sua copa immensa o azul fecundo e infindo,
Onde ha de ser uma náu varando o céu com os mastros !...

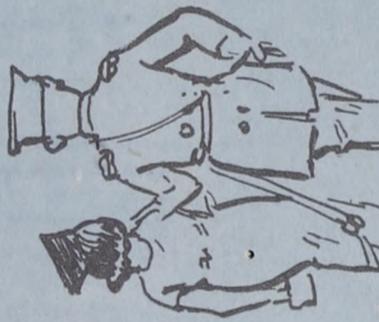
E — náu ha de vencer as procellas e o oceano ;
E — arvore — ha de cobrir todo o deserto humano,
Raizes cheias de seiva e frondes cheias de astros !...

FRANKLIN MAGALHÃES

Contrapostos

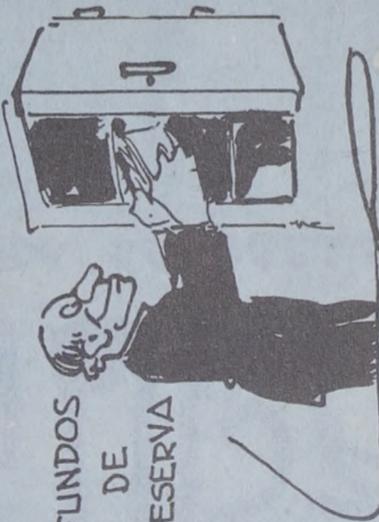
COISAS QUE VARIAM QUANDO VISTAS
PELO LADO OPOSTO - JARQUESPERAS

A SECRETARIA DA LEGAÇÃO

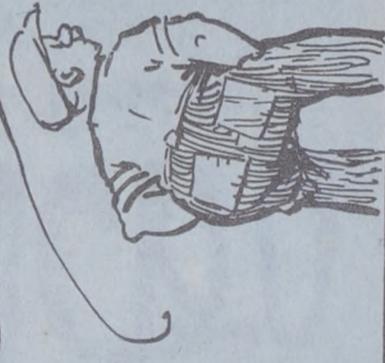


A LIGACÃO DA SECRETARIA

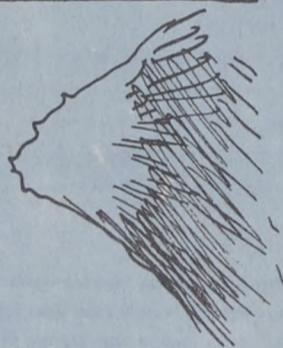
FUNDOS DE RESERVA



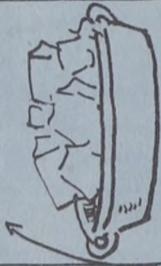
RESERVA DE FUNDOS



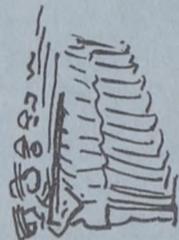
PICO GELADO



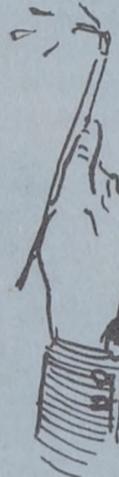
GELO PICADO



A PENA DE MORTE



A MORTE DA PENA



AGUIA DE TROMBA



A TROMBA D'AGUA

ROMANCES A 500 rs. o vol.



A VIDA DO ROMANCE

O ROMANCE DA VIDA



EMPREGADO NA LIMPEZA



LIMPEZA NO EMPREGADO



AVES DE RAPINA



RAPINA DE AVES

CÃO VIRALATA



LATA VIRACÃO



AR CONDICIONADO



CONDICÃO AREJADA



JORNADAS

POR SEBASTIÃO FERNANDES

JA' se tem dito que partir é recomeçar um pouco a vida, recomeçar, mas no sentido de rejuvenescer. Talvez o receio da velhice e a ilusão da viagem dêem a aparência de renovar.

Mas deve ser o viajar dos que partem por partir, sem saber onde é o norte ou o sul, apenas no estranho impulso de partir. Afinal viajam, mas ficam sempre os mesmos. Dão grande importância aos itinerários, aos nomes das estações, contam minutos de atraso e aos roteiros que tomam os veículos. Viajeiros há que não ligam ao sino da estação, ao apito do chefe de gesto marcial com a bandeirinha, barulhos de ferros, resfolegar da máquina, válvulas que esguicham e a composição em movimento: partir... Os sinaleiros são automatizados e não têm a terrível consciência de dirigir lâmpadas que manobram destinos. As alavancas de encruzilhadas são como as Parcas tecendo e cortando vidas. Entretanto, como as máquinas indiferentes a sensação da luz vermelha ou verde, impassível diante das catastrofes, os vigias ferroviários maquinalmente estendem os braços para a alavanca sem pensar na mulher de azul ou no filhinho doente.

Ao arranco do comboio, alguns se postam indiferentes à janela do wagon; outros como se fosse o acontecimento duma fuga.

Para outros, poucos, viajar é interromper a rotina da vida. Achar imprevistos. Gostar dos acidentes que modificam horários. Por isso partir não determinando ponto certo. Partem... A janela ao mesmo tempo que traz aspectos vários e múltiplos e interessantes cenários mostram dentro do wagon outros estados de alma.

Lá fóra, os que ficam olham para o trem como se nunca tivessem viajado, namorando a viagem, sonhando com o carro que passa.

O mundo fica suspenso na passagem do comboio. Só existe o trem porque ele é uma sensação que se renova. Aliás, para viajar basta fechar os olhos e as sensações correm como fitas cinematográficas. E o trem corre firme. veloz...

O vento dobra os capins altos e galhos vizinhos da estrada, levantando uma onda de pó parece querer apagar a sucessão de imagens.

Corre a máquina irrefletidamente, abruptamente pelos campos mais lindos, pelos vales mais doces, correndo, quasi vbandando, despreocupadamente com os acidentes dos cenários mágicos, das paisagens doiradas de sol, furando morros ou atravessando aguaceiros negros e tempestuosos. E lá se vão as grandes distancias. Terras que nunca foram lavradas pelo homem. Tanta gente sem pão e lutando por um pedaço de terra para cultivar...

A máquina vai parando. Outra estação. Outra chegada. Na plataforma está sempre a felicidade, nos que partem, nos que chegam. E as lágrimas dão sempre o traço melancólico.

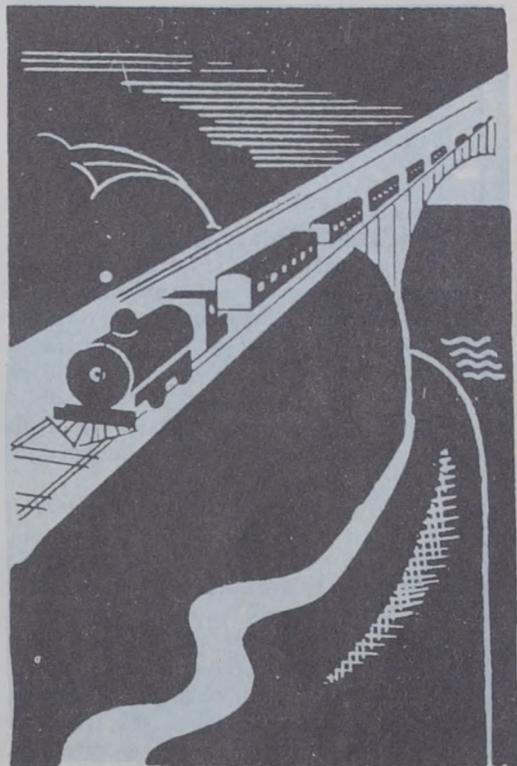
De novo a sineta, o apito, a bandeira e outro arranco.

E o trem partiu: primeiro os bairros da cidade, depois entrou nos campos cultivados e por fim nas estensas campinas cansativas.

Aparecem casinhas perdidas nos matagais altos, onde existem gente, corações lutando por um cantinho de felicidade. Lá longe perdido quase no azul existe também um desejo, um sonho de vida melhor, uma ansia grande como a nossa. E ali deve ser mais torturante o sonho porque existe a solidão, a solidão que aumenta o sonho.

Depois vem uma estância triste. Triste e perdida. Quem pôde viver ali? No entanto há uma casinha com a chaminé fumegando. Há os que gostam de viver nas grimpas das árvores colhendo flores e frutos como os que vivem deitados nas furnas apanhando lesmas e minérios. Colecionadores? Destinos? Na casinha perdida entre o céu e a terra há quem se considere feliz vivendo ali. Os civilizados é que têm a presunção de julgar a felicidade privilegio deles. Às vezes o trem chegava a uma outra cidade quando amanhecida. A vida que recomeça sempre e num esforço, como se fosse tudo a repetir.

Quando a luz da manhã vinha gradativamente aparecendo a máquina parecia correr mais para ela como desejando que o dia aparecesse mais depressa, pois nada é tão horrível como correr dentro da noite.



Noutra estação já foi a tarde que se deitou por detraz dos montes altos, a escuridão toma todo o logarejo as luzinhas das casas se apagam e a vida, cansada, vai adormecer para retornar depois.

Lá vai o comboio. Caminhos que parecem não ter fim. Idas que parecem fugas infinitas. Avanços como se fosse ao fim do mundo. Leguas e leguas azuis.

Ah! Mas quando o trem entra numa vilazinha toda em festa, com as ruazinhas todas cruzadas de bandeirinhas de papel, gente de roupa nova, foguetes espoucando no claro azul, o sino cantando, sons de música pelo espaço, a alegria vem rápida nos comunicar e sem querer ficamos contentes.

Depois o trem vai rolando pelos ermos, comendo grandes distancias, e nem tudo é só planos e campinas razas, subindo declives, grimpendo encostas, beirando abismos, defrontando outros cumes e rochas nuas, agora mais parecendo defrontar o céu, e titanicamente como quem desafia leis da física, para mostrar a vitória da máquina.

Depois desce e se engolfa na planície, a máquina envolvendo-se num vapor branco, silvando e resfolegando válvulas, na força dos embolos, desce na facilidade de descer.

E ainda aparecem figuras que nunca vimos e que nunca mais voltaremos a ver.

E de novo outros povoados e vilarejos, tudo tão diferente e parecendo se repetir, até mesmo o azul acinzentado das distancias. E a distancia aumenta vagos sonhos, passagens remotas do tempo que não volta e o correr da máquina enfuma a paisagem, fazendo perder o contorno e ficando diluído no ar como o misterio das coisas perdidas.

O MINUDENTE MACHADO

MACHADO de Assis foi minucioso tanto quanto se podia ser, tomando do leitor pela mão, indo de vagalume à estrela e tornando da estrela ao vagalume, sem causar enfado, mas, antes, pelo contrário, deliciando-nos o espirito com a sua filosofia simples, como nos quatorze versos do seu conhecido soneto *Circulo Vicioso*, a que estamos aqui aludindo, ou como naquele outro não menos celebre *Soneto do Natal*, em que o homem que êle conhecera não conseguira ir além deste verso profundamente filosófico, em sua indagação de cético:

"Mudaria o Natal ou mudei eu?!..."

O seu amôr ou gosto pelas minudências se evidencia mais nos romances, dividindo-os em centenaes de capítulos. *Quincas Borba*, por exemplo, numa edição da Garnier, de 1923, de 360 páginas, está dividida em 201 capítulos. E *Dom Casmurro*, também editado pela Garnier, em 1924, conta 148 capítulos, em 399 páginas. No primeiro encontram-se, a miudo, dois capitulos em uma mesma página e até tres, como na página 345.

Há capítulos, já se vê, curtos e curtissimos, limitando-se a uma frase, como este que em *Quincas Borba* vem com a numeração romana CXIV:

"Ao contrário, não sei se o capítulo que se segue poderia estar todo no título".

Convenhamos que em materia de *conversa fiada*, como diz o vulgo, neste particular, parece que ninguém ainda levou a palma ao nosso romancista, nem mesmo aqueles que enchem os capítulos com reticências e mais reticências, as quais quase sempre são expressivas e eloquentes, dizendo muito mais do que diriam as palavras.

Em *Dom Casmurro*, êle não só numerou, mas intitulou os capítulos, à moda antiga, como que para sintetizar o assunto e preparar o espirito do leitor. Assim é que se nos deparam títulos curiosos como êste do capítulo XXXVI: *Idéia sem pernas e idéia sem braços*; ou estoutro redundando num trocadilho, o capítulo CXIV: *Em que se explica o explicado*.

1939

ANTONIO OSMAR GOMES

VICTOR HUGO

TINHA a homérica tuba e a frauta virgiliapa;
Foi o Eschylo audaz da tragedia francesa;
Enfrentou e abateu a infame realza;
Vibrou todos os tons da lira soberana!

Trovador e guerreiro, alma doce e espartana,
Era Jesus perdoando e amparando a fraqueza,
Ou era Juvenal — flagelando a torpeza;
Golfão do pensamento e da palavra humana!

Quando êle erguia a voz, o Universo, tremendo,
Pasma, fitava-o! Quando a teorba d'ouro soou
"Os castigos", a França ouviu o estrondo horrendo

De um trôno a desabar! A luz e a flôr cantou,
Endeossou a mulher; e este velho estupendo
Foi como ninguém foi, — um ternissimo avô!

1886

FILINTO D'ALMEIDA

SONETO

MUDO te vejo agora, ó passarinho!
Tenho-te pena, triste prisioneiro!
Tu não podes viver preso e solteiro;
Tu não podes cantar longe do ninho.

Eu que tenho por mim o mundo inteiro
Livre, e que livre tenho o meu caminho,
Vivo tal como tu, sempre sozinho...
Juntos vivemos sem um companheiro.

E's no, entretanto mais feliz, e mostras
As tuas penas e eu oculto as minhas.
Eu as maguas disfarço e tu te prostras.

Tu nas penas mimosas e serenas
Teu canto encobres, mas não adivinhas
Que eu no meu canto encubro as minhas penas.

1887

GUIMARAES PASSOS

Antologia PITORESCA

Seleção de FRAGUSTO

CONFUSÃO DE SARMIENTO

ENTRY mim e Sarmiento deu-se um *quiproquó* interessante. Fui-lhe apresentado na mesma ocasião que o Sr. Conde de S. Salvador de Matosinhos e muito rapidamente. Trocámos apenas as frases banais de etiqueta, não prestando o ex-presidente muita atenção aos nossos respectivos nomes.

Dias depois, tendo eu deixado um cartão em sua residência, fez-me êle a honra de visitar-me no hotel, em que eu ocupava um aposento próximo ao daquele ilustre titular. Havia outras pessoas presentes. Sarmiento dirigia-se a mim com a maior afeabilidade, mas, ao cabo de alguns minutos, entrei a notar que me tratava de — *Señor Conde*. Surpreendido a principio, percebi claramente com o seguimento da conversação que êle me tomava pelo meu nobre companheiro. Reclamei por mais de uma vez tentando dissipar a aliás para mim honrosa confusão.

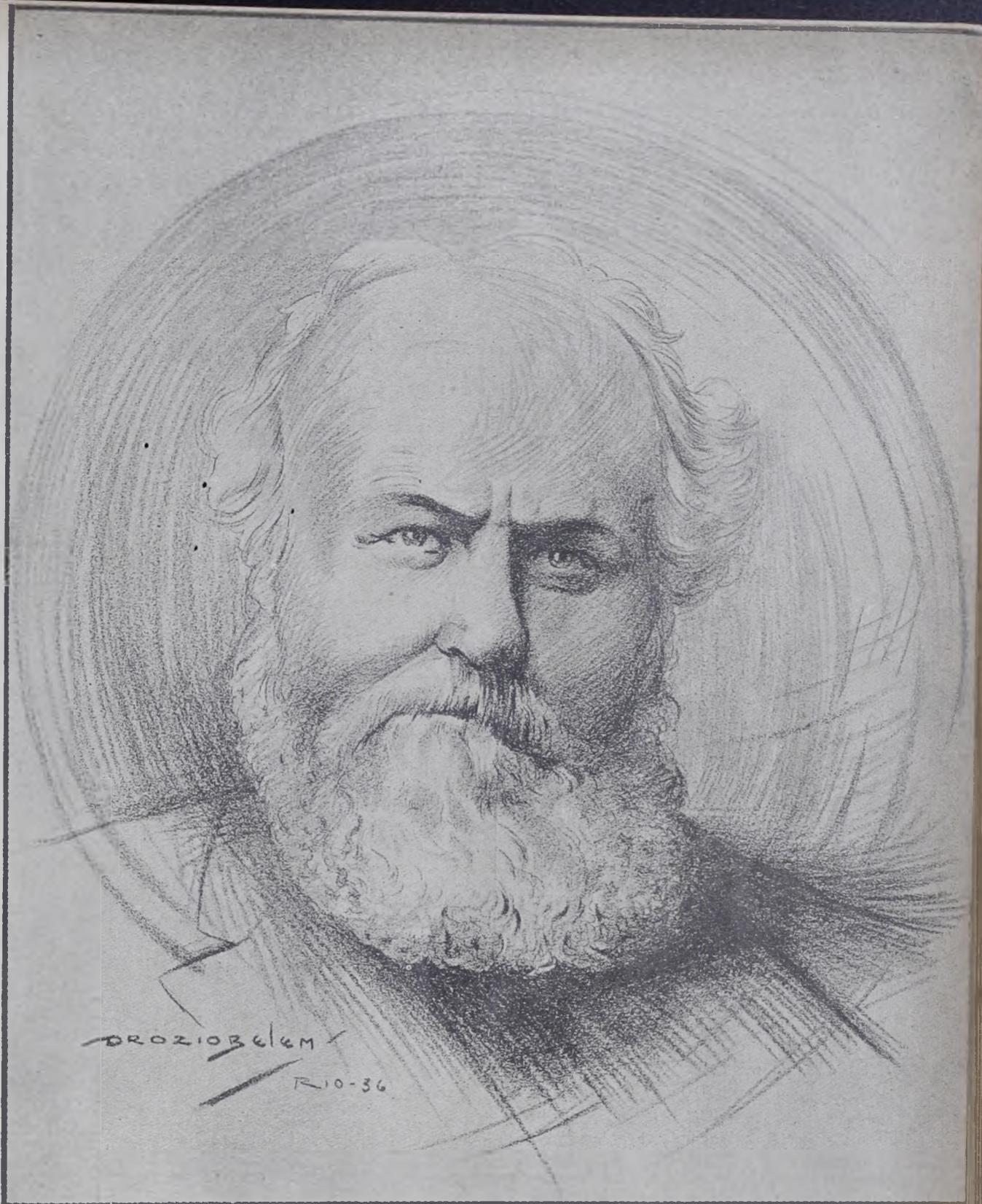
O defeito de audição do meu interlocutor frustrava os meus esforços, feitos demais, em lingua castelhana, com cuja pronúncia nunca me pude familiarizar.

Resignei-me a ser — *Señor Conde*, até que Sarmiento se despediu dizendo: "Vou agora visitar o deputado brasileiro". O neto que o acompanhava, entretido até então a conversar de outro lado, tocou-lhe no braço, e murmurou algumas palavras, articuladas silaba por silaba com demorada nitidez. O ex-presidente fitou-me surpreendido; porém, sem desconcertar-se, fez-me um amável cumprimento e retirou-se com o seu ar de velho pedagogo, a que a residência nos Estados Unidos sobrepoz alguma coisa de *yankee*.

1887

AFONSO CELSO JUNIOR

OS GRANDES MUSICOS



GOUNOD

A influência de Charles Gounod no movimento musical francês de seu tempo foi tão forte, tão decisiva, que seu nome é um dos que mais se impõem à nossa admiração.

Temperamento profundamente poético, músico de grande cultura, inclinado ao misticismo religioso, Gounod, nascido em 17 de Junho de 1818, em Paris, transformou completamente, a ópera de Halevy e de Auber, e criou o drama lírico de meio caráter, pitoresco e sentimental.

A representação de "D. João", de Mozart, que apreciou, menino ainda, exerceu forte influência sobre seu espírito. Em 1839, conquistando o prêmio de Roma, do Conservatório de Paris, onde foi aluno de Halevy, Lesueur e Paer, partiu Gounod para a Cidade Eterna, tornando-se assíduo frequentador das solenidades da Capela Sixtina e dedicando-se, fervorosamente, à música religiosa. De volta a Paris, foi nomeado organista e mestre da capela e da igreja das missões estrangeiras. O ambiente desenvolveu-lhe as tendências místicas. Seguiu o curso de teologia, foi admitido como externo do seminário dos padres, chegando mesmo, a quase abraçar a carreira religiosa. Subitamente, porém, ouvindo, na Alemanha, a música de Schumann, e estudando a de Berlioz, uma grande transformação se operou nas suas aspirações, conduzindo-o para o caminho da música dramática. Conhecendo-o como autor sacro, o público foi, de um momento para outro, convidado a ouvir-lhe a primeira tentativa teatral: "Safo"

(1851), que não logrou sucesso. A essa partitura, outras se sucederam, até que, em 1859, deu o golpe definitivo com o "Fausto", que fez, rapidamente, a volta ao mundo. Seguiram-se outras obras de real valor, entre as quais, "Mireille" e "Romeu e Julieta".

Com a sua claresa absoluta e legitimamente francesa, Gounod envolve as suas partituras em um lirismo ardente, que torna a sua música encantadora.

Sem ser audacioso como Berlioz, nem isento de imperfeições, Gounod, com a sua natureza apaixonada e mística, abriu à arte caminhos novos, belos e fecundos, depois largamente explorados pelos que o sucederam.

Nomeado membro da Academia de Belas-Artes, em 1866, transferiu-se para Londres, em 1870, e aí realizou grandes concertos pela Sociedade Coral (Gounod's Choir), por ele mesmo fundada. Regressando a Paris, em 1875, continuou a produzir ativamente, até que, em Outubro de 1893, tendo reunido em sua casa vários amigos para lhes fazer ouvir um *Requiem* de sua autoria, faleceu repentinamente.

Além do "Fausto", há uma página de Gounod, que lhe popularizou universalmente o nome: a "Meditação", sobre o primeiro Prelúdio do "Clavecin bien temperé", de Bach, conhecida como "Ave, Maria de Gounod", cuja execução chegou a ser proibida nas igrejas, para evitar que os crentes se distraíssem em suas orações...



Maria Calasans a eximia e festejada pianista, que se fez ouvir em aplaudido recital no Centro Artístico Musical, a 11 do mês passado, no Salão Leopoldo Miguez, da Escola Nacional de Música.

Pintura

PEDRO BRUNO — Uma exposição que se destacou, entre as mais interessantes do ano findo, foi a de Pedro Bruno, realizada nos últimos dias de Dezembro. A pintura desse artista é bem um reflexo de sua personalidade: alimenta-se de poesia, tem inspiração e tem sentimento. E está nisso a sua maior recomendação. Resdindo sempre em Paquetá, o mar é o seu assunto predileto, permitindo-lhe pintar quadros deliciosos. Agora mesmo, entre as mais belas composições de sua exposição, contavam-se "Angelus no mar", "Ave-Maria", "Madona das gaivotas" e outras, todos inspirados no mar.

Também o nú encontra em Pedro Bruno um interprete apaixonado. E éle apresenta-o com discreção, com supremo gosto, como expressões suaves de beleza e tocados de uma encantadora fantasia. Suas paisagens têm um sabor especial e éle não deixa passar os momentos em que a natureza muda o seu aspecto calmo, habitual, como em "Tempestade", em "Temporal", em "Neblina", "Ceração" e outros do mesmo genero.

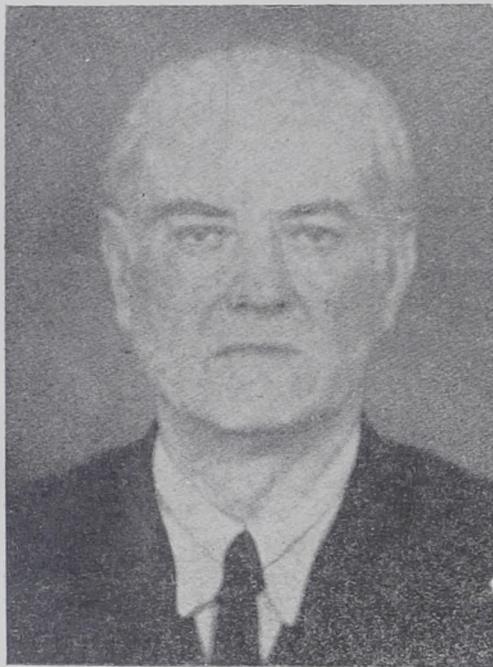
Pedro Bruno encerrou com chave de ouro a temporada de 'belas artes de 1941.

O **PINTOR H. BENEDETTI**, que conhecemos no Salão do ano pasado, realizou a sua cremos que primeira exposição nesta Capital, sob os auspícios da S. B. B. A. Através dos trabalhos expostos, pudemos reconhecer-lhe qualidades que o recomendam, como antes de tudo, franco desembaraço de desenho. Sua pintura é, porém, por demais sintética e pretende resolver os problemas pictóricos sumariamente, com pinceladas inexpressivas.

O MALHO

sivas. Evidentemente, isso é um erro. Uma qualidade, entretanto, destaca-se: a palhera é lmpa o que representa o primeiro passo para a beleza de colorido de seus quadros. Uma excelente promessa, o sr. H. Benedetti.

EXPOSIÇÃO ARMANDO PACHECO — Modesto, entocado quasi sempre dentro de si mesmo, temperamento avêso à evidencia Armando Pacheco é um artista que, ha alguns anos vem trabalhando ativamente para a multidão, e que, entretanto, foge dela gostosamente, porque dessa forma, atende a um imperativo da sua natureza. De fato, todos os dias, em desenhos que se divulgam na imprensa e em revistas, éle interpreta assuntos diversos e populariza personalidades, com a sua fantasia e o seu lapis seguro. A sua obra é vista todos os dias por milhares de olhos, mas em pouquíssimos ouvidos fica o seu nome gravado. É quasi anonimo, e, entretanto, ninguém é mais merecedor da popularidade. Não passa de um pequeno colaborador d'arte dos jornais; entretanto, é um belo artista, que nos seus lazeres, vai produzindo a sua obra de beleza, que ficará para lhe inscrever o nome na historia da pintura brasileira.



Frank F. Urban ("Belga") festejado aquarelista que se acha atualmente em nosso País, residindo em S. Paulo, e que obteve grande sucesso com a exposição que realizou no Museu Nacional de Belas Artes, de aquarelas do litoral do Brasil, ruínas historicas e flores, em que é especialista.

A recente exposição de Armando Pacheco, no salão nobre do Palace Hotel, confirmou-o como um dos pintores mais robustos da nova geração.

EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA PEDRO AMÉRICO-VITOR MEIRELES. A realização de exposições retrospectivas vem sendo posta em pratica, regularmente, como um dos capitulos do programa da atual diretora do Museu de Belas Artes. A que esteve aberta ao publico durante o mês que findou, consagrou os nomes de Pedro Americo e de Vitor Meireles, de quem foram expostos alguns trabalhos notaveis, pertencentes ao Museu e a colecionadores particulares.

GILBERTO TROMPOWSKY é um nome familiar aos meios de belas artes, onde é tido como um pintor-decorador — decorador, principalmente — dos mais interessantes. Sua exposição do Palace Hotel foi um ponto obrigatório de encontro da me-

lhor sociedade carioca, onde o artista conta com grande número de amizade e de admirações.

Musica

MÚSICA — O programa do festival em benefício das obras da matriz da Tijuca reuniu a cantora Lena Suarez Monteiro de Barros, o violinista Francisco Chiaffitelli, o pianista Aurelio Silveira e a declamadora Margarida Lopes de Almeida. Variado, como se vê. O sr. Aurelio Silveira não é um nome popular, mas é um pianista de mérito. Tem qualidades, virtuosidade, temperamento, execução que interessa e agrada. A seu lado, Francisco Chiaffitelli, com o seu violino cheio de almas. Sempre brilhante, sempre feliz a execução do mestre, com a sua arte perfeita e o seu temperamento apaixonado. A parte de canto foi confiada a Lena Suarez Monteiro de Barros, que arcou com as responsabilidades da sua colaboração e com as de Maria Augusta Costa, que, por enferma, não pôde comparecer. Lena Suarez é um elemento raro. Possui uma voz de meio soprano das mais raras como timbre. É comum o meio soprano procurar masculinizar-se. A voz de Lena Suarez, trabalhada com o seguro controle da boa escola da professora Riva Pasternak, mantém-se encantadoramente feminina. É uma voz tépida, morna, languida, flexivel, insinuante, como uma carioca. Lena Suarez constitui um caso raro. Suas interpretações são sempre artisticas, superiormente finas, e por isso mesmo, deliciosamente comunicativas.

A declamação também esteve representada no programa. Os poemas declamados provocaram aplausos entusiasticos, o que já era de esperar sabendo-se que quem os recitava era Margarida Lopes de Almeida.

DEPOIS de algum afastamento do contacto com o publico, voltou a disputar-lhe o aplauso a jovem cantora Rosina da Rimini. Rouxinol brasileiro ou patativa do sul, a cantora noz em reboliço a sala, graças aos prodgios de virtuosidade de sua voz privilegiada.



A cantora Maria Augusta Costa, no dia do seu recital.



MARIA AUGUSTA COSTA é uma jovem cantora, que nasceu para brilhar. Inteligente, artista, dispendo de uma voz que é um feitiço do publico — soprano lírico ligeiro — ela teve a fortuna de cair nas mãos de uma professora competente e conscienciosa — a professora Riva Pasternac — e, portanto, de se fazer cantora sob excelente controle técnico e artístico. Principiante há apenas quatro anos, ela é hoje uma cantora que se ouve com imenso prazer. Através das audições de alunos de sua ilustre professora, o publico tem-lhe acompanhado a evolução de fato surpreendente. O pequenino fio de voz, que tinha a principio, foi-se desenvolvendo até chegar ao volume atual, que já lhe permite tirar partido do repertorio de camera e do de teatro. E a joven cantora, de cada vez que se tem apresentado, tem sido para surpreender a sala e deixar os tablados dos concertos entre aclamações. Tudo isso, em tão pouco tempo só se compreende como milagre de intuição, de estudo, de escola e de entusiasmo. No seu primeiro recital, Maria Augusta Costa proporcionou ao publico um programa primoroso, como organização e desempenho. Seu sucesso foi deirante, principalmente nos "duetos" com o flautista Moacir Liserra. Conduzida como vai sendo, sob o controle de uma escola de primeira ordem, Maria Augusta tem a sua carreira garantida. Ela nasceu para brilhar. E não tem feito outra coisa.

WILMA GRAÇA é uma das mais fulgurantes promessas pianísticas com que podemos contar, presentemente. Sua sonoridade é ampla, sua bravura, comunicativa, seu estilo, aprimorado. Foi um sucesso o seu ultimo concerto.

ERNANI BRAGA — dirigiu um interessantissimo concerto coral, formado de 120 vozes escolhidas entre os alunos da Escola Profissional Aureliano Leal, da Niteroi.

AS ONDAS MUSICAIS — confiaram a Madalena Tagliaferro a parte de piano dos seus programas bi-semanais do mês que findou.

E' UMA ARTISTA de recursos, a cantora Maria Figueiró Rodrigues, que se apresentou dias atrás.

TEATRO — Teatro Regina. — Uma das notas destacadas do mês teatral foi constituída pela festa artistica de Dulcina Moraes, não só por essa festa, em si mesma, como

pela reprise da "Comedia do Coração", de Paulo Gonçalves, peça tão original, que pôde ser considerada única no genero. Basta pensar que tem como canario o coração humano e como personagens alguns dos nossos sentimentos: ciúme, dor, odio, medo, sonho, alegria e paixão. Do choque de interesses desses personagens, nasce o enredo. O sonho é o idealista. Razão e ciúme nunca estão de acordo. A dor provoca dissabores e a alegria faz sorrir quando aparece. Tal como na comedia da vida, os interesses que movem os personagens são os mais variados



Luiza Pereira do Nascimento, a jovem virtuose do piano, cujo recital artistico foi realísado no começo do mês passado, na Escola Nacional de Música. A exímia pianista, que fez o curso de aperfeiçoamento da professora Celina Roxo Eschmann, organ'sou para esse festival, bem escolhido programa, que mereceu fartos aplausos da assistencia.

possiveis. Nunca se chega a um acordo, ou, só se chega, a poder de muito sofrimento e muita renuncia.

A comedia fof, pois, a nota predominante, não só do teatro Regina, como dos meios teatraes. No desempenho dos respectivos papeis estiveram os artistas da companhia á altura da peça: Dulcina, encantadora como Sonho; Natára Ney, graciosissima na Alegria; Suzana Negri arrebatadora como Paixão; na Dor, inexcidível Aurora Aboim; Conchita Moraes excelente como Razão, Odilon como Ciúme, Aristoteles, como Medo e Jorge Diniz como Odio. Todos mantiveram o

equilibrio do espetáculo, realmente interessante.

TEATRO CARLOS GOMES. — A peça O EBRIO, de Vicente Celestino, ultrapassou já as 220 representações seguidas, o que é um record digno de registro, num meio em que não é comum a peças de teatro cheguem ao centenário.

O espetáculo é movimentado e tem elementos que lhe asseguram permanencia, ainda maior, no cartaz.

TEATRO SERRADOR — Procopio Ferreira foi buscar no velho repertorio uma peça sempre nova: "O Genro de Muitas Sogras", de Artur Azevedo e Moreira Sampaio. Com a interpretação de Procopio e dos seus companheiros — Bibi à frente — a comedia apresentou-se como si houvesse sido escrita agora. Fresca e movimentada e sempre atual, porque o seu enredo tem cabimento em qualquer tempo e em qualquer parte.

COLEGIO INTERNO é o nome de uma comedia muito interessante, de Ladisláu Todor, traduzida por Luiz Iglesias, e que está em cena no Rival. O espetáculo é defendido por Eva Todor, Iracema de Alencar, Elza Gomes, Afonso Stuart, Ramos Junior e outros.

CARREIRA longa teve O CANARIO, do José Wanderley e Mario Lago, confiado a Palmerim Silva e sua companhia, no Recreio.

A. S. B. B. A., em sessão solene, recebeu os seus dois novos conselheiros, Luis Peixoto e Raimundo Magalhães Junior, cuja recente eleição repercutiu com a mais viva simpatia nos meios teatraes, onde são figuras de relevo.



O nome de Alberto Apfel, o notavel artista pintor de animais, já é sobejamente conhecido, nesta Capital como nos Estados, através dos excelentes trabalhos seus que estão espalhados por todo o País, e pelas exposições que ele tem realísado. Ainda agora Alberto Apfel — que aqui aparece em excelente auto-retrato — percorre o norte do Brasil, e ao regressar realísará nesta Capital uma exposição de trabalhos que obterá, certamente, o êxito das anteriores, e está despertando o maior interesse.



Encerramento do "Curso de extensão universitária" de clínica ginecológica da Faculdade Nacional de Medicina, organizado pelo Prof. Arnaldo de Moraes, que se vê na foto, cercado de seus assistentes e alunos, no Hospital Estacio de Sá, logo após a última aula do referido curso.



O prof. Arnaldo de Moraes agradecendo as saudações dos seus alunos.



Flagrante da posse do Dr. Alvaro Salles como membro titular da seção de ginecologia, do Colégio Brasileiro de Cirurgiões, quando o mesmo recebia do Presidente a medalha da dita instituição.

Aspecto colhido no Lido, quando era homenageado por seus colegas, amigos e admiradores, o professor Francisco Victor Rodrigues, que, em brilhante concurso, acaba de obter a cátedra de clínica ginecológica da Faculdade Fluminense de Medicina.



Os mais variados gêneros de arte estão sendo apresentados na temporada da Urca, onde a famosa orquestra continua a ser a grande atração da atualidade. Nesta página, aparecem a dupla memorável Alvarenga e Ranchinho, a notável bailarina Madeleine Rosay, Miss Baby e Fernande Montels, duas outras atrações da Urca.



Urca



SER ELEGANTE ERA PRIVILEGIO DOS NOBRES

GARCIA JUNIOR

As minhas gentis patricias e conterrâneas, talvez ignorem, que a felicidade que hoje desfrutam, nesta liberalíssima terra carioca, de se poderem vestir pelos figurinos de Jean Patou ou "chez Paquin", ou de se exibirem à tarde no "trottoir" da Avenida Rio Branco, ou mesmo na Cinelandia ou na Avenida Atlantica em noites de calido verão, ostentando vestidos magnificos em crêpe e seda, ainda pela metade do seculo XVIII era privilegio de gente fidalga, de pessoas nobres, ou consideradas como tal pelo governo da Metropole. O provector historiador João Francisco Lisboa, que foi talvez quem primeiro esmiuçou esse assunto, diz que pelo menos assim era em 1762, e para tanto consigna, que em livro especial existente no arquivo da Camara de São Luiz, êle proprio descobriu algumas provisões reais, atinentes às leis de suntuaria creadas por D. João V, e mesmo outras anteriores como as de 15 e 20 de Abril de 1655 em que, el rei de Portugal "concede aos cidadãos de São Luiz e Belém os privilegios dos da cidade do Porto, em galardão dos serviços prestados na expulsão dos holandeses" atos aqueles posteriormente confirmados, por cartas régias de 25 de Maio de 1663, 16 de Março de 1669, 3 de Março de 1702, e por fim em outros decretos vindos de Portugal como os de 1 de Julho de 1735, 27 de Abril de 1736 e 8 de Fevereiro de 1762, este já agora quando se sentava sobre o throno luso D. José I. Não descreve o brilhante autor do "Jornal de Timon" o teor das referidas provisões reais, todavia pelo desenrolar dos acontecimentos é hem de ver quão absurdas elas eram, maximé por provirem algumas da real mão do Rei Magnifico, o Sr. D. João V, o homem que escandalizou Portugal com seus luxos, suas extravagancias, e suas despesas, a tal ponto que ao morrer não tinha o erario português nenhum ceutil com

casa para se batizar, casar e apenas aguardava a última, o de ser enterrada! D. João V gastou dinheiro às mancheias, perdulriamente, loucamente. Mas não só com Mafra e Odivelas o Rei dissipara metade do ouro e dos diamantes saídos do Brasil; gastára-o tambem com as amantes que êle teve às duzias; com embaixadas suntuosas que mandava ao Papa, aos Reis vizinhos. Até com o casamento dos filhos — inclusive aquele que viria a ser D. José I —, o Sr. D. João ordenara que se façam despesas excepcionais, não só fazendo construir um palacio em Vendas Novas, a 12 leguas de Lisboa, e sob o risco do famoso coronel de engenheiros muito nosso conhecido, José da Silva Paes e Vasconcellos, como impondo, que se não tenha mãos a despesas de quaisquer naturezas. A tal ponto deve ter excedido o brilho dos esponsorios de D. José e da sua mana com o Príncipe herdeiro de Hespanha, que o geral dos pregadores do Rei, D. Joseph da Natividade não trepida dizer em seu livro famoso especialmente escrito sobre aqueles acontecimentos, que neles como "triumpharão os últimos esforços da opulencia, como os últimos da maior valentia da arte".

Mas se assim era em Portugal onde o Rei se cercava de esplendor e de custosas alfaias, onde havia virado do "avesso o velho Paço da Ribeira" creando até uma capela de espavento servida por um aluvião de conegos e mosenhores, obrigada a um côro magnifico de "castrati" e seleta orchestra, tanto quanto já lhe não bastassem "os oitenta conventos de frades e mosteiros que então possuia Lisboa", segundo nos conta Gomes Britto, — vivia-se entretanto no Brasil uma vida de miseria, de luxuria e devassidão, posto que atingida a força da mineração e a cata do diamante, tudo que se bateiava era logo mandado para a Metropole. Entrementes prohibia-se

o luxo a quem não pudesse justificar prontamente a razão de seus haveres, e como medida a impedir a lascivia dos homens e das mulheres — seculos antes condenada por Anchieta e Nobrega — lá vinham as celebres provisões. Por carta régia de 1709 lá estava, que se vedasse o uso das joias, dos braceletes, dos panos de seda e bordados às escravas, posto que isto nelas eram como um incentivo à devassidão, e aos homens motivo de concupiscencia! Para tanto recomendava-se aos governadores atenção para aquilo "porquanto as escravas costumam sair à noite com adornos a excitar a lascivia dos homens de que se segue muitas ofensas a Deus". Como medida preliminar deviam os governantes da terra impedir desde logo que as mulheres escravas trouxessem sobre si, "adornos de ouro e outros semelhantes, com que procuram tornar-se mais atrativas". Ao mesmo tempo que assim age, impõe D. João V atos de verdadeira deshumanidade para os pobres africanos servís: um deles é o que cogita das penalidades contra os negros fugidos, os que se homisiam nos quilombos, e a "que se chamam vulgarmente calhambolas", para esses cominava-se o castigo de que se lhes imprimisse no corpo "com ferro em braza a marca F (de fugido, fujão) e no caso "de lhes ser encontrada tal marca se lhes "cortará uma orelha" procedendo-se em tudo por simples mandato do juiz de fora etc! Possivelmente que Torquemada e o famigerado Duque de Alba não foram tão cruéis! Mas os castigos não ficaram adstritos não só àquelas medidas punitivas porque ainda havia o pelourinho, o tronco, a chibata e quantos meios outros de torturar, chegaram até 13 de Maio de 1888!

Onde porém a historia da elegancia feminina do tempo colonial atinge o paroxismo da graça e do original, é quando João Francisco Lisboa através de um estílo que ainda hoje se pode fazer invejado, nos conta de um celebre incidente que se teria verificado na porta da igreja da Mesquinhada no Conselho de Bayão, entre um meirinho del rei, um certo Per Pinto com certa dama lusa D. Clara Camella, mulher de Custodio Affonso, cidadão natural do Porto, e tudo isto por tê-la visto entrar para ouvir missa em trajes que para o tempo deveriam ser carissimos. A dama estava *chic*. Trazia coberto um "capotim" que lhe dava por cima da cinta, de roxa côr de pombinho, faxado ao redor pela banda de fóra com uma renda de ouro e prata, entretecida de vermelho e da largura de dois dedos de mulher, e cobertas as costuras do cabeção com a mesma renda, e forrado por dentro de tafeté verde, de lar-

gura e forro de um palmo toda a roda" -- escreve-se minuciosamente no processo a que foi submetida a pobre D. Clara Camella! A argucia de Pero Pinto não ficou porém tão só ali. Antes elle como um bom meirinho descobrira até que a mulher de Custodio Affonso, trazia ainda sobre o corpo um "roupão de tafetá preto, com dois debruns de veludo preto pelas bordas, com as mangas abertas, e aberturas dos debruns do dito veludo, e o cabeção todo debruado" afóra ainda uma "languinha de pano vermelho" que puzera por debaixo, "com barra de veludo verde, por baixo e ao redor, de dois dedos de largo, apestanada de tafetá amarelo e umas espequilhas em cada jordo da pestana". Ora francamente diante daquele achado nenhuma oportunidade melhor havia para o meirinho, e por isso deteve D. Clara Camella. Protesta a mulher de Custodio Affonso. Insiste o inconveniente Pero Pinto. Junta povo. Naturalmente surgiram protestos. Tudo acaba porém por ser a mulher de Custodio Affonso levada ao juiz ordinario da terra. Peante o magistrado Pero Pinto argue, que D. Clara Camella trazia sobre o seu corpo "coisas defezas da lei, como fossem sedas etc". A esse argumento replica todavia a mulher de Custodio Affonso "ser pessoa de qualidade" e portanto poderia faz-lo. As explicações de D. Clara não obstante não convencerem o magistrado, atarantam-no: dir-se-ia que o juiz Pedro Dias não sabe até como sair-se daquela entaladela, e então resolve dar inicio ao processo que é objeto de critica de João Francisco Lisboa. Entretanto Pero Pinto pede que seja a Ré condenada, isto é, à multa de

"seis mil réis além da perca do vestido". Mas D. Clara Camella não é mulher que esmoreça diante da luta, sobretudo em se tratando de tão rica indumentaria, e vae agrava. Nas razões do agravo alega entre outras cousas que além de "ser pessoa de qualidade", seu marido "saíra almotacé da cidade por pelouro, e estava exercendo o cargo", pelo que era cidadão da cidade, igual aos que "andavam na governança dela". Só isto bastaria para provar o seu direito pois que devia "gozar os privilegios de infacção", além de ser ella propria descendente de cidadão da mesma cidade, os "quais por seus filhos e netos gozavam de grandes privilegios e entre eles os de poderem trazer quaisquer vestidos de seda, ouro, e prata que quizessem". Ainda assim além da esplendida defesa, não pedia D. Clara Camella apenas para ser absolvida e reintegrada na posse do seu rico capotim, mas como mulher ferida no seu amor proprio e na sua vaidade feminina, exigia que fosse condenado Pedro Pinto "em seis mil réis de multa, custa e encoutos com reservas de injuria".

Quando soube do agravo o meirinho Pero Pinto pulou como um tigre acuado: voltou ao juiz para replicar; é um aranzel dos diabos o que o teimoso meirinho diz em sua defesa. Começa por negar qualidades de almotacé à Custodio Affonso -- e como para feri-lo fundo -- vae lhe desencavar a arvore genealogica, inclusive o pae do outro, tambem conhecido por Custodio Affonso "homem de baixa condição e mechânico" -- diz Pero Pinto -- servira outróra de "alfaiate calceteiro e de vender pano a retalho". O proprio Custodio Affon-

so Junior, marido de D. Clara Camella não passava de um "vendedor de vinhos e azeites aos quartilhos e atavernados" -- injuriava enfaticamente o meirinho.

Com isto correm os anos e a pendenga chega enfim às mãos do corregedor da comarca, e este atendendo que Custodio Affonso Junior provou ser christão velho, e que "sempre vivêra a lei da nobreza" e que Clara Camella tambem provara ser "de nobre geração", absolve-a e termina por condenar Pero Pinto na multa e custas do processo!...

Manda ainda a sentença que se entregassem os vestidos a D. Clara Camella enjuo uso lhe era permitido, sentença que mais tarde seria confirmada pelo Tribunal da Relação do Porto.

Só não se conta, é sobre o estado de conservação porque devia andar o rico "capotim de rôxa côr de pombinho com rendas de ouro e prata" que tantas dores de cabeça deve ter dado à falecida D. Clara Camella e que coitada para usa-lo teve que provar as suas qualidades de nobre, bem mais feliz sem duvida que as negras escravas do Brasil e as mulheres plebéias que nem este tinham...

Entretanto todos eles bem que sabiam que na nobreza do padre Antonio Vieira havia um avô que se casára com uma mulata, depois de te-la raptado, e que os fidalgos como o Marquez de Pombal e o Conde de Catanheira, quando não tinham sangue africano a lhes enodoar os brazões, tinham sangue de cigano, de mouro, e até de outras raças, muito embora muitos deles, se preocupassem em dizer que eram limpos de sangue...

Como se vestia uma senhora brasileira nos tempos coloniais.





GERT MALMGREN

VERISSIMO DE MELO

GERT MALMGREN

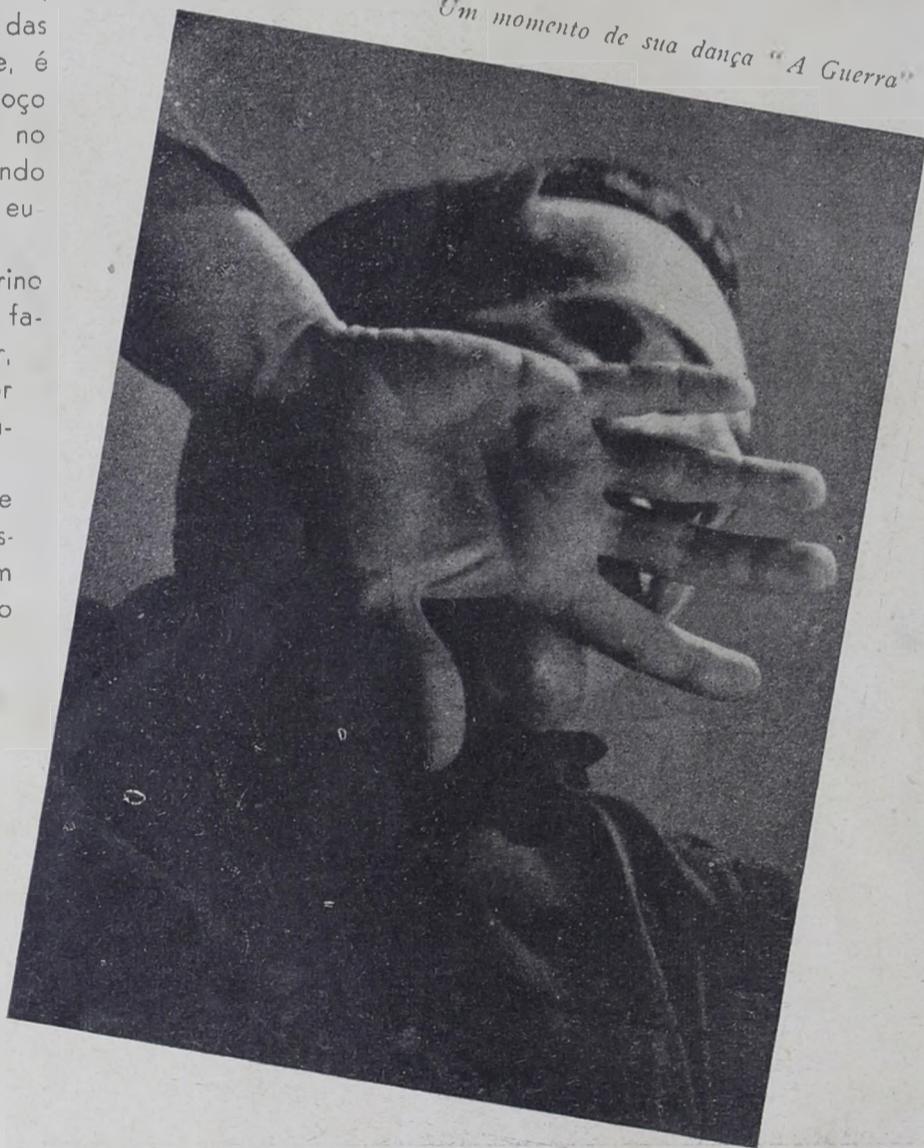
A grande arte de Nijinsky não parou. Ampliou-se, aprofundou-se, modificou-se enfim. E uma das mais esplêndidas afirmações desta verdade, é a estadia de Gert Malmgren entre nós. Muito moço ainda e já detentor de uma medalha de ouro no Concurso Internacional de Dança em Bruxelas, tendo realizado concertos nos maiores centros artísticos europeus, Gert, está fadado a um bellissimo futuro.

Quem conhece a arte deste jovem dançarino suéco, que veio ter ao Brasil acompanhando o famoso "Ballet Joos", sente um interesse ainda maior, quando sabe que êle deixou a dança clássica "por julgá-la sem expressão profunda e distante das fontes do ritmo puro".

E é assim que, depois de ter sido aluno de Sven Tropp em Estocolmo, de Edwardova e Gsowsky em Berlim, de Preobajenska e Khessinkaya em Paris, êle criou uma técnica nova para si, de acôrdo mesmo com a própria dança de seu espírito, seguindo desse modo, com o brilho incomparavel de seu talento, a grande renovação artística que se processa no mundo. Gert não dança somente as melodias eternas. Dança sem música. Dança a música maravilhosa do silêncio e do ritmo.

.....
No concerto íntimo que êle dedicou a um grupo de artistas e intelectuais brasileiros, foram unânimes os aplausos às criações suas como: "A Guerra", "Mazurka em Fá Menor", de Chopin, e "O Fanfarrão". Prende a sua arte. Deslumbra o seu talento admiravel. Por isso tudo, lamentamos extremamente que a so-

Um momento de sua dança "A Guerra"





A PAISAGEM

Tela de João Baptista da Costa



AQUELA estrela bonita que brilhava no alto da árvore de Natal, caiu sôbre a mesa.

E Nêê, que se deslumbrára vendo-a de longe, fulgurando entre as outras estrelas igualmente bonitas, corre a olhá-la, de perto, cheia de curiosidade e de alegria.

NOS olhos de Nêê se reflete tôda a sua curiosidade, todo o interêsse que lhe desperta aquêlo espetáculo inédito e imprevisto. Que linda, a châma irriquiêta que vai e vem ao sabor do vento, que oscila ao menor sôpro da respiração de Nêê . . .

A Estrela que caíu

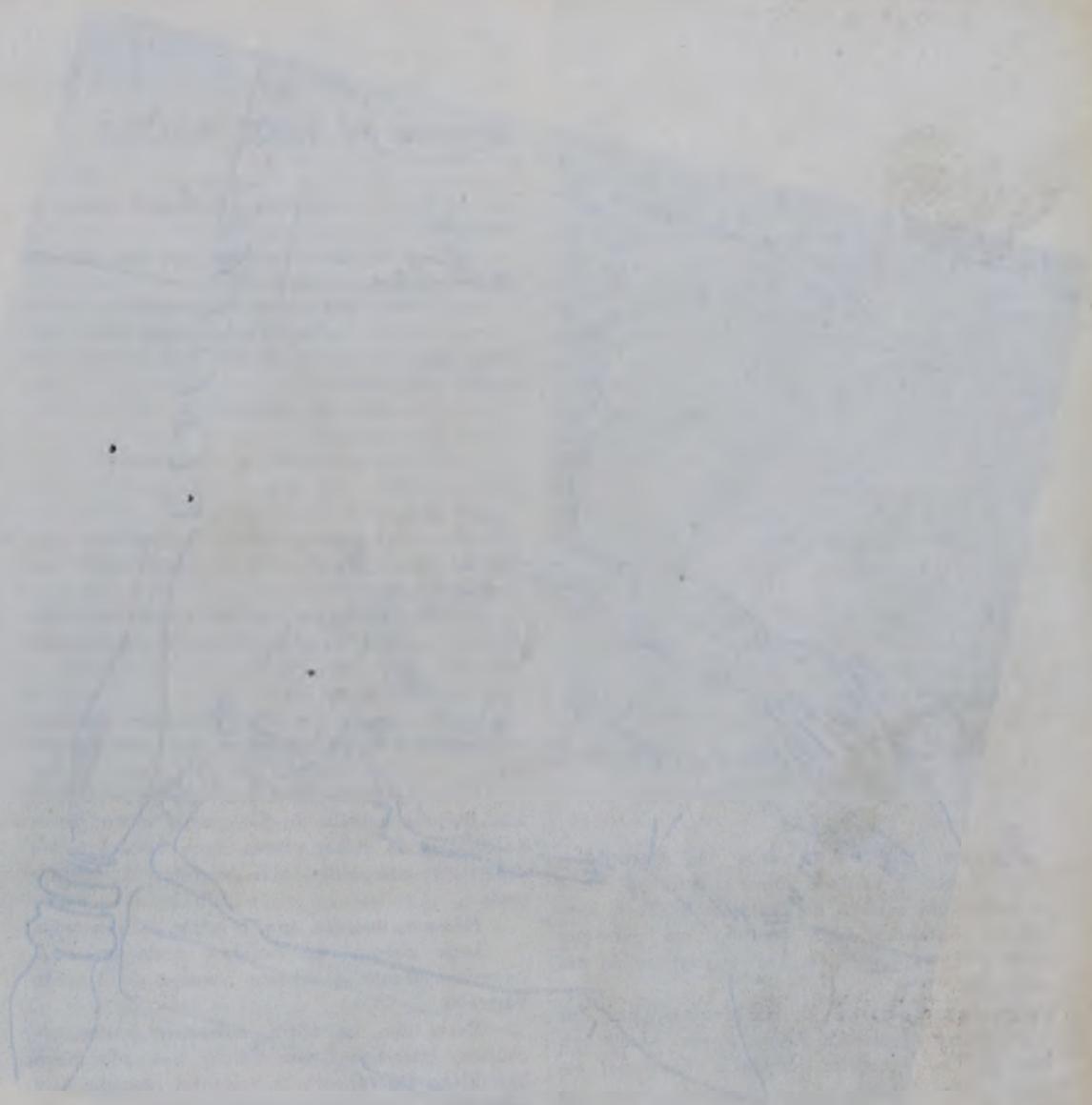


para alegria de Nêê

POR fim, ei-la parada, firme, esguia e fina . . . Nêê, talvez, pensará que devem ser assim, iguaisinhas àquela, as estrelas do céu . . .

E sorri, satisfeita, como se tivesse, naquele instante de sua vida, desvendado o mistério das grandes noites estreladas . . .

RAIO DE SOL



Até você chegar aqui, meu louro amigo,
até alcançar o meu leito de enfêrma,
vir dourar meus lençóis e aquecer minha face,
as horas passarão longas e lentas.

Seu divino esplendor é a única visita
dos meus dias de febre atormentada.
Eu conheço tão bem a sua trajetória
neste recinto triste do meu quarto!

Primeiro, bem cedinho, você chega
espiando, curioso,
pela fresta da janela,
e atira na parede branca
uma flexa de luz;
— assim flexado no ar, o pó suspenso
fica todo de ouro! —

Depois, quando a janela é toda aberta,
você entra vitoriosamente,
recortando em sua restea as rendas da cortina.

Mais tarde, espreguiçando longamente
seu corpo pelo chão, você é como um felino,
um felino de pêlos luminosos,
que arma o pulo de ouro, atinge a minha cama,
avança devagar pela coberta acima
e crava as garras quentes
no meu pelto.

Finalmente, depois de beijar o meu rosto,
sua luz estende, carinhosamente
no espaldar, sôbre a minha cabeça,
um docel deslumbrante.

Esse é o ponto final de sua visita.
Seu calor, logo após, diminue e enfraquece.
o docel pouco a pouco se apaga,
e você, companheiro, vai-se embora.

Chega a tristeza do crepúsculo,
vem a desolação da noite intérmina,
e vem a febre me queimar o sôno.

Mas amanhã, bem cedo, uma nova alegria
clarinará em triunfo a sua chegada.
E os meus lábios crestados pela febre,
meu corpo torturado pela insônia,
minhas mãos pálidas e emagrecidas,
tudo se estenderá, sôfregamente,
para você, meu louro e lindo amigo,
num apêlo à saúde fugitiva,
que há de vir, que há de vir no calor do seu beijol

ADA MACAGGI BRUNO LOBO

O MALHO

OS ESTUDOS MISTERIOSOS DO PROFESSOR KRUHL

Novela de PAUL AROSA

Trad. de HELENA DE IRAJA'



...Dei um salto para traz, a lanterna me escapou das mãos...

Agora, que muitos anos são decorridos, posso revelar a verdade sobre o estranho fim e os misteriosos estudos do Professor Kruhl. A lembrança angustiada dessa aventura me persegue noite e dia e, assim, espero libertar-me da sua obsessão.

Sempre detestei o convencionalismo das praias, para vilegiatura. Adoro o mar, porém sob condição de encontrar solidão e liberdade; escolhi portanto nesse ano a socegada aldeia de Cauville, afim de af passar minhas férias.

Talvés hoje seja um balneario elegante; mas, nessa época, nem sequer possuía hotel e eu me vira obrigado a tomar alojamento na casa da merceira, a qual me cedera, por cima de sua loja, um vasto quarto branqueado a cal, que fazia as minhas delícias.

Em um dos meus primeiros passeios, descobri a moradia do Professor Kruhl. Erguia-se no meio da charnéca que corôa o penhasco e seu aspecto extremamente bizarro me chamou a atenção.

Dei lentamente uma volta por toda essa estranha habitação; por todos os lados, havia um silêncio de morte, excetuando-se um recanto onde julguei ouvir através do muro uns grunhidos abafados, cuja natureza não consegui precisar.

Vivamente intrigado, tornei a descer para a aldeia e interroguei "incontinenti" minha hospedeira, a respeitável Sra. Piedelièvre, que me informou com loquacidade bem normanda.

— E' o torreão vermelho do salsicheiro do diabo — disse-me ela.

Misericórdia! O que vem a ser isso? — perguntei estupefato.

— Não sabemos mais que o senhor. Faz quase 4 anos que um freguês exquisito com cabelos amarelos caindo no colarinho e óculos de ouro, mandou construir essa casa no alto do rochedo; ninguém aqui sabe donde êle vem, nem o que há na casa dêle; os quatro muros foram construídos por um pedreiro de Montvilliers, mas, dentro, tudo foi feito por operários que vieram de fóra e não falavam francês; também êle pouco fala a nossa língua.

— Sim? De que país é então?

— Do inferno, por Deus! Quando alguém é assim tão misterioso, que nem põe portas nem janelas em casa, não vê ninguém, não sai sinão à noite para pescar ou gesticular e falar sózinho na charnéca ao clarão da lua, então não é um sócio de Belzebú?

— E' rico?

— Parece; porque paga tudo pelo dobro do seu valôr.

— E a sra. não tem mêdo que seja dinheiro do diabo, dinheiro maldito?

— Talvés; mas corre como qualquer outro.

— Admito — continuei — que êsse indivíduo seja Belzebú em pessoa, mas porque êsse apelido de salsicheiro?

— Por causa dos porcos.

— Que porcos?

— Êle compra todos os da comarca.

— Vivos?

— Sempre.

— Agora compreendo os grunhidos que ouvi há pouco. Seu Lucifer é simplesmente um negociante de porcos!

— Não, senhor — replicou a viuva com animação. — Todos os que entram para lá ninguém mais vê!

— Ora! Tolices!

— O que eu lhe digo é a pura verdade; mas, como o sr. não acredita, nem uma palavra mais!

E, resmungando, a Sra. Piedelièvre me deixou. Durante o resto do dia, pensei muitas vezes na história da velha; estava cheio de exagero a superstição camponias, mas os fatos deviam ser reais.

Nesse mesmo dia, após o jantar, saí a passeio.

Logo cheguei ao rochedo, onde apareceu na minha frente a silhueta massiça do Torreão Vermelho.

Desta vez, no pátio, ouviam-se passos, cochichos, interjeições num dialéto que não pude identificar. De repente, a noite foi rasgada pelo grito atrás dum porco degolado. Pouco a pouco, foi enfraquecendo, e no silêncio da noite êsse grito parecia quase humano e desesperado. Apressei-me a regressar e em casa, deslizei para meu leito, arrepiado.

No dia seguinte, comecei as pesquisas.

O homem estava instalado no país havia 4 anos e se chamava Siegfried Kruhl, da Universidade de Magdeburgo.

Vivia só, com dois criados homens, dos quais um se encarregava da compra das provisões e outro do ajuste dos porcos: em três anos depois de sua chegada ao país, comprára 1.095 porcos, ou seja, exatamente, um por dia.

Longe de satisfazerem minha curiosidade, êsses detalhes ainda mais a excitavam. Eu abandonára tudo, só para vaguear ao redor da casa misteriosa.

Cada vês mais inquieto, ainda piorei com o fato seguinte: Certo dia, cansado de minhas pesquisas infrutíferas, desci à praia, com a maré baixa, para pescar e com grande espanto, encontrei uma porção de cadáveres de porcos, todos trazendo na garganta a ferida da faca que os sangrara! O mar então, servia de depósito ao laboratório do Dr. Kruhl...

Assim, era apenas no intuito de recolher sangue, litros de sangue de porco, que êsse homem imolava tôdas as noites um desses desgraçados animais?

Abordei por duas vês os criados teutões e, recordando o pouco de alemão que sabia, pedi-lhes que anunciassem ao seu patrão a visita dum naturalista francês, grande admirador dos seus trabalhos; viraram-me as costas com uma única palavra:

— "Unmöglich". (Impossível).

Nada mais pude obter.

Quinze dias depois, encontrei o professor Kruhl e sua estupefaciente aparição ainda mais me transtornou, aterrorizando-me

Era perto de meia-noite; eu passeiava no campo; dirigi-me instintivamente para o torreão

vermelho, e, sob a lua que brilhava vivamente, êle me apareceu sinistro, na charnéca deserta. Desta vês, passava-se algo de anormal; em lugar do pesado silêncio costumeiro, três vezes discutiam por trás do muro, três vezes masculinas, das quais uma, gritante, parecia demonstrar cólera violenta. De súbito, abriu-se o portãozinho de ferro e vi aparecer um homenzinho vestido de preto, sem chapéu, com cabelos louros e óculos de ouro; parecia vítima de uma inquietação, dum desequilíbrio inexprimíveis; e gesticulava, proterindo palavras incoerentes. Vi-o bater com a uorta e se dirigir correndo em direção à aldeia. Seguro da vitória, aproximei-me dêle:

— Senhor Siegfried Kruhl — disse, pondo-lhe a mão no ombro, — não vá tão depressa, porque as pessoas que percorrem o campo à noite como o sr., são ladras ou loucas.

Virou-se bruscamente, com grande cólera brilhando nos olhos, por trás dos óculos.

— Deixe-me! — gritou — num francês fortemente impregnado de sotaque germânico.

— Não — respondi, segurando-o — desejo conhecê-lo, pois o senhor me intriga muito, Professor Kruhl.

— Digo-lhe que me deixe, não entende? Sou livre de fazer o que quizer; nada faço de mal.

— E' o que falta provar.

— Com que direito me interróga?

— Há queixas contra o senhor, — disse-lho — e tenho um mandado de prisão do juiz de instrução do Havre.

Êle fez-se pálido como a morte, e o susto e a angustia se imprimiram em seu rosto.

— Senhor — suplicou — deixe-me ir, é preciso! Nada faço de mal, sou um simples sábio, faço estudos, sómente estudos, sómente estudos, mas preciso achar um hoje de noite... não me retenha... o que eu tinha morreu, preciso um, imediatamente... E — acrescentou tomado de super-excitação tremenda — sem isso "ela" vai morrer... e si morre, não poderei reanimá-la mais esta vês... si ela morre... si ela morre... tudo está perdido... perdido...

Fez um gesto brusco, desvencilhou-se, e partiu à toda pressa sem que, petrificado de surpresa, eu tivesse a idéia de o perseguir. Com o coração batendo, ocultei-me por trás do torreão vermelho! Após uma longa espera, vi reaparecer o professor Kruhl, que puxava um animal por uma corda; o portãozinho se fechou atrás dêle, e logo se ouviu o grito prolongado dum porco que se dególa.

Passei os dias que se seguiram a êsse aterrador encontro, num furioso estado de enervamento.

— Si ela morre, não posso mais reanimá-la... Si "ela" morre, tudo está perdido...

"Ela" quem? A que criatura fazia êle alusão? Quem era êsse ser com o qual se preocupava tanto?

Era então para lhe assegurar a existência que precisava imolar tôdas as noites um porco? Não podia ser algum animal feroz, guloso de carne crúa, pois os corpos das vítimas eram atirados intátos no mar!? Era então sangue, sangue frêsko que ela necessitava?

Meus preparativos fôram rápida e discretamente feitos: fui ao Havre, comprei 10 metros duma forte corda de nós, um gancho de ferro, uma lanterna elétrica, e um vidro de clorofórmio, munindo-me também dum excelente revólver. Voltando a Cauville, depois secretamente todo êsse material num recanto deserto da charnéca não longe do torreão vermelho, depois, tôdas as noites, qualquer que fôsse o tempo, emboscado por trás das altas giestas, eu fiscalisava o portão de ferro.

Tentar o assalto dessa fortaleza, com seus três habitantes reunidos, seria loucura; era necessário esperar que ao menos dois dos seus moradores se ausentassem; eu sabia que o professor e seus acólitos passejavam às vezes, durante a noite, fóra do seu domínio. Isto não aconteceu senão no meu vigésimo dia de espera, quando eu já ia desistir da empresa. Pelas onze horas, deuse o degolamento quotidiano do porco; à meia-noite, vi enfim o portão de ferro abrir-se docemente, um dos gigantes ruivos apareceu, inspeccionou a charnéca, fez um sinal e o professor Kruhl surgiu: vi o gigante depôr em seus ombros um par de grandes redes semi-circulares e sumir-se com o patrão num dos caminhos do rochedo, — o sr. Siegfried Kruhl ia à pesca.

Quando os dois homens estavam longe, pulei do meu esconderijo, com o coração batendo desesperadamente; tive medo nêsse instante. Estive a ponto de recuar, de renunciar à minha empresa e de deixar o alemão se entregar em paz aos seus misteriosos estudos, mas a convicção em que estava de descobrir atrás desses muros algo de medonho, de extraordinário ou de fantástico, venceu o meu desfalecimento. Corri para o lado onde tinha colocado meu material, voltei sem rumor munido de minha corda de nós, em uma das quais extremidades fixára solidamente o gancho de ferro e comeci o assalto do torreão vermelho.

Havia escolhido o ponto do muro mais afastado da porta d'entrada, êle tinha sete metros de altura e foi-me preciso lançar onze vês a corda antes de conseguir fixar solidamente o gancho num interstício da parêde; em alguns minutos atingi o cimo do muro sôbre o qual montei, depois agarrei a corda e pendurei-a no outro lado; escutei: tudo era silêncio, deixei-me escorregar, e cheguei ao ponto.

No meio do vasto quadrilátero, erguia-se a casa, escura e massiva; ao redor, encostados às parêdes externas, vi pavilhões de fôrmas diversas, estando a janela dum dêtes aberta e iluminada, o que traçava um largo quadrado de luz sôbre o chão do pátio. Parei, interdito; era lá evidentemente que se achava o outro guardião à espera de seu patrão. Ia vê-me, ouvir-me... Nada se movia, entretanto: a passos de lobo, sustendo a respiração, aproximei-me, olhei — o homem sentado na poltrona, dormia. Um passo, um movimento poderiam despertá-lo; sem ruído, esvasiei o frasco de clorofórmio sôbre meu lenço, depois, aproximando-me, atirei-lh'o sôbre os joelhos, dextramente. O homem fêz um movimento, porém não despertou. Esperei um pouco, depois, lestando, pulei pela janela: o alemão abriu os olhos, viu-me, ergueu-se, mas a droga já lhe havia paralisado o cérebro, cambaleou e caiu de joelhos. Atirei-lhe o lenço no rosto, segurando-lhe as mãos. Não pôde resistir e caiu de vês. Usando uma cordinha extremamente resistente com a qual me munira, liguei-lhe solidamente os membros.

Deitei os olhos ao meu redor — êsse abrigo do guarda nada tinha de particular; fitei maquinalmente a lâmpada que iluminava o aposento: era elétrica. A eletricidade estava pois instalada no torreão vermelho? Onde provinha? Voltei ao pátio, vi antes de tudo a porta de ferro que possuía uma fechadura complicada como a dum cofre-forte, e penetrei em seguida no primeiro pavilhão: uma emanação violentamente ácida subiu-me ao nariz e à garganta, acendi minha lanterna, e vi-me numa sala de acumuladores, pois havia grande número numa peça contigua, onde se achavam o dinamo e seu motor. O pavilhão que se seguia era o matadouro dos porcos. Dirigi-me então para a casa que nunca me havia parecido tão escura e tão sinistra. Uma porta baixa se abria sôbre uma das faces; empurrei-me, ela cedeu.

Transpuz o limiar: tudo estava escuro, mas a claridade viva de minha lanterna me mostrou um vestíbulo no fundo do qual havia uma escada; no momento de subir o primeiro degráu, foi então que ouvi o ruído.

Meu Deus, como a lembrança dêsse ruído permaneceu em meu ouvido! Era um ruído um pouco surdo, de intervalos rigorosamente iguais. Em si — mesmo, nada tinha de assustador, mas o que me perturbava era que, no começo, não pude atinar com a sua proveniência: era um "toc-toc" regular demais para ser de origem humana; um pouco como o "tic-tac" dum grande movimento de relógio, e entretanto, eu já o ouvira antes... Êsse "toc-toc" regular, a um tempo poderoso e dôce, essa espécie de pulsação ritmada era... assemelhava-se exatamente às pulsações do coração.

Um suor frio me inundou todo: que havia pois lá em cima? Dominei-me, recuperei coragem; em dois saltos, subi ao tópo da escada. Dava para uma porta envidraçada. O professor Kruhl, seguro da força de suas muralhas, não fechava à chave nenhuma das suas portas. — Abri essa tão facilmente como as outras e penetrei numa vasta peça quadrada, completamente escura. Tinha apagado minha lanterna; nas trevas, um pouco à esquerda, ouvia-se o ruído com algo metálico. Virei a lanterna para o lado do quarto donde isto provinha, e acendi-a.

Não era senão uma máquina. Bem que sua imagem me houvesse ficado gravada na memória, não posso dar aqui uma descrição aproximada. Poderia ter 1m,50 de altura com a vaga fôrma de uma pirâmide, era toda de metal branco e apresentava uma amálgama inaudita de mostradores, rodas, gavetas e alavancas, funcionando com uma precisão e uma regularidade admiráveis; a máquina "batia", e como minhas temporas batessem também, percebi que as pulsações sincronizavam absolutamente com as de meu coração.

Nêsse momento, minha atenção foi atraída por dois tubos de metal, que partiam do alto da máquina e seguiam a parêde do quarto. Acompanhei-os com a luz da lanterna: iam dar a uma espécie de sóco também de metal; na parte de baixo do sóco, partiam outros tubos que conduziam outra vês à máquina; no alto, incrustada numa espécie de canga havia... uma "cabeça humana"!

Estremeço ainda ao escrever estas linhas. E'-me impossível transmitir por meio de palavras o susto e o horror que me tomaram nêsse instante: não queria olhar, e meus olhos não podiam se despegar do que aí estava. Uma cabeça de homem, de cerca de 25 anos, glabra, com cabelos negros, palpebras fechadas, a bôca também, as narinas imóveis, porém com a côr normal, a tês fresca e rósea, os lábios violentamente rubros; essa cabeça, "que não respirava", parecia viva. De súbito, abriu os olhos e fitou-me.

Dei um salto para trás, a lanterna me escapou das mãos e despedaçou-se sôbre o soalho, tudo tornou a cair nas trevas e então ouvi uma voz.

Essa voz era sem timbre, falava baixo, como quem está atacado de grande dôr de garganta e disse:

— E's tu, carrasco?

Não pude responder.

Ela continuou:

— E's tu, carrasco?

Por que me acordas? Que queres me fazer ainda?

Ao som dessa voz lamentável, meu susto se dissipara um pouco; às apalpadelas, encontrei um comutador, torci-o, tudo se inundou de luz e lá, vi a cabeça que continuou a me falar:

— Quem és? Como estás aqui? Por que prodígio enganaste Kruhl? Sim, vejo, tens medo, não compreendes. Perguntas si não és o juguete de um pesadêlo. Não. Tudo o que vês é real. Sou uma cabeça cortada.

— Viva? — perguntei arquejante.

— Sim; viva, pela vontade e os estudos do Professor Kruhl, e tu vais me livrar, vais quebrar a máquina, parar o coração implacável e me devolver à morte donde êle me arrancou!

— Quem és? — indaguei.

— Próspero Garuche, guilhotinado no Havre, há três anos!

— O assassino de Elisa Baudu?

— Êle mesmo.

Todos os detalhes da questão me voltaram bruscamente à memória. Fôra um crime sensacional que havia apaixonado a opinião pública, em sua época. Próspero Garuche, jovem empregado de boa família do Havre, caíra nas malhas duma mulher; para arcar com seu luxo, cometera até roubos; quiz se libertar, deixá-la; então, ela o ameaçou de denunciá-lo à justiça e exigiu dêle novas sômas de dinheiro; desesperado, perdendo a cabeça, assestára-lhe com uma garrafa no crânio, que a estendera morta. Os debates fôram movimentados, a opinião era inteiramente favorável a Garuche, esperava-se uma absolvição; o júri foi impietoso, condenou-o à morte e a execução teve lugar no Havre, no meio dum grande concurso da população.

— Lembras-te? — perguntou a cabeça.

— Sim — respondi. — Mas como é que Kruhl te conseguiu?

— Minha família reclamou meus despojos, para me evitar o anfiteatro, mas Kruhl lhes pagou 10.000 francos. O negócio tinha sido aliás preparado por êle havia longo tempo. Na Alemanha, não guilhotinavam; por isso veio experimentar sua máquina na França.

— Mas enfim — exclamei — como é possível que estejas vivo, sem corpo? Para viver, é necessário um coração, um estômago, pulmões...

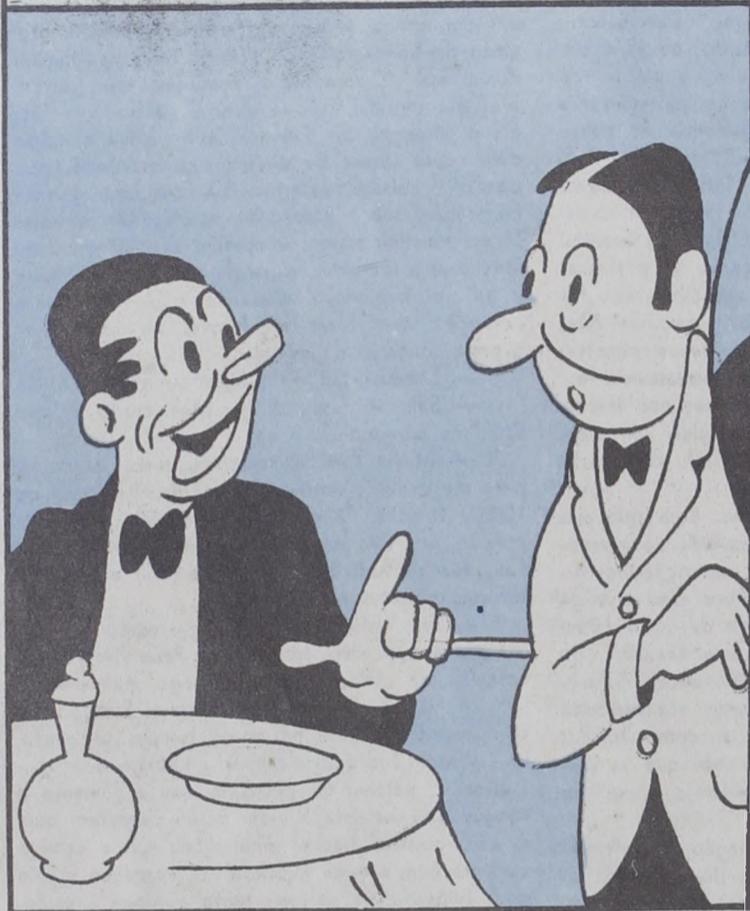
— Não, só é necessário sangue! Escuta: vais compreender. Desde há muito tempo, os anatomistas tem tentado reanimar a cabeça dum guilhotinado; partem do princípio que é sómente o sangue que sustenta a vida. Então pensaram que, si conseguissem banhar o encéfalo duma cabeça cortada com sangue injetado nos vasos do crânio com temperatura normal, tanto como a pressão, fá-la-iam ressuscitar. Experimentaram: reuniram as carótidas de um cão vivo à cabeça dum suplaciado e o rosto se animou, os lábios se moveram,

(Termina no fim do numero)

...e vi aparecer um homenzinho vestido de preto, sem chapéu, com cabelos louros e óculos de ouro.



RIA SE QUIZER



— GARÇON, TRAGA-ME UM PALITO...
— POR ENQUANTO NÃO TEMOS. ESTÃO
TODOS OCUPADOS, CAVALHEIRO!



— NO DIA EM QUE LHE ENTREGAR A MINHA
FILHA, DEPOSITAREI CEM CONTOS NO BANCO...
— E NÃO SERIA MELHOR ENTREGAR-ME O DI-
NHEIRO E DEPOSITAR A SUA FILHA NO BANCO?



— VAIS PARA O TRABALHO?
— NÃO; ESTOU EM GREVE.
— POR QUE?
— ORA, PORQUE QUERIAM ME OBRIGAR A
TRABALHAR.



— MEU TRABALHO É ESMAGADOR.
— ESMAGADOR? QUAL A TUA PROFISSÃO?
— SOU MOTORISTA DE ÔNIBUS.

MARIA DO CÉU

SCYLLA GUSMÃO

Foi à luz baça do candieiro fumacento que projetava sombras vagas em torno, que eu ouvi de mãe Silvina o relato do seu infortúnio. Cara enrugada, a boca sempre marcada num rictus de sofrimento, a pobre tapuia despertava piedade e compaixão. Pela segunda vez indaguei. — Como foi mesmo que se deu a desgraça, mãe Silvina?

E numa voz lamentosa, magoada, quasi a segredar para mim que a ouvia comovida, mãe Silvina contou, num desafogo, a sua desdita. De quando em vez enxugava com as costas das mãos os olhos sem brilho.

— Ai, dona, até me doi falá no caso, mas vou lhe contá. Mecê sabe, a vida do Tião, rio acima, rio abaixo, com os carregamento de farinha e assaí pra vendê em Belem, pouco parava no sitio.

Quantas vez fiquemo nós duas, eu e ela, sósinha, rezando pro Sinhô dos Navegante, modí ele vorté em paz e sarvamento.

Um dia o Tião trouxe de Belem um moço, filho duma familia conhecida, uns frequê de farinha, paraque, pra disqançá uns par de dia na roça, disque p'ra espairocê dos estudo de dotô. Bonito, conversado, não tinha essas bondade de gente rica e no fim de uns dia eu já gostava do moço.

De manhãsinha ele se banhava no igarapé p'ra depois comê com gosto os beijú, bolinho de carinã e bebê e café com leite de cabra. Tava botando um corpo, dona! Nem parecia o mesmo. Bonitão que só ele!

— E Maria do Céu gostava do moço? — perguntei, curiosa.

— Nos principio não gostava, não; mecê sabe, ela se criou no tempo, soltinha como os passarinha que vinha bicá os alimento nas parma das mão dela. Ela mesmo abria as picada no mato com o terçado de fazê as dirrubada, tirava das arvoré as fruta que queria e caçava as caça do gosto dela. Com seu dotô aqui, tudo virou, precisava me ajudá nos qui fazê p'ra servi o moço da cidade. Mas porém com os dia, ela foi amansando, amansando e já levava ele pra vô as prantação e os ninho de sabiá e das juriti, ou se largavam na montaria, rio afóra. Inté ensinou ele a manejá o jacumã, vigie só! Té que duma teita, eu fui achando a do Céu mofina, calada, sem geito mesmo do que ela era. De noite ficava de ôio aberto no fundo da rêde, sem drumi nem nada.

— Do Céu, tu tá doente?

Tenho nada não, mãi, me arrespondia. E cada dia mais sem ação, chega andava esquecida e parada feito gente lésa.

— Do Céu, tu tá doente. Vamo consurtá o tio Onofre.

Aí, dona, a curiboca botou os pranto a corre, que não ia, que não tinha nada, era só cisma e que eu me assossegasse. Mas eu não assosseguei.

— Tu não qué i comigo, quando teu pai vorté de Belem, tu vai é com ele. A gente esperava o Tião numa quinta-feira e isso foi na segunda. De noite resemo e fomo deitá. Ela armou a rêde no puxado, mas eu não botei mardade e peguei num sono só, itá de manhãsinha. Quando começou a clareá eu me alevantei. Nós tinha uns pouco de talo de maniva p'ra prantá no rogado nesse dia e quando fui balançá os punho da rêde p'ra acordá ela, a rêde tava fina, fina sem ninguem dentro. Ai eu fui na cosinha; nada. Na casa da farinha; não tava. Nem no rogado. Fiquei desacomodada, o coração em termo de sartá do peito. Então fui chamé o seu dotô p'ra nós os dois a percura dela e não achei ele. Saí gritando o nome dela e o nome do marvado. Gritei na beira do igarapé. Espiei no poço. Gritei mato a dentro. Só o éco arrespondia. O éco e o japiim senvergonha arremedando o meu chamá. Sa dona, foi aquele sací marvado do ter dotô que levou ela. Aquele curupira amardiçoado.

Quando o Tião chegou e soube da desgraça, vortou na mesma p'ra Belem. Fincou nas agua e eu só via as véla da "Catita" i sumindo, sumindo, que as vista dos meus oios já nem alcançavam elas. No finá de tres dia, que eu não comi nem drumi, só rezava, o Elias Rega ão veio vindo p'ra me dizê outra desgraça. A enchente que pegou o Tião.

— Sem marido... sem filha... soluçou a pocrésinha.

— Não chore, murmurei, como se os corações partidos pudessem ouvir méras palavras de consolo — não chore...

— Tá bem, dona, não quero lhe botá minha tristeza. Choro mais, não...

A luz baça e fumacenta ia mirrando e a penumbra era maior e o quadro era mais lugubre. Para fugir áquela sensação de melancolia que me invadira

desde o inicio da narrativa de mãe Silvina, convidei-a a que me mostrasse onde me alojaria nessas tres semanas de férias que ia gosar ali, em Ponta de Pedras, no sitio dessa velha conhecida de parentes meus e de todos muito benquista.

Em franco "surmenage" necessitava bom de absoluta serenidade em derredor de mim. Para os meus fatigados olhos, bastava a contemplação de um céu azul, e para os meus sentidos a alegria de me encontrar perto das arvores, aspirando o olôr do verde, longe da civilização, no meio da natureza em festa, entre palmeiras vetustas e garbosas, cujas folhas gigantes sacadas pelo vento semelham cocar de plumas, ou se abrindo em leque, emolduram graciosamente o espaço.

No rio largo de aguas mansas, touceiras de mato derrubado, descendo ao sabor da corrente, numa demonstração eloquente de que o caboclo da Amazonia braceja como poucos. Todo o cenário que a natureza oferece nessas plagas deslumbrantes eram para o meu espirito recalçado, de um efeito salutar.

Mãe Silvina acomodou-me na melhor peça da barraca limpínha.

— Fique aqui, sinhãzinha. Não é palacio, mas tá tudo clarinho.

E foi ali naquele cantinho sossegado, o luar entrando pela janela rasgada na parede sem rebôco, que eu escrevi a essa pobre e infeliz Maria do Céu, este apelo, interpretando a angustia que ia no coração aiançado daquela pobre mãe.

... você deve voltar, Maria do Céu. Alguem está se acabando de saudade e você decerto não esqueceu estes sitios onde viveu dezoito anos, contentre e travessa como uma cabritinha montês. Não diga que já esqueceu as madrugadas que você fazia para vê

chegar o sol e ir aos poucos iluminando tudo, a terra e os séres. Esse mesmo sol, você gostava de ve-lo deitar-se nos fins das tardes estívais, devesgarzinho, preguiçoso... Você deve voltar, Maria do Céu.

Tudo está como você deixou. A rêde de tucum, armada no copiar, guarda nas suas fibras entrançadas os segrados dos seus sonhos de virgem. No girá, estão as mesmas roseiras bravas, os mesmos pézinhos de alecrim cheirosos, os mesmos tajás, tudo como você deixou. O sapotil que mãe Silvina plantou quando você nasceu, lá está, perito do oitão, parecendo chorar o abandono em que ficou. Suas folhas estão caidas pelo chão.

Bem no fundo do baú de folha, eu vi os seus "guardados". O cabeção de riscado que você vestia para ir às festas do Divino, a fita vermelha que atava as suas tranças corridas e lustrosas, a figa de páu d'Angola, a cuia colorida, seu nome gravado por cima da palavra—lembrança — todas essas coisas siniples que falam das seus dengues, da sua garridice de cabocla faceira, mãe Silvina guarda com desvelo.

Dentro do pucero de barro, vi o colar de "lagrimas de Nossa Senhora" todo entremeadado de contes de vidro. Uma conta, uma lagrima, uma conta, uma lagrima.

Você deve voltar, Maria do Céu.

As aguas do igarapé esperam o milagre de vê você surgir como dantes e imergir seu corpo bonito comd uma vitoria rêgia de carne e de desejos. Só os passaros que vinham pousar nas canaranas e o sol vitorioso que

espia lá do alto, podiam presenciar o sugestivo quadro que a sua mocidade oferecia banhando-se nas aguas espelhantes do igarapé da Ponta de Pedras.

Uma noite você acordou com um jorro de luar batendo em cheio na sua rêde. Então lhe veio aquela vontade doída de sair e se sentir em plena claridade, De mansinho, sem que ninguem pressentisse, você ganhou o terreiro e foi indo, foi indo, em direção ad igarapé. Aí você entregou-se à caricia envolvente das aguas. Como um lençól cintilante com fulgurações de prata, assim era nesta noite a superficie do igarapé refletindo o céu iluminado pelo pisca-pisca das estrelas. E a sua carne morena sentiu os beijos do luar. Virgem de outros beijos, seu corpo se ofertava à plenitude da maravilhosa luz e toda você vibrava no remenso das aguas claras lára morena do igarapé banhado de luar... Você deve voltar, Maria do Céu. Alguem está se acabando de saudade... Maria do Céu, volte...

Um bater de leve na folha da porta e logo a voz caínhosa de mãe Silvina, perguntando, solícita, na sua simplicidade da hospedeira improvisada:

— Sinhãzinha não tem sono?

Entre, mãe Silvina.

Ela entrou, humilde, quasi curvada pelos desgostos. No rosto, trazia vestígios de pranto, na fronte, estampada a imense dôr que a custe procurava ocultar.

Apiedei-me dela e pedi que não chorasse mais. Então convenci-a a ir dormir.

Vá socegada, estou bem. Não quero mais vê-la chorar, ouviu, mãe?

Olhou ternamente para mim e safu, mais humilde e mais curvada pelo sofrimento.

Pobre mãe Silvina! As palavras da inteliz roceira, relatando o seu infortúnio ainda vibravam no ar e eram contes de um rosario todo entremeadado, igualzinho ao colar de lagrimas de Nossa Senhora que os meus olhos contemplaram entre os guardados de Maria do Céu.

Uma conta, uma lagrima, uma conta, uma lagrima...



A GLORIA E SUAS ESTRAVAGANCIAS

A glória virgiliana brilha como uma luz tocante, entre os romanos ásperos e materiais do Império de Augusto. A sua poesia revestiu de maior suavidade o terror das guerras e forçou os pretorianos a esquecer por um momento o mundo externo, em benefício do mundo interior. Virgílio se recreava na íntima contemplação das coisas. Fugindo da Corte, onde muito o queriam pela sua bondade, retirava-se para o campo, amando as árvores farfalhantes e a alegria do sol. Assim, uma parte da *Eneida* se inspirou na solidão da Sicília e a outra no sossego da Campania. Refez a poesia depois de Homero, trazendo consigo uma linguagem de novos acentos, em que há místicos ideais e inquietações humanas. Horácio falava dele como a alma mais candida que já existiu e a sua vida entre os romanos, fere como um paradoxo.

Esse poeta épico, que nada fez de espetacular e que viveu uma existência toda interior, entrou no domínio da lenda e das personificações simbólicas. Com o tempo, começou a pairar em torno de Virgílio, narrativas supersticiosas, que o transfiguraram completamente. A biografia escrita pelo seu amigo Varus e por Melissus, sofreu a influência das crenças populares, concorrendo para isso a época deformadora da Idade-Média, fértil em abusões de toda espécie. Formou-se em torno de Virgílio, o rumor de singulares histórias, que extraíam de autores antigos e recentes.

Como sucedeu a Homero, inventaram que Virgílio nasceu de uma virgem pelo signo das vontades sobrenaturais. Disse Seneca, que ele fez versos que devem ser venerados como oráculos emanados do céu. Silius Italicus, imitador da poesia virgiliana, celebrava todos os anos o seu aniversário em Nápoles, como se adorasse uma divindade.

A Porta Settimiana, que lembra o esplendor de Roma, com os seus generais triunfantes e a glória dos seus poetas.



O MALHO

No século I, Suetônio colaborou com a lenda, na crença sobre o milagroso nascimento de Virgílio, aliando o seu consentimento literário. Estudado e interpretado misticamente nos tempos medievais, transformou-se na fantasia popular, num herói de mágicas aventuras, num ente supranormal. Viram-no como o profeta que predisse a vinda de Cristo, o destruidor do materialismo romano. Fizeram de Virgílio o detentor de toda a ciência, a quem nada podia ser oculto, porque o resguardava a clarividência.

Mágico e taumaturgo, operava sortilégios e milagres, que a imaginação popular especificou minuciosamente. As obras virgilianas se converteram de livros poéticos, em brevíários de sorte e de magia. Dante concorreu para o seu renome, elegendo Virgílio como guia no Inferno, dando-o como o expoente da sabedoria. No século XII, propagou-se a fama da sua santidade e do seu poder. A lenda idealizou episódios incríveis, que Naudé, Lancre, Donad e Bodin, recolheram e repetiram. Falam de uma mosca de metal, que colocou à entrada das portas de Nápoles e que impediu durante oito anos, a entrada das outras moscas na cidade.

Os relatos fabulosos ornaram a sua vida com a aureola de originalidade, que se nutre de alucinações e de imagens. Indo a Roma tratar da restituição do seu patrimônio em Mantua, tra-

vou relações com o escudeiro de Augusto e como alguns cavalos sofriram de moléstias, curou-os com estranhos remédios, maravilhando a todos. Pouco depois, outro fato banal, mas singular pela fantasia, avolumou a crença nos dons de Virgílio. O acontecimento ocorreu quando apresentaram o monarca romano com um pôtro gracioso, forte e ágil, cuja raça parecia indiscutível. Profetizou Virgílio, que o corcel valia tanto como um animal vicioso e como se realizasse o seu prognóstico, a popularidade cingiu-o com o halo dos videntes. Por aquela época, Antonio irritava Augusto, que se via ridicularizado como plebeu. Augusto apresentava no corpo manchas simbólicas, muito parecidas com os astros da Ursa Maior.

Conhecendo a cura dos cavalos, bem como a fama dos dotes virgilianos, mandou-o chamar confidencialmente e conversou à prioridade, para

ver se conseguia se libertar delas. Ha dois milênios passados a astrologia se equiparava à ciência, na mesma igualdade da física e da matemática. Atribuíam a Virgílio o dom de conhecer as relações maravilhosas entre a vida do homem e a vida dos astros. O poeta mantuanu predisse, que Augusto viria a ser César do Império Romano. Devemos advertir que tal episódio vem narrado por Donat, que os historiadores modernos acusam de frivolidade.

Como ha nas *Georgicas*, mais astrologia e menos astronomia, mais imagens do que física, tentaram justificar todas essas invenções, dizendo que o falso sugere ao poeta idéias sublimes, ou pinturas agradáveis. A propósito das *Georgicas*, Macrobio formulou a frase, que Virgílio jamais comete um erro em matéria de ciência.

Buscaram justificar a transfiguração do poeta, apelando para a sociedade romana, mais guerreira do que culta, mais materialista do que espiritual. W. S. Teuffel e John Dryden explicaram a inferioridade dos latinos, que não ostentavam a flexibilidade e a universalidade, nem a imaginação dos helenos. Aplicavam-se sobre o lado prático das coisas, esqueciam as artes e a literatura, ignorante por índole militar.

No materialismo das conquistas imperiais, multiplicavam-se de grandeza os conhecimentos de Virgílio. Com o gosto do maravilhoso, que existe em toda sociedade inculta, os romanos da decadência descobriram a teoria da purificação e da ressurreição da alma no VI Livro da *Eneida*, bem como a supressão do nascimento do mundo na VI *Ecloga*.

A perspectiva muito influe na apreciação da glória virgiliana, deformada pelas superstições medievais e pelos interesses astrológicos, que percebem insinuações em todas as frases.

O seu nome pareceu tão importante às gerações posteriores, que discutiram muito se devemos grafar "Virgílio" ou "Vergilius". O seu imenso conhecimento preocupou os antigos. O imperador Alexandre Severo sintetizou a admiração geral, denominando-o como o Platão dos poetas.

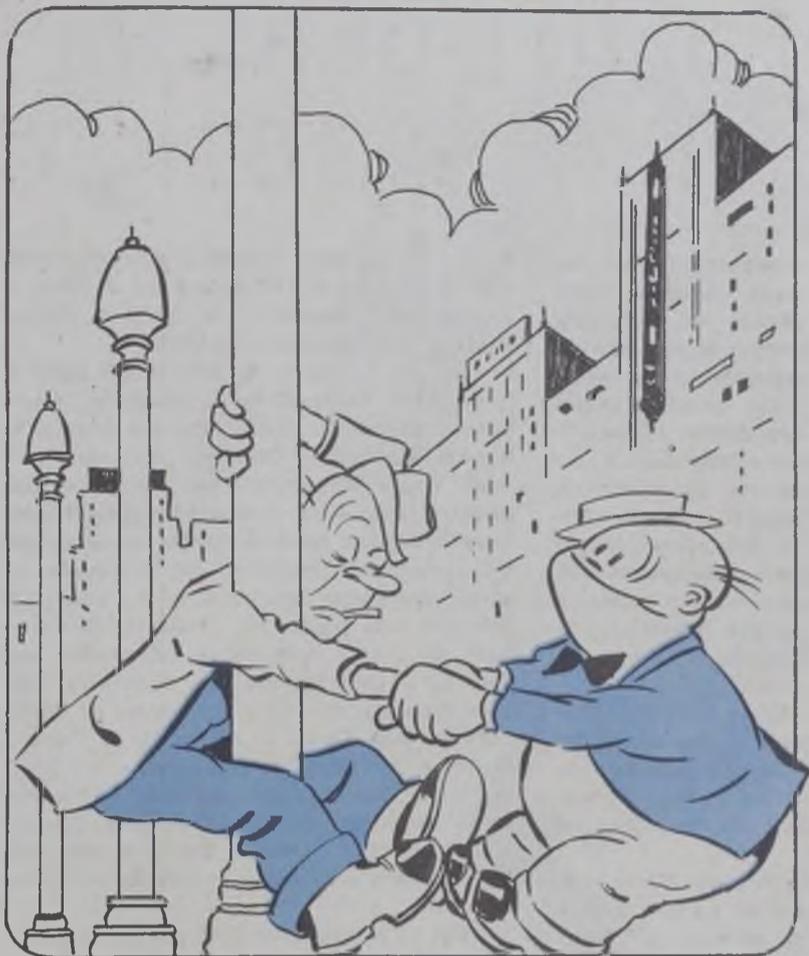
Ainda no século XVII, falavam existir em Florença um espelho mágico, que o poeta empregava nos seus rituais de sobrenaturalismo.

Espíritos inventivos julgaram descobrir nas *Bucolicas* e no VI Livro da *Eneida*, fórmulas de filtros mágicos.

Pierre Bayle considerava ridículo todos esses problemáticos prodígios. Outros entendem, que se deve procurar se existiu no tempo de Augusto e de Mecenas, algum mago com o nome de Virgílio, homônimo do épico da *Eneida*, esquecendo que as alucinações da glória explicam tudo.

DE MATTOS PINTO

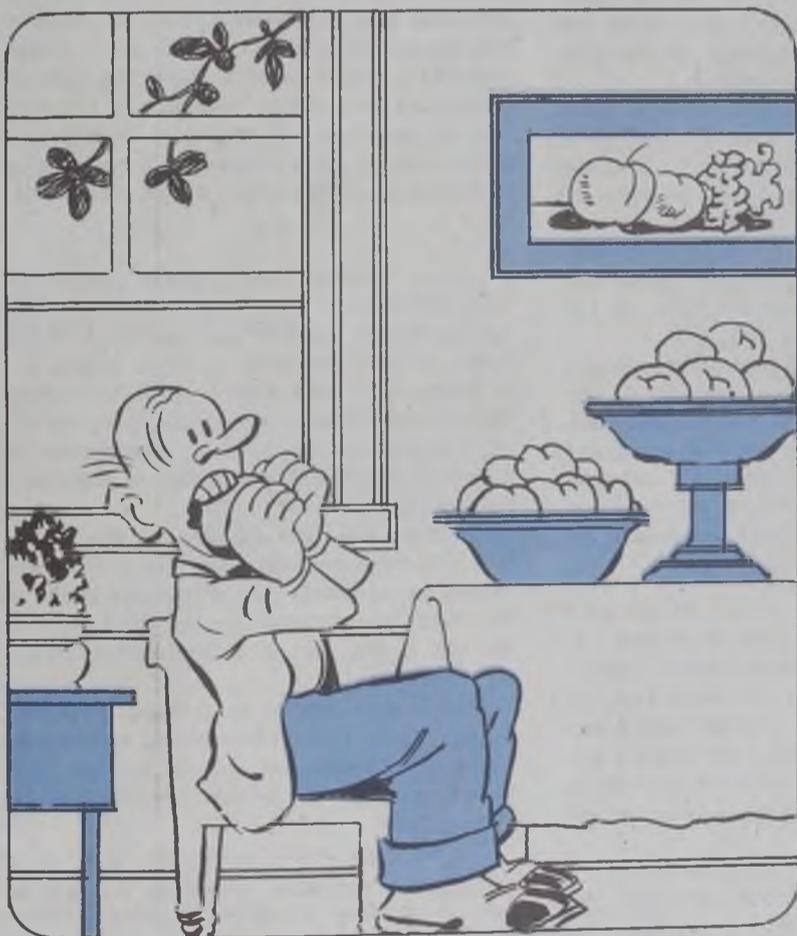
SÊDE ETERNA



— Mas que coisa terrível! O Bolonha, todos os dias péga uma bebedeira assim! Vou levá-lo ao médico...



"Seu" Bolinha. O caso do Bolonha é muito simples. Todas as vezes que êle sentir vontade de beber, dê-lhe uma maçã...



... para comer. — Papagaíio! Que vontade louca de tomar um "trágo"... Mas é preciso seguir o conselho do médico... Mais uma maçã... — Mas como foi isso!



O Bolonha está com sintomas de congestão! — Doutor. Êle disse que hoje setenta vezes, sentiu vontade de beber, e... comeu setenta maçãs...



BARÃO DE SÃO BORJA

NO EXÉRCITO E NA HERÁLDICA

“TENENTE-GENERAL BARÃO DE SÃO BORJA”

Honrou a Pátria o benemérito brasileiro, de quem é aqui apresentado o perfil biográfico.

Na cidade de Porto Alegre, cercado de respeito e consideração, no dia 24 de Outubro de 1877, acabou os dias naturalmente o velho soldado Victorino José Carneiro Monteiro, Barão de São Borja, filho do Major João Francisco Carneiro Monteiro e Dona Isabel Rosa Carneiro Monteiro. Era natural de Pernambuco, em cuja capital nasceu em Dezembro de 1816.

Muito jovem iniciou-se no serviço das armas, fazendo gradativamente a carreira militar pelo merecimento próprio, por seus esforços, até atingir o elevado posto de Tenente-General.

Em Pernambuco fez as campanhas de 1832 e 1833, sendo ferido na última, quando foi obrigado, por este motivo, a retirar-se do serviço militar. Passou, então, a servir como Amanuense da Intendência de Polícia de Recife, nomeado para este cargo em 1836.

Em 1837, resolveu ir até o Rio Grande do Sul, e ali se alistou ao lado do Governo legal para fazer a campanha farroupilha, recebendo grave ferimento no combate de Inhatium (13 de Junho de 1841). Terminada a guerra civil dos farrapos, já galgára Victorino Monteiro o posto de Major.

Em 1864, chegavam à Corte as queixas de cerca de 40.000 compatriotas residentes no Estado Oriental, vítimas de constantes violências contra as suas propriedades e de atentados ignóbeis em parte cometidos pelas próprias autoridades daquela República: o General riograndense Antonio de Souza Neto fôra o intérprete das reclamações com o fim de obter do Governo Imperial os meios de garantir os direitos e a tranquillidade dos brasileiros perseguidos no Uruguái.

A 5 de Abril de 1864, Evaristo da Veiga, no Parlamento, fazia, em solene interpretação, uma sucinta e fiel exposição dos graves acontecimentos do Estado Oriental, que afetavam muito de perto a dignidade nacional; e Câmara e Governo reconheceram unanimemente, desde logo, a ne-

cessidade de serem tomadas enérgicas providências em tórno dos patrióticos reclamos do deputado interpretante.

Em seguida, partiu com destino a Montevideu o Conselheiro J. A. Saraiva, em missão diplomática, malograda pela recusa da proposta brasileira contida no ultimatum dirigido a Aguirre, presidente da República do Estado Oriental.

E ao Almirante Visconde de Tamandaré foram transmitidas ordens para fazer represálias e dar os possíveis auxílios aos brasileiros ali presentes.

General Venâncio Flôres, inimigo político de Aguirre, propôs a união de esforços de nossas forças com as suas tropas, e aliados os dois exércitos, rompeu com violência a guerra contra o governo do Uruguái, na qual Victorino Monteiro tomou parte, comandando uma brigada, como Tenente-Coronel (1864 - 1865).

Na guerra contra o governo do Paraguái, fez tóda a campanha, dirigindo uma divisão até 1866, e daí em diante, um corpo de Exército, quando já fazia parte do generalato.

Na célebre batalha de Tuiuti (24 de Maio de 1866) em que foi completamente destroçado um exército de Francisco Solano Lopez de 18.000 homens, notável peleja dirigida pelo Marechal de Campo Luiz Osório, — o Brigadeiro Victorino Monteiro comandava uma divisão de Infantaria. E, em 28 desse mesmo mês e ano, repelia com vantagens uma força paraguáia junto de Laguna-Tranquera, ainda em Tuiuti.

Em 27 de Fevereiro de 1868, secundado pela Esquadra que havia forçado a passagem de Humaitá, o Brigadeiro Victorino Monteiro com disciplinada força de Cavalaria executou o reconhecimento, o assalto e a tomada de Laurelles, a última posição fortificada que os paraguáios ainda possuíam entre a famosa fortaleza e Jacaré.

No assalto e tomada de Peribeubí (12 de Agosto de 1869) sob as ordens do Marechal Conde d'Eu, comandava o Tenente-General Visconde do Herval o 1.º Corpo do Exército Brasileiro, comandava o Marechal de Campo Victorino Monteiro o 2.º Corpo, e o Coronel Luiz Maria Campos, a divisão argentina. No embate violento das forças adversas, tomaram os brasileiros diversas bandeiras, das quais foram quatro entregues aos aliados.

Assegura espirito observador não existir nos exércitos europeus o costume introduzido no Brasil de se fazerem presentes de troféus. Estes pertencem à nação que os conquista, sendo conservados com o maior carinho e respeito em templos ou museus militares.

Nesse combate de Peribeubí morreu o bravo Brigadeiro do Exército João Manuel Mena Barreto, que comandava a 2.ª coluna do 1.º Corpo, e que tanto se distinguiu nos combates de São

Borja (10 de Junho de 1865), Potreiro Obella (29 de Outubro de 1867), Tají (2 de Novembro de 1867), Jacaré (7 de Junho de 1868), Sapucaí (1 e 8 de Junho de 1869).

Em 16 de Agosto de 1869, tomou parte o futuro Barão de São Borja na batalha de Campo Grande, ganha pelo Conde d'Eu, que derrotou o General Bernardino Caballero, empenhando-se nesta ação o Brigadeiro Vasco Alves que, não obstante julgar a sua Cavalaria insuficiente para bater o inimigo, resolveu manter contacto com este, procurando entretê-lo até à chegada do grosso das forças brasileiras, e deu começo à luta com uma brigada da 3.ª Divisão de Cavalaria da Guarda Nacional, e intervieram, em seguida, o Generalíssimo e o Brigadeiro José Luiz Mena Barreto com a 3.ª Divisão de Infantaria e, mais tarde, a Artilharia do Coronel Mallet, e, por último, do outro lado, o Marechal de Campo Victorino Monteiro com as Divisões de Cavalaria do Brigadeiro Correia da Câmara e do Coronel M. Oliveira Belo e 3 Batalhões de Infantaria da Divisão do Brigadeiro Carlos Resin.

Em 18 de Agosto de 1869, nos combates das matas de Caaguajurú, entre Barreiro Grande e Caraguataí, aonde se foram intrincheirar cerca de 2.000 paraguáios ao mando do Tenente-Coronel Vernal, o bravo Victorino Monteiro assaltou com maestria admirável as trincheiras inimigas e tomou-as á frente da 1.ª Divisão de Infantaria do Brigadeiro Resin, em cuja ação foi secundado pelo Brigadeiro Correia da Câmara, com quatro corpos da 2.ª Divisão de Cavalaria, vencendo o futuro Visconde de Pelotas, perto de Caraguataí, uma coluna paraguáia e tomando-lhe um canhão e perseguindo os fugitivos até Manduvirá, em cujas margens os paraguáios incendiaram os últimos navios da sua esquadilha.

☆

Casou Victorino José Carneiro Monteiro no dia 2 de Fevereiro de 1842 com Dona Benevenuta Amália Ribeiro, nascida em Alegrete, a 27 de Junho de 1825 e falecida em Porto Alegre, a 2 de Fevereiro de 1890, filha do Tenente-General Bento Manuel Ribeiro e de Dona Maria Mancio da Conceição, sendo o sogro dele natural de Sorocaba, São Paulo e a sogra, de Cachoeira, Rio Grande do Sul.

Fidalgo-Cavaleiro da Casa de Sua Majestade o Imperador, condecorado com diversas medalhas, foi agraciado com o título de Barão de São Borja por Imperial decreto de 18 de Maio de 1870, quando exercia o Comando das Armas em Pernambuco.

As suas promoções no Exército Brasileiro, de que fazia parte como oficial combatente, quase tódas foram por atos de bravura; e a última teve por ato de alta bravura e subido valor militar.

O seu título nobiliárquico deve ele à sua intrepidez nos combates, quando se lhe recordaram os serviços prestados em sanguinolentas campanhas ao lado do Governo Imperial do Brasil, nas quais firmou boa reputação, iluminada de glória e patriotismo.

Póde Recife orgulhar-se de ter sido berço do nobre varão, cujas virtudes cívicas e cujo valor militar o recomendam às gerações futuras.

H O R M I N O L Y R A



Carmen Miranda, numa
cena de "Aconteceu em Ha-
vana", o novo filme em Te-
cnicolor, com a "Brazilian
Bombshell" e Cesar Romero.
Nosso representante, em Hollywood,
Gilberto Souto, faz uma apreciação
deste novo sucasso de Carmen, no nú-
mero de "C i n e a r t e" deste mês.

De Cinema

O CINEMA BRASILEIRO EM 1941

A não ser que tenhamos a estréia de "Entra na farrá", ainda neste fim de ano, estréia que não podemos precisar, dada a antecedência de um mês, com que é feita esta revista, tivemos em 1941 nada menos de sete celuloídes nacionais exibidos: — "Céu azul", da Sonofilmes; "Vamos cantar", da Panamericana; "Eterna esperança", da Cia. Americana; "Aves sem ninho", da Distribuidora de Filmes Brasileiros; e "Vinte e quatro horas de sonho", "Sedução do garimpo" e "O dia é rosson", da Cinédia. Dois filmes de carnaval, um de aventuras, duas comédias e dois filmes sérios. Não foi, portanto, assim tão máu, este novo ano de tentativas do nosso cinema. Si alguns filmes foram fracos, outros apresentaram valores e um progresso que não podem ficar esquecidos. Não podemos também deixar de registrar as magníficas realizações do DIP — "A jangada voltou só" e "Debret e o Rio de hoje".



"Feliz ano novo", desejam Bob Hope e estas "girls" da Paramount, que aparecem em "Louisiana Purchase", filme em Technicolor. Da esquerda para a direita, começando na última fila: — Barbara Slater, Eleanor Stewart, Kay Aldridge, Eileen Haley, Katharine Booth, Louise La Planche, Jean Wallace, Alaine Brandes, Barbara Britton, Brooke Evans, Lynda Grey e Blanche Grady.

Rita Hayworth, a fascinante Dona Sol, de "Sangue e areia", na vida real, com seu marido, Edward Johnson, no celebre Hollywood Brown Derby. (Foto Margaret Ettinger).

BIOGRAFIAS RELAMPAGO



MARGARET SULLAVAN nasceu em Norfolk, no dia 16 de Maio de 1911. Cabelos escuros, olhos azues-pardos. Veiu do palco para o filme "Nós e o destino". Esposa de Henry Fonda, o diretor William Wyler e Leland Hayward.



LOUIS HAYWARD (Charles Lou's Hayward), nasceu em Johannesburg, Africa do Sul, no dia 19 de Março de 1909. Cabelos e olhos negros. Educado na França e Inglaterra. Começou no teatro. Estreiou no cinema em "Corações em duelo". Casado com Ida Lupino.



VIRGINIA GREY, nasceu em Hollywood mesmo, num dia 22 de Março. Cabelos louros e olhos azues. Estreiou no cinema com três anos, no filme da Universal "A cabana do Pae Thomas".



CHESTER MORRIS nasceu em New-York City, no dia 16 de Fevereiro de 1902. Cabelos negros e olhos pardos. Começou no teatro do qual veio para o cinema falado. Estreiou em "Alibi".



Douglas Fairbanks no seu duplo papel em "The Corsican Brothers", o filme que ele fez, de volta a Hollywood, de sua viagem à América do Sul, como embaixador do Presidente Roosevelt. A história é de Dumas e do genero predileto do saudoso pai do popular artista.

George Cuckor dirigindo Greta Garbo numa cena de "Duas vezes meu", a famosa comedia, cujo titulo custou tanto a ser anunciado... Reparem a serenidade do diretor e da "estrêla"... Mas, o filme é divertidíssimo, diz Gilberto Souto.



EM 1912

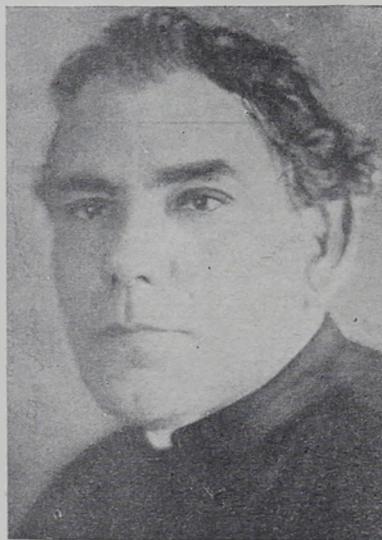
Há trinta anos... a Nordisk já apresentava, no Parisiense um filme sobre a seita dos Mormons — "A vítima do Mormão", super-produção em três partes, com o celebre ator Blegelow. A popular fábrica de Copenhague, apresentava ainda: — "Sangue de boemia", no qual Asta Nielsen aparecia num de seus grandes papeis dramáticos, sob a direção do marido Urban Gad; "Amor de dançarina", reunindo Asta e o famoso Wuppschlender; "Aventura do tenente Bremer" com o mesmo ator; e "A queda da mulher", com Asta Nielsen. "Amor de dançarina" e "A queda da mulher" já haviam passado no saudoso cinema do sr. Staffa mas o público pedira a "reprise"... Além deles, o Parisiense "reprimava", pela última vez, "Os quatro cabos" (mais tarde, entretanto, esse filme voltou ao cartaz, com uma "continuação"...). Foram também exibidos "A força do hipnotismo" — ou — "Misterios de Psyché" e "Misterios de um crepusculo de outono", série de ouro, da Ambrosio, baseada na tragedia de D'Annunzio. Eram estes os programas do Odeon, cujos proprietarios — Zambelli & Cia. — distribuiam, com exclusividade no Brasil, a Cines, a Gaumont e a Milano: — "O talisman", episodio histórico do tempo das Cruzadas, em duas partes, da Cines, baseado num romance de Walter Scott; "Almas transviadas", filme alemão de Pharos, com um grupo de artistas celebres do palco germânico; "Sangue siciliano", da Cines; "O escandalo", da Gaumont; "Pinocchio", da Cines, que foi talvez, o primeiro celuloide inspirado no travesso boneco de pau, de Collodi, em três partes; "Maria Stuart e Rizzio", drama histórico da Gaumont, em uma parte, todo colorido; "A odisséia de Homero", da Milano, tirado do poema grego, em três partes. Nessa epoca, a Milano era uma das fabricas italianas mais respeitadas devido ao seu famoso "Inferno de Dante". No Ideal, de M. Pinto, eram exibidos: — "O caso do colar da Rainha Maria Antonietta", histórico, colorido, em duas partes, da Pathé; "No país das trevas", drama da Eclair, em duas partes, passado numa mina de carvão, com Charles Krauss, V. bert, Liabel e Cécile Guyon; "A filha dos trapeiros", da Pathé, do romance de Bourgeois e Dugué; e "Salambo — A sacerdotiza de Tanis", serie de Ouro, da Ambrosio. Os programas do Avenida, incluíam: — "A padeira" (Xavier de Montepin), da marca italiana Vesuvio, em três partes. No fim do mês, este cinema fechava, para instalar os aparelhos do Kinemacolor, patente de Urban Smith, de Londres, que prometia o cinema colorido, em cores naturais mais perfeito até então conseguido... Para terminar estas reminiscencias do mês de Janeiro de 1912, recordemos a prohibição do filme brasileiro "A vida de João Candido", produzido pelo dono de um cinema da rua Marechal Floriano (quem seria êle?) e cuja apresentação ao público, o sr. Belisario Tavora não permitiu...



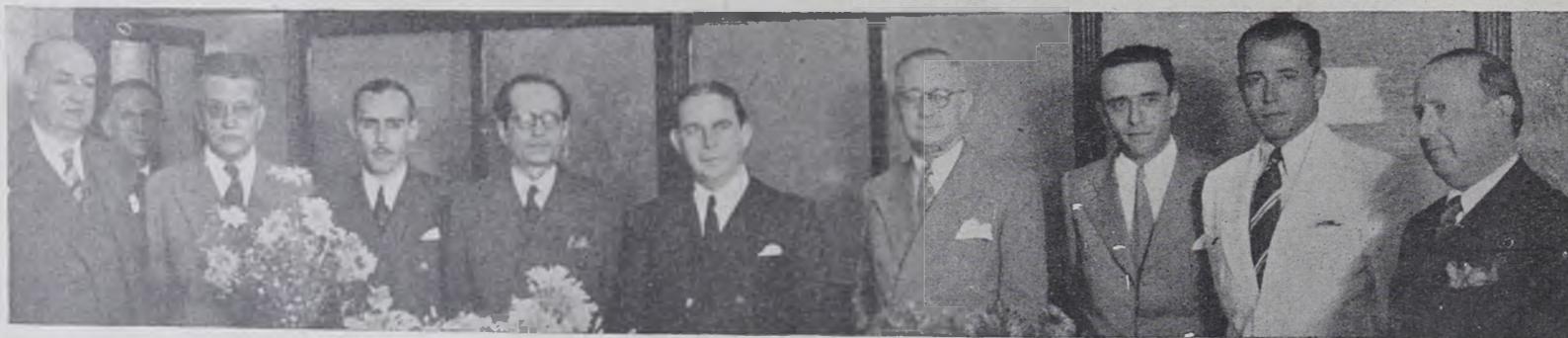
Filmagem de uma cena de chuva, de "One Foot In Heaven", o novo filme de Fredric March para a Warner Bros. A "camera" fica protegida, embora o filme dê a impressão do contrario...



O 20.º ANIVERSÁRIO DO DEPARTAMENTO FEMININO DO INSTITUTO LA-FAYETTE — As ex-alunas do Instituto La-Fayette que formaram a primeira turma do Departamento Feminino dêsse conceituado educandário, reuniram-se êste ano para comemorar, entre evocações e saudades, a fundação do mesmo, e a elas se associou a Diretoria do Instituto, do que resultou uma festa agradável e interessante. Foi sugerida a fundação da Associação dos ex-alunos do Instituto La-Fayette, idéia que recebeu imediata aprovação. Uma das ex-alunas dirigiu ao Prof. La-Fayette Côrtes, palavras de amisade, tendo oferecido à antiga Diretora do Departamento Feminino, D. Alzira Lopes Côrtes, dedicada lembrança, por filhos de suas ex-alunas. Damos aqui dois aspectos dessa festa de saudade e cordialidade, vendo-se em cima o professor La-Fayette Côrtes e d. Alzira Lopes Côrtes, entre ex-alunas e professores, notando-se entre êstes o dr. Romão Côrtes de Lacerda, procurador geral do Distrito Federal, Aidil Côrtes Souto Lyra, e Rosa Fernandes, e em baixo o professor La-Fayette Côrtes e d. Alzira Lopes Côrtes, entre ex-alunas e filhos das mesmas, momentos antes da reunião.



CONEGO ASSIS MEMÓRIA. — O acontecimento eclesiástico de mais relêvo nestes dias, na Metrópole, foi a nomeação de Conego efetivo da "Insigne Colegiada de São Pedro Apóstolo", do conhecido escritor e jornalista Padre Assis Memória, nosso antigo colaborador. A cerimônia solene da posse do novo Conego realizou-se no Palácio de São Joaquim, na presença do Cardeal Dom Sebastião Leme e de numerosa e selecta assistência.



A NOVA DIRETORIA DO SINDICATO DE ENGENHEIROS. — Flagrante da posse, com a presença do Ministro do Trabalho, da nova Diretoria do Sindicato de Engenheiros do Rio de Janeiro, que é formada pelos Drs. Furtado Simas, presidente; Carmen Portinho e Batista de Oliveira, 1.º e 2.º vice-presidentes; Pompeu Acioli e Rego Barros, 1.º e 2.º secretários e João Wilgen e arquiteto Ricardo Antunes, tesoureiro e bibliotecário, respectivamente.



O Presidente Vargas, em companhia do Interventor Fernando Costa, quando saboreavam o Suco de Tomate Marca Peixe, em companhia do Dr. Joaquim de Britto.

O PRESIDENTE GETULIO VARGAS VISITOU O STAND PEIXE NA FEIRA NACIONAL DE INDUSTRIAS

O Presidente Getulio Vargas, que estava em companhia do Interventor Fernando Costa, mostrou-se entusiasmado com os progressos da nossa industria, e foram fixados aspectos da honrosa visita feita, que são os que aqui reproduzimos.

POR ocasião da sua recente viagem à capital paulista esteve o Presidente Getulio Vargas no recinto da Feira Nacional de Industrias, que ali se realiza, tendo-se demorado em visita especial no Stand Peixe mantido na grande feira de produtos da industria nacional pela Fabrica Peixe, cujos produtos gosam de grande prestígio e popularidade em todo o país.

Recebido pelo Dr. Joaquim de Britto e por funcionarios da Fabrica Peixe de S. Paulo, o Chefe da Nação visitou demoradamente o Stand, interessando-se pelo variado mostruario ali exposto, e antes de se retirar foi homenageado pelo Dr. Joaquim de Britto e seus auxiliares que lhe ofereceram uma taça de Suco de Tomate.



Outro flagrante da visita presidencial ao Stand "Peixe" na Feira Nacional de Industrias de S. Paulo



A BENÇÃO DAS ESPADAS DOS NOVOS ASPIRANTES DO EXERCITO — Realizou-se, há dias, na Igreja de Santo Ignacio, a cerimonia da benção das espadas dos Aspirantes da Turma Guararapes. A cerimonia compareceram altas autoridades civis e militares e grande número de familias da nossa alta sociedade.

DO MÊS QUE PASSOU



CONSELHO NACIONAL DE TRANSITO — Realizou-se há dias, na presença do Sr. Vasco Leitão da Cunha a posse dos membros do Conselho Nacional de Transito. A fotografia acima foi tomada no Palácio Monröe logo após a posse dos membros daquele órgão.

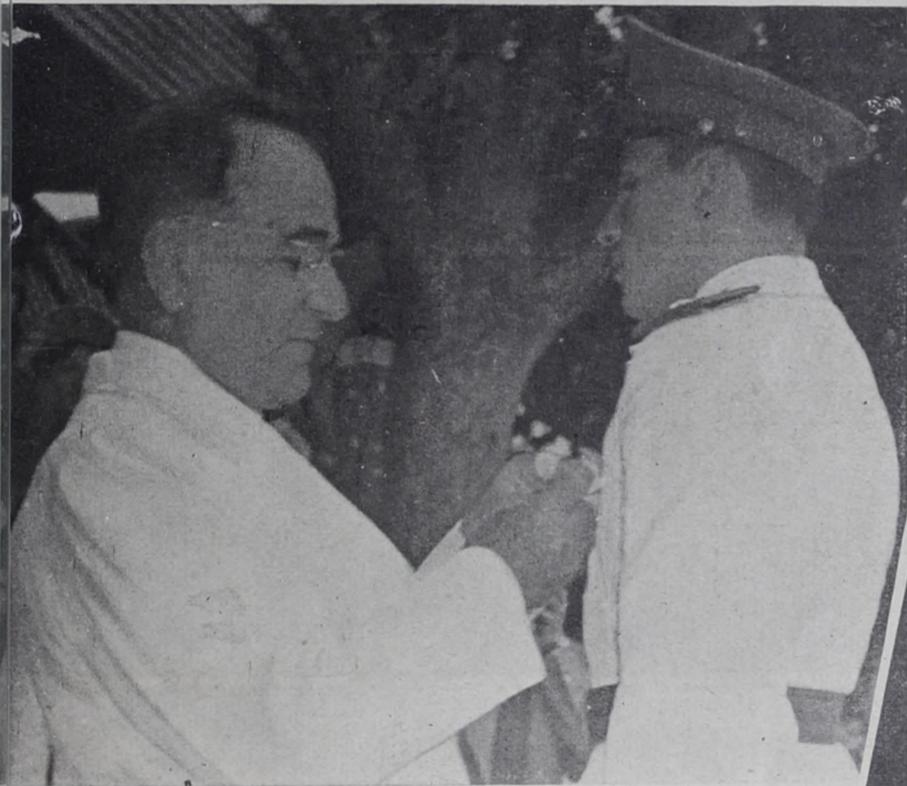


A ENTREGA DE DIPLOMAS DA ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL — A Escola de Serviço Social acaba de diplomar a sua primeira turma. A entrega dos diplomas às alunas que concluíram o curso desse estabelecimento teve lugar no Palácio Tiradentes, tendo presidido a sessão o professor Leitão da Cunha, reitor da Universidade do Brasil. O ato foi paraninfiado pela Sra. Darcy e teve a assistência de pessoas de destaque do nosso mundo oficial e da nossa sociedade e uma representação da Escola de Enfermeiras.



HABITAÇÕES PROLETARIAS — A Sra. Darcy Vargas inaugurou, no bairro da Alegria, o primeiro grupo de casas proletarias construído pela Associação do Lar Proletario. Recebida pelos Srs. Lineu de Paula Machado e Oscar Wainchenk e pelas altas autoridades civis e militares que compareceram à solenidade, a Sra. Darcy Vargas percorreu demoradamente algumas casas, trocando impressões sobre as mesmas.

O DIA DA JUSTIÇA —
Comemorando o "Dia da
Justiça", reuniram-se em
um almoço de confrater-
nização, numerosos mem-
bros da magistratura, do
Ministerio Publico, da ad-
vocacia e do funcionalis-
mo do Poder Judiciario.
Falaram diversos oradores,
salientando o significado
da festa. A fotografia
acima foi tomada, quan-
do discursava o Min'stro
Eduardo Spindola.



OS NOVOS ASPIRANTES DO EXERCITO NACIONAL —
Com a presença da Presidente Getulio Vargas, do
ministro da Guerra, de altas autoridades militares e de
numerosas familias, realizou-se a cerimonia da declaração
dos novos aspirantes do Exercito Brasileiro. Aqui vemos
o Presidente Vargas colocando no peito do Aspirante Ciro
Portocarreiro a Medalha de Caxias.

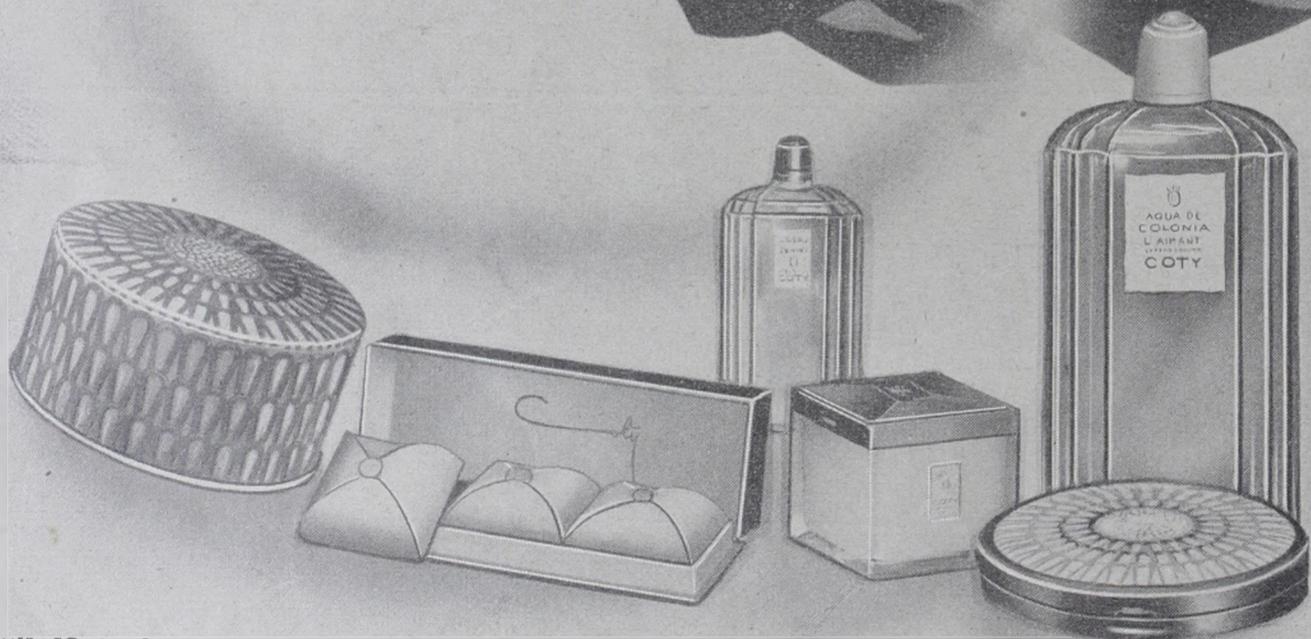


**A CHEFIA DO ESTADO MAIOR DA AERO-
NAUTICA** — Por decreto presidencial foi recente-
mente creado o Estado Maior da Aeronautica,
sendo nomeado para o lugar de chefe desse
importante orgão técnico o Brigadeiro do Ar
Armando Trompowsky, que, na presença do ti-
tular da pasta da Aeronautica, sr. Salgado Filho,
e de grande número de oficiais da P. A. B.
e de pessoas de destaque, aquele oficial general
tomou posse do alto cargo que lhe foi confiado
pelo Governo da Republica.

L'AIMANT O IMAN COTY



Arrebatador no seu magnetismo de encantamento, L'Aimant é um perfume tentador que as mulheres adoram... e os homens não esquecem... Imanize a sua beleza com a irresistível atração de L'Aimant de Coty.



EXTRATO • PÓ DE ARROZ • SABONETE • LOÇÃO • BRILHANTINA • PÓ DE ARROZ Prensado • AGUA DE COLÔNIA

SENHORA

SUPLEMENTO FEMININO

Por "Sorcière"

Há "crepons" muito crespos, com os quais as moças executam trajes bem franzidos de saia, corpete liso, decote quadrado, mangas curtas e fôfas, modelo também indicado para os setins "cirés" claros, com estamparias graúdas, alegríssimas, próprios a uma visita ou festas à boquinha da noite.

"Crepons" estampados servem a bonitos vestidos de noite para gente de maior idade... São de saia godeada, sem excesso de roda, blusa singela e justa ao corpo, e têm, em geral, por adorno, uma gola do tecido fartamente "ruché", uma "ruché" de renda, ou um quadro de bordado enfiado com fita de veludo preto, escarlata ou azul de louça, o que revive velhas estampas dos álbuns de família

Quando nos cansamos um pouco do algodão, variar torna-se necessário, como, aliás, é de boa regra... No caso cabe um "tailleur" de sêda estampada, saia estreita, paletot longo todo abotoado à frente por meio de botões forrados com o tecido, ou botões de fantasia, cunhado de certa originalidade. O mesmo costume serve à noite, num jantar, com uma estreita saia comprida pelos pés, talhada no mesmo pano ou noutro de tonalidade unida.

Rêdes e mais rêdes apanham os cabelos que não se pôde pentear a meúdo quando se frequenta diariamente a praia, pois redundaria em forte baixa no orçamento comum. Essas rêdes são de linha, de "soutache", de "chenille", existindo-as em contos para de noite. Assim variaremos o "turban" ainda muito na moda.

São modernos os trajes de banho feitos de chita estampada, no feitio de vestidinhos muito curtos, largamente decotados.

Mas ainda incontáveis os "maillots" de setim que reluzem ao sol.

Fevereiro vem aí. Ou se fôge ao Carnaval, gosando-o em temperatura mais amena e menos barulho, ou por aquí se fica a dançar nos salões refrigerados dos Casinos da cidade e do Municipal.

Novembro fechou com uma linda festa de arte: o recital de Marita Pinheiro Machado no salão da Associação Brasileira de Imprensa. Festa de declamação notadamente elegante, e Marita obteve de um fino auditório as mais entusiásticas palmas às suas qualidades excepcionais de artista no gênero.

Fecho esta crônica desejando feliz Ano Novo às minhas leitoras.



Vestido para festas em noites estivais: estampa de tons diversos em fundo amarelado. Apresentação de Joan Crawford, da Metro Goldwyn.



Edward Stevenson, da R. K. O., desenhou para Ginny Simms este vestido bordado a contas de varias côres, "redingote" cinza pálido.

Que é que se pôde dizer a respeito de modas, das novidades que seduzam sobremaneira às mulheres, quando o calor está aí e o Carnaval, também por perto, absorve todos os espíritos, e, em consequência, o espírito absorvido na escolha de fantasias?

O verão simplifica a indumentária feminina em enriquecendo-a de coloridos. Notadamente, porém, o que mais se vê, o que mais bem veste nos dias de canícula é o branco, ainda preferido ontem em sêda, hoje estando o algodão na ordem do dia.

Os que aquí ficam, resistindo ao calor com a ajuda dos banhos de mar, expressam bem a moda da temporada com as suas indumentárias alvas ou listradas, estampadas, de coloridos quentes, de tons pastel, feitas de maneira confortável, sempre graciosas.

Como Vestem Do Cinema

*Branco, aplicações
vermelho vinho,
traje adequado à
formosura de Miss
Marshall e à du
leitora na presen-
te temporada.*



*... e este que Priscila Lana apre-
senta com uma graça especial...*



*Pouca fazenda e muita eic-
gância — indica, de pronto,
este vestido ideado para
Joan Perry.*

*Sol. Verão. Temporada ale-
gre. Calôr. E, em conse-
quência, vestidos leves, de
algodão, tal como este de
Brenda Joyce: sãia listra-
da em três tons fortes, blu-
sa marinho...*

As "estrelas"

Ann Rutherford é figurino do quarto modelo: branco com aplicações marinho.



Lindo traje de crepon estampado, bem para festas em noites estivas. Veste-o Joan Leslie.



Mais um, destinado à praia ("short" e casaco), talhado em algodão azul doce, bordados marinho, e vestido por Jane Bryan.



E Brenda Joyce sugere um pijama de muito bom gosto.

VESTIDOS E BONITOS



No gênero esporte, talhado, porém, em "ciré" de seda "beige", eis um vestido para a tarde. Também de certa forma "toilette" é este traje de "ciré" azul anil, bolsos e cinto de verniz preto.



Sapatos esporte.



Vestido amarelo ouro, côr adoravel nas adora-
veis morenas cario-
cas.

PRATICOS

Vestido branco de algodão ou "shantung", blusa e cinto brancos com estamperia vermelha.



Estamperia graúda, em algodão, fôrma êste galante vestido para as mocinhas de Copacabana.



Dois costumes: de tobalco listrado, e de "shantung" cinza azulado, blusa e chapéu verdes.

Dois amôres de blusas: listrada e lisa, ambas no gênero "chemisier".



Cabeças e Joias



Uma flôr completa o penteado gracioso de Anne Shirley.
(Foto R. K. O.)



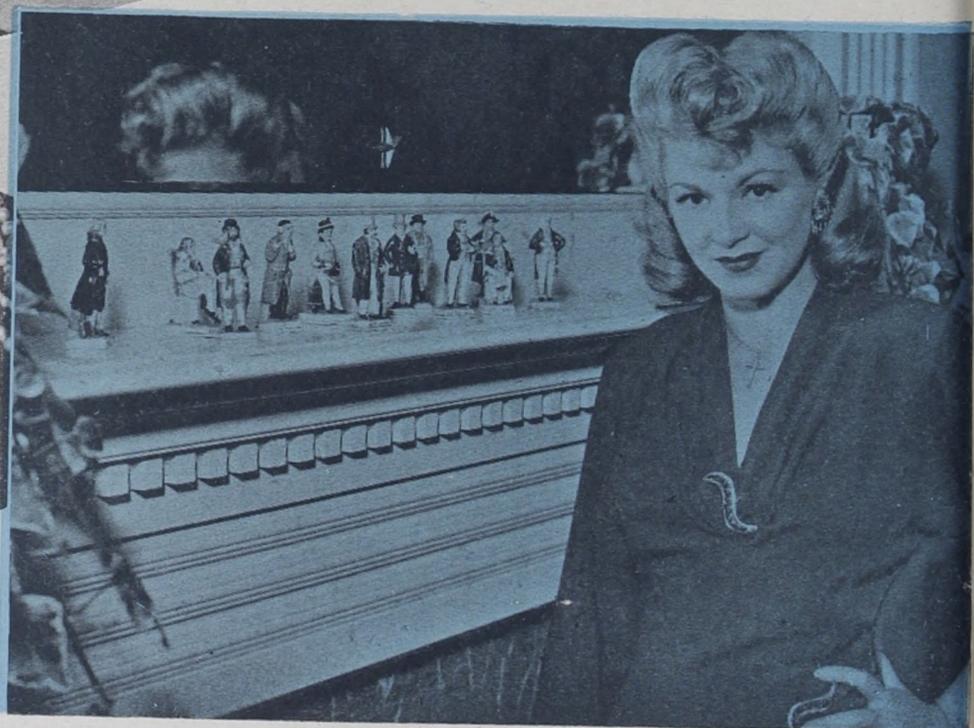
Pulseiras variadas, brincos e anéis continuam a adornar os trajes de feitiço esporte.



Esta linda pequena da R. K. O. mostra a elegância de um penteado sôlto, e como são bonitos os diamantes engastados em ouro.



"All That Money Can Buy", da R. K. O., vai trazer-nos Simone Simon mais linda que sempre. Aqui a vemos com um "coiffant" de "paradis" e grampos de pedras negras, luminosas, colar e pulseira de pérolas em cores diversas.



Um penteado para loiras, este de Claire Trevor, a qual a Columbia apresentará em "Texas", com William Holden e Glenn Ford.

"LINGERIE" PARA O VERÃO

CAMISA DE NOITE



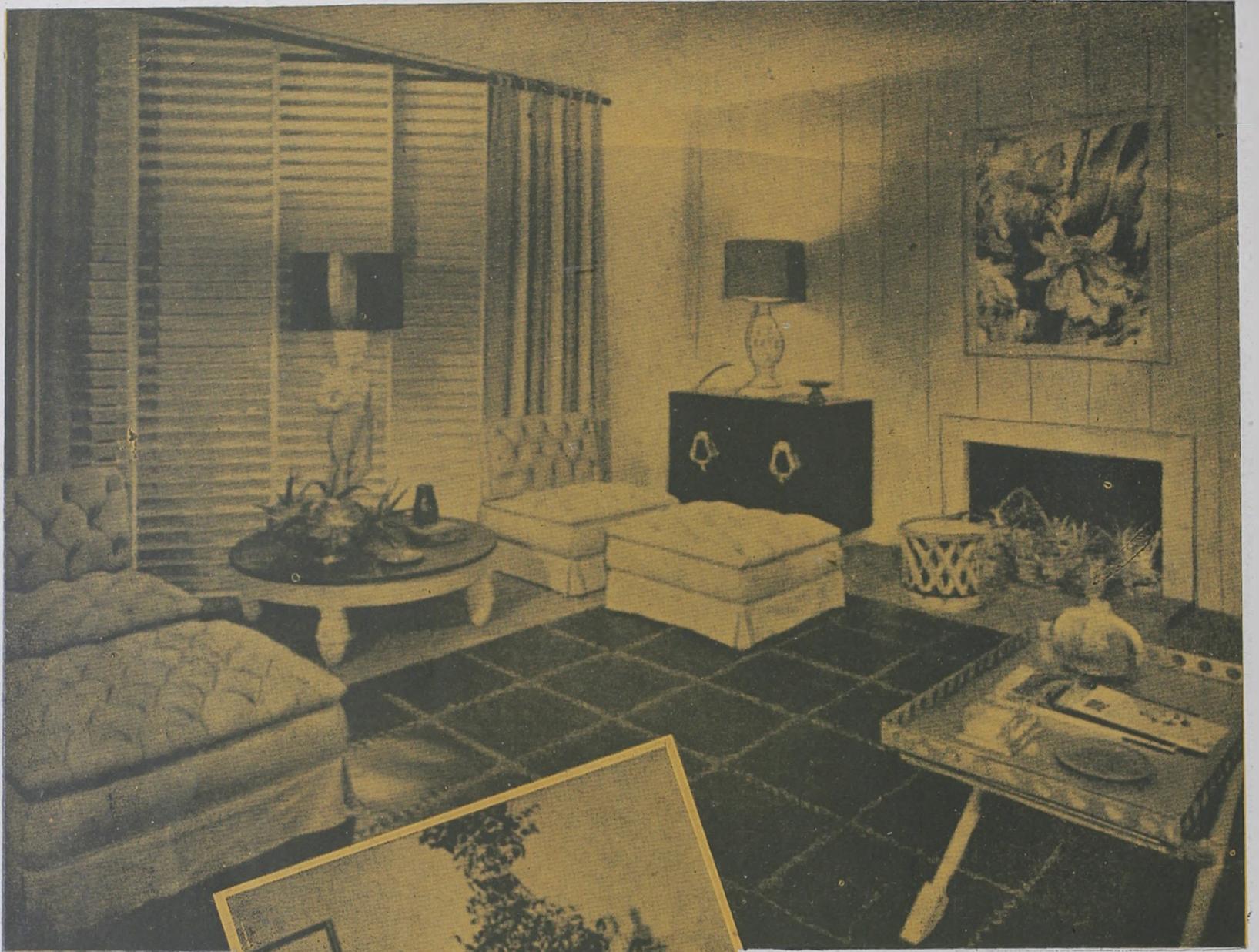
A contar da esquerda: Camisa talhada em crêpe estampado, cinto beirado com um "plissé" do tecido (3m,50 x 1m);

Camisa de crêpe setim rosa, guarnição de renda "ocre", faixa de fita (4m40 x 1m);

Camisa de "voile" de seda estampada, a parte de baixo muito plissada (4m x 1m);

Camisa de crêpe setim azul, faixa rosa forte (4m x 1m);

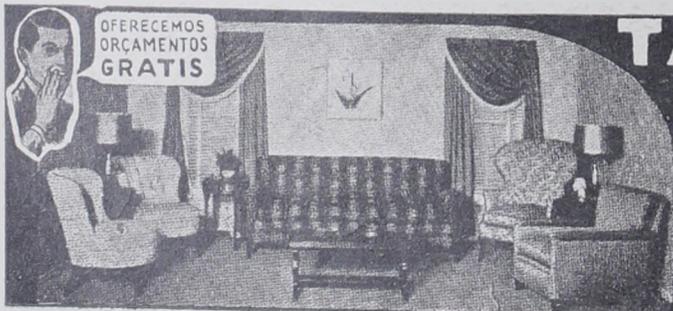
Pijama no gênero macacão, comodo e elegante (3m80 x 1m).



Decoração da Casa

Eis um belo ambiente moderno, confortabilíssimo, onde o rosa cravo do estôfo dos moveis, em "capitoné", joga com o colorido vinho do tapete e das cortinas. A pequenina mesa branca leva tampo negro, tom do "abat-jour" que está em cima, e da cômoda na qual figura um "abat-jour" rosa forte e suporte branco. Um quadro de flôres e plantas verdes em pequenos vasos, sob o fogão, dizem que a sala está preparada para os dias de sol.

Interessante movel para arrumar plantas dentro de casa.



TAPETES·MOVEIS·CORTINAS

· **GRUPOS ESTOFADOS** ·

ASA

UNES

AGORA SOMENTE

65· RUA DA CARIOCA, · 67

Segredos de Beleza de Hollywood

Por

Max Factor, Jr.

Autoridade Suprema na Arte
do Make-up

VOCE PODE ESTAR ENGANADA...

Muitas mulheres pensam que a aplicação do crême de limpeza é uma prática que ninguém pode errar. Puro engano. Julgam que não há meio ou maneira de cometer um erro na aplicação do crême de limpeza, e dizem: "Basta passar o crême, e depois limpá-lo."

Perdem tempo, dinheiro e crême. Muitas senhoras poderiam lucrar imenso se seguissem o mesmo processo de estrêlas do cinema como Lucille Ball, Merle Oberon, Myrna Loy ou Joan Blondell, as quais retiram a maquiagem tanto do estúdio quanto a da rua, com o auxílio do crême de limpeza. Fazem-no com extremo cuidado, de maneira acertada, correta, perfeita.

Modo de proceder:

Antes de aplicar o crême limpam-se os lábios, para que o colorido do "baton" não se espalhe, pelo rosto, sujando-o. A seguir, uma pequena quantidade de crême é aplicada em cada pálpebra, estendendo-se, depois, de cima para baixo, afim de passar pelas pestanas. Com o auxílio de uma toalhinha de papel limpa-se o crême das pálpebras e das pestanas. Se, por acaso, qualquer quantidade tiver corrido pelas faces, deve ser limpa com a mesma toalhinha.

Depois, aplica-se em vários pontos do rosto e do pescoço um pouco de crême. A maioria das estrelas aplica uma pequena bolinha de crême na testa, logo acima da linha das sobrancelhas, outra no nariz; uma de cada lado da face, junto às narinas, uma em cada canto da boca, uma na ponta do queixo e três ou quatro no pescoço.

Começa-se a espalhar o crême pelo pescoço, sempre de baixo para cima, e para fóra.

Essa operação não requer pressa e sim atenção, muito cuidado. O crême de limpeza, como qualquer outro, não



LUCILLE BALL, estrela da Rad.io-RKO, usa o processo aconselhado por MAX FACTOR JR. para a limpeza do rosto com o crême apropriado.

deve ser passado no rosto com massagens violentas. A aplicação será de baixo para cima, esfregando-se os dedos ou então dando-se pancadinhas no rosto.

Depois de espalhado no pescoço, começa-se a fazer o mesmo por baixo do queixo e na linha da queixada. E' preciso muita atenção nas pequenas reentrâncias do queixo.

NINHOS DE POEIRA...

Poderíamos chamar ninhos de poeira, o que se encontra nas pequenas curvas junto de cada narina.

Aconselho cuidado especial na aplicação e passagem do crême por ali.

CONTINUAÇÃO...

A limpeza do rosto deve continuar pelas faces, terminando, finalmente, na testa, junto a linha dos cabelos.

Desejo repetir, caras amigas, a limpeza deve ser feita com uma pressão

forte, mas sem brutalidade. E' preciso limpar bem o rosto de todo vestígio de maquiagem; é necessário que os póros sejam bem limpos.

Tempo, atenção e cuidado são as três qualidades essenciais à uma boa limpeza.

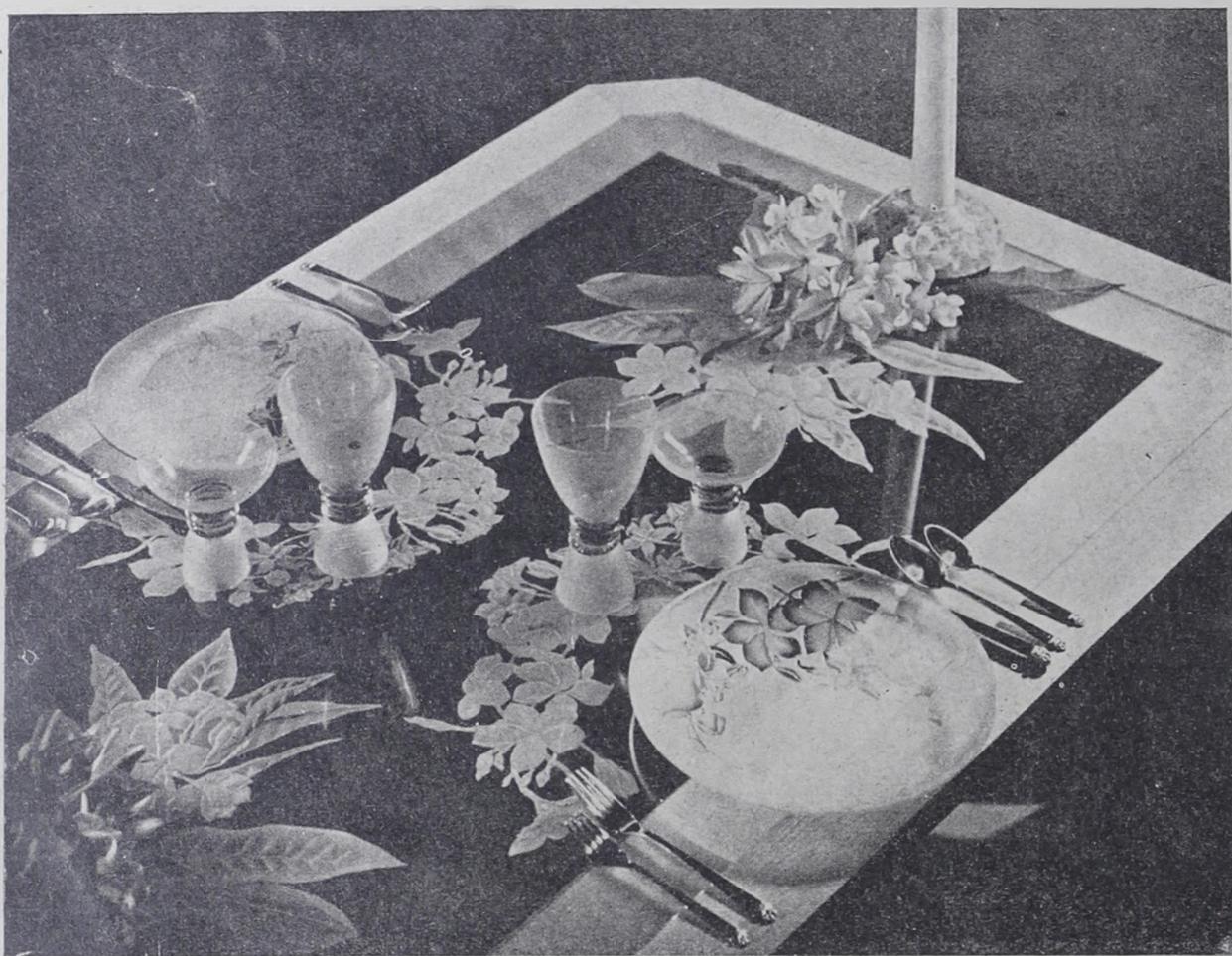
Depois de tudo isso vem o uso das toalhinhas de papel para retirar o crême. O mesmo processo de cima para baixo deve ser repetido então.

Não esperem que uma toalhinha seja bastante; logo que a primeira estiver humedecida, será substituída por outra.

CABE A VOCE...

Sim, minha cara leitora, cabe a você, agora, seguir os conselhos que a minha experiência de muitos anos me tem mostrado.

Proceda como as estrelas de Hollywood. Se não o faz, trate de corrigir os erros que vem cometendo, e tenho certeza que lucrará muito.



Mesa de madeira branca, tampo de cristal esculpado

PÊSSEGOS EM SABOROSAS COMPOSIÇÕES

BOLO DE PESSEGOS

Massa: 150 gr. de manteiga derretida, 2 ovos, 2 gêmas, 1 colher de açúcar, 1 pitada de sal, casca ralada de limão, 1 tablete de fermento diluída em $\frac{1}{2}$ xícara de leite morno. Juntar aos poucos 675 grs. de farinha de trigo, até a massa ficar lisa, e enrolar. Deixar em lugar quente até subir. Abrir em mesa polvilhada, cortar em quadrados, pôr ao centro um pêsego, unir as pontas da massa por cima. Arrumar em taboleiro untado, assar em forno moderado.

PUDIM

Pudim de arroz com leite e suco de laranjas. A guarnição compõe-se de pêsegos cozidos em água com vinho branco e açúcar, e cerejas cristalizadas.

BEIGNETS DE PÊSSEGOS

1 xícara de farinha de trigo, 1 colher de chá com pó Royal, sal, 2 colheres de açúcar, 1 ovo, $\frac{1}{2}$ xícara de leite. Peneirar os ingredientes secos, bater o ovo com o leite e misturar tudo. Partir os pêsegos pelo meio, molhar bem na massa, frita em gordura quente. Polvilhar com açúcar.

O M A L H O

PÊSSEGOS A' ALMIRANTE

Tomar pêsegos bem maduros e cozinhar em água quente durante 5 minutos, descascar. Colocar por cima de fatias de pão de ló, cobrir com geléia de morangos e salpicar com amendoas picadas. Enfeitar com amendoas inteiras.

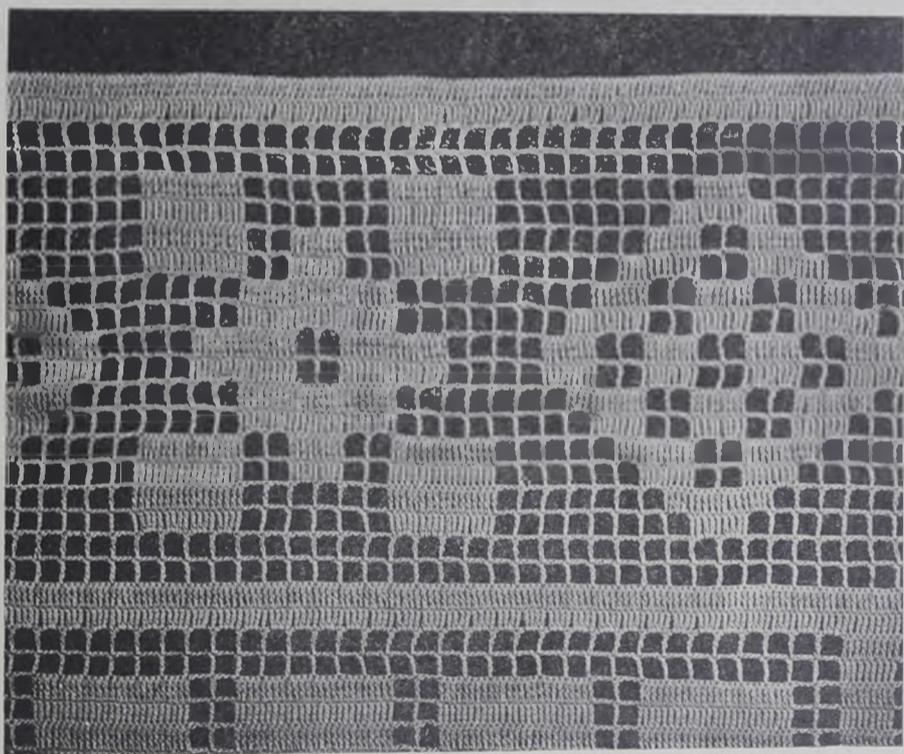
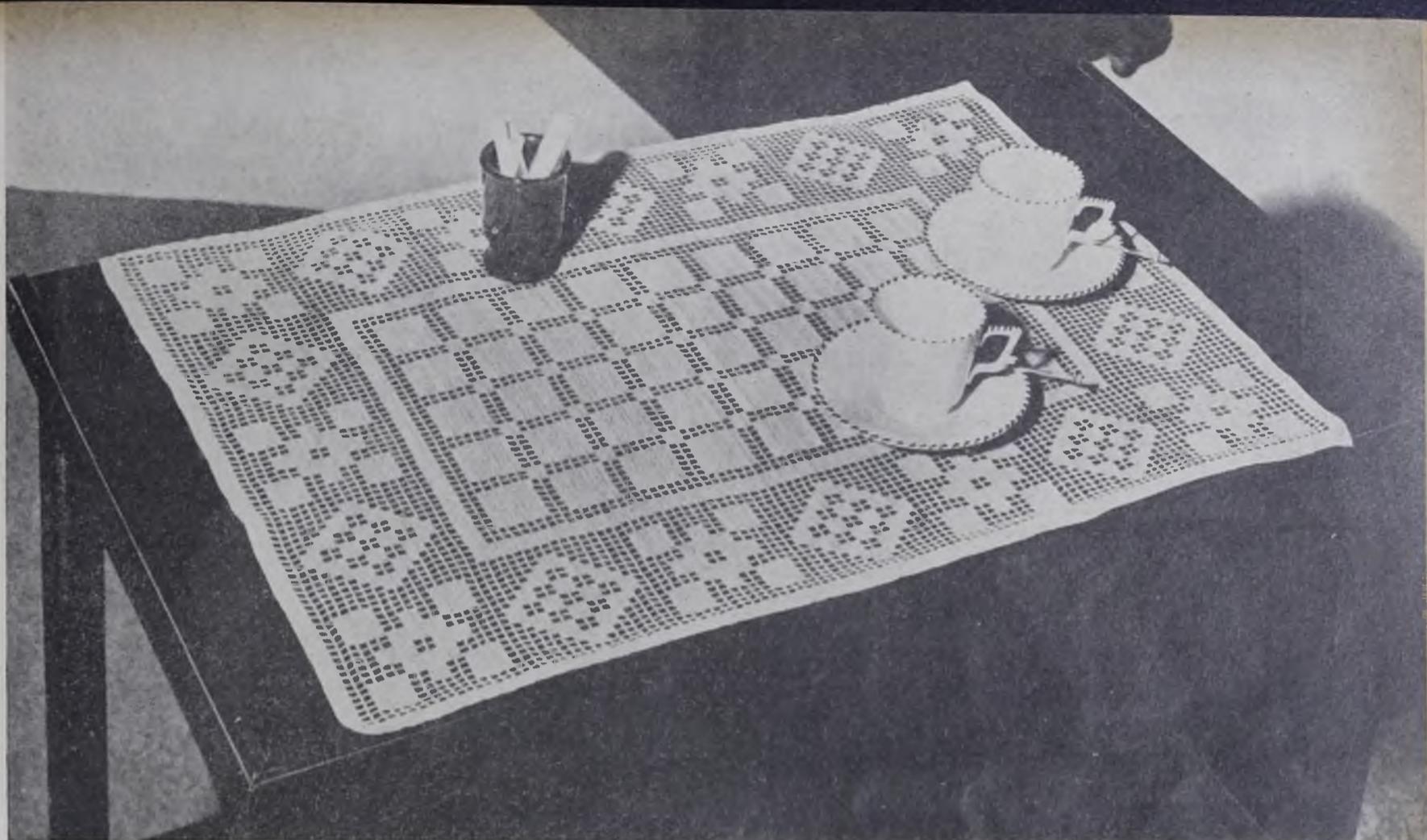
SALADA

Salada de pêsegos e ameixas com crême e nozes picadas por cima.

PÊSSEGOS COM CRÊME

Tomar bonitos pêsegos, cortar em fatias, tirar os caroços e cozinhar um pouco numa calda feita com 2 xícaras de açúcar e 1 calice de Kirsch. Arrumar num prato.

Fôr numa caçarola 100 gr. de farinha de trigo, 100 gr. de açúcar, 3 gêmas. Bater bem para formar uma pasta lisa. Juntar pouco a pouco $\frac{1}{2}$ litro de leite quente e levar tudo ao fogo até ferver. Juntar 1 colher de manteiga, retirar do fogo, juntar 2 claras em neve. Arrumar o crême por cima dos pêsegos, levar ao forno para assar.



Material necessário:

3 novelos (20 gramas) ou 6 novelos (10 gramas) de linha de crochet Mercer marca "CORRENTE" n. 60, F 110 (ecru escuro). Agulha de crochet marca "Milward" n. 6 1/2.

Tensão — 11 espaços ou blocos = 5 cms.

Dimensões da toalha — 41 cms. x 55 cms.

Abreviações — tr, trança; pcdl, ponto de crochet com 2 laçadas.

Espaço = 3 tr, pular 3 pontos, 1 pcdl no ponto seguinte.

Bloco = 5 pcdl mais 4 pcdl para cada bloco adicional em grupos.

Começar com 348 tranças:

Toalha de Crochet para Carrinho de Chá

1.^a carr.: — 1 pcdl na quinta trança a contar da agulha, 1 pcdl em cada uma das tranças seguintes (345 pcdl ou 86 blocos), 4 tr, voltar. (a trança da volta sempre fica para o primeiro pcdl da carreira seguinte).

2.^a carr.: — 1 pcdl em cada pcdl até o fim da carreira, 4 tr, voltar.

3.^a carr.: — 1 pcdl em cada um dos 8 pcdl seguintes, (2 blocos), x 3 tr, pular 3 pcdl, 1 pcdl no pcdl seguinte; repetir de x mais 81 vezes (82 espaços), 1 pcdl em cada um dos 8 pcdl seguintes (2 blocos), 4 tr, voltar.

4.^a carr.: — Igual à 3.^a carreira.

5.^a carr.: — 1 pcdl em cada um dos 8 pcdl seguintes, x 3 tr, pular 3 tr, 1 pcdl no pcdl seguinte; repetir de x mais uma vez, x 3 pcdl no espaço seguinte de 3 tr 1 pcdl no pcdl seguinte; repetir do último x mais 3 vezes, 6 espaços, 4 blocos, 8 espaços, 2 blocos, 8 espaços, 4 blocos, 6 espaços, 4 blocos, 8 espaços, 2 blocos, 8 espaços, 4 blocos, 6 espaços, 4 blocos, 2 espaços, 2 blocos, 4 tr, voltar.

Seguir o diagrama desde a 6.^a carreira.

O diagrama dá uma metade da toalha.

Para a segunda metade trabalhar da última carreira inclusive até a primeira carreira. Humedecer a toalha e esticá-la para secar, estendida sobre uma tábua, prendendo as pontas com alfinetes.

(Vide o risco e a indicação do ponto na revista ARTE DE BORDAR no número de Janeiro de 1942.)

R E T A L H O S S E N T I M E N T A I S



AFLITA — Rio — Desde o principio, minha amiga, que você vem agindo mal para com êle. Demonstrou-lhe uma paixão incontrolada, perseguindo-o, ameaçando-o até com o suicidio no caso da sua desistência do casamento. E' verdade, que, quando amamos de verdade, esquecemos de tudo, sem confiança em nós mesmos, numa sofreguidão lamentável. E é esse justamente o mal. Ai é que a parte contrária entra com o jogo das táticas. Começa por fazer-se de esquiva, de preciosidade, com a plena certeza de que é sempre procurada. Como Vera-Maria, teve você medo de ficar para tia, perseguindo-o até casar-se com êle, e, uma vez casada mas praticamente separada há seis anos, continúa numa tortura peor do que quando solteira. Êle só vai em sua casa para visitar o filho, e, quando o faz, esquece-se você de tudo, recebe-o com toda a alegria, todo o contentamento, procurando prendê-lo novamente para si; quando o tem de novo continúa com as ciunadas, as discussões, os aborrecimentos, indagando-lhe o que fez e o que deixou de fazer. E vive você num mundo de amarguras, ciunadas, lágrimas, não querendo desquitar-se. E' mesmo o que já disse acima, é uma questão de ter a certeza de que tudo na vida pôde fazer que você acabará por perdô-lo, sem querer perdê-lo. O início da sua felicidade, Aflita, depende somente de você; da sua certeza em si própria, do seu domínio. A mulher, quando solteira, precisa ter os seus encantos, mas, quando casada, necessita deles muito mais. O seu gênio precisa ser modificado; para isso, faça, em primeiro lugar, um tratamento meticoloso para o seu sistema nervoso. As vezes, é tam-

bém originado por uma insuficiência qualquer que só os médicos podem prognosticar. Uma vez em tratamento, sem descuidos, trate também do seu físico; veja o que possa dizer bem com o seu tipo. Tenha confiança no seu êxito; leia bons livros sobre psicologia do amor, artes domésticas, pois como professora, penso que você cuida mais dos seus alunos do que mesmo do seu lar. Leia também um pouco de filosofia... Serve até para desopilar o fígado... Enxerga-se o mundo por um lado mais humano... Não chame mais o seu marido. Aplique êsses métodos que acabei de falar, e, quando êle for visitar o seu filho, mostre-se não alegre em recebê-lo, mas, um pouco ressentida, um ressentimento onde haja algo de indiferença... Prepare-se o mais que puder. Desperte-lhe um certo ciume com a sua aparência renovada, e... como principal fator, não o atormente com as suas cenas de ciumes; tenho a impressão de que uma mulher, nesse estado de coisas, fica até com a cara preegada! Deixe-o em paz. Estou quasi fazendo uma aposta com você, que, quando começar a se propalar entre a família a sua transformação total, nunca mais pensará o seu marido em espesinhá-la nem desquitar-se. Ânimo, Aflita! "Roma não foi feita em um só dia"! E, penso que o seu caso é muito mais fácil de resolver que o caso de Roma... Mãos à obra: médico, confiança em si, leituras sadias e proveitosas, plástica, táticas femininas, e, deixe o barco correr...

PAULINA — Rio — Não deixe os seus estudos. Além de ter você muito pouca idade, parece-me que êle ainda não está em condições de tomar com você um compromisso mais sério.

IVONE — Rio — Vive a dar-lhe "bolos" parecendo contudo gostar muito de você? Desapareça por algum tempo. Ao regressar, mude contudo de tática. Faça-se de "doce", isto é, um pouco mais de rogada...

RENATO — Rio — Não posso fazer o que me pede. As namoradas lindas e meigas hoje em dia estão por demais ariscas. O melhor é você mesmo arranjá-las.

MIRAGEM — Baía — E' temperamental, romântica e não descobre quem a compreenda? Hoje em dia, Miragem, é tão difícil encontrarmos quem se dê ainda ao trabalho de fazer serenatas debaixo do luar... Contudo, frequente umas reuniões literárias que talvez possa encontrar por lá o seu verdadeiro ideal...

SANDRA — Rio — Não demonstre o quanto a mortificam as pirraças dele. Com muita meiguice, entretanto, olhos baixos e tristes, faça-o compreender que nas suas repetidas ausências, sente-se você muito só, desagasalhada de carinho e que, em meio a tanta "folga", como uma grande amorosa que é, poderá vir a ter a involuntária tentação de algum dia traí-lo...

ZANDUNGA — Sente-se completamente "lotada" e atrapalhada? Essa história de muitos namorados a um tempo só não dá muito certo não. A mulher é por natureza monógama. Contente-se com o que você mais gostar e dê-se por feliz assim...

ZAGARI — Rio — No próximo número encontrará o que deseja.

RUFINO — Estado do Rio — Que eu saiba, não me consta que eu seja pitoniza. Ai por essas fazendas do interior podera encontrar talvez um "pai de santo" que resolva afinal sua pergunta singular.

NORA — Rio — As estatísticas norte-americanas provaram que em matéria de amor, o homem sofre muito mais que a mulher... E, se é assim, a taça é nossa... Tenho quasi que a certeza de que êle está sofrendo mais que você, apesar de todos os pesares...

Correspondência:

"O MALHO" — *Retalhos sentimentais*
Trav. do Ouvidor, 26.

MOVEIS DE ESTILO

Grande Sortimento - Preços Modicos

A Renascença

CATETE 55, 57, 59

O AUTOR DO HINO NACIONAL



Comendador Agostinho de Almeida

A data de 18 do corrente recorda saudades imensas na alma dos brasileiros, em virtude de assinalar o passamento do insigne artista Francisco Manuel da Silva, autor do hino nacional.

É um nome que permanece vivo em nossas imaginações, já por ter sido o inspirado creador da melodia heroica que traduz a força e o poder da nossa raça, como ainda em razão de ter sido um dos mais ardorosos propugnadores do desenvolvimento da arte musical em nossa terra.

Lembrar Francisco Manuel da Silva, a cada instante que passa, é como que ouvir os profundos anseios da patria em que ele nasceu e que é de todos nós.

É uma vez que nos ocupamos do autor do hino do Brasil teremos forçosamente de ver ante a figura gentil e apostolica do comendador Agostinho de Almeida, que jamais poupou esforços e sacrificios para que o culto à Francisco Manuel permaneça indelevel através todas as gerações. Esse nosso patricio é o maior possuidor da melhor documentação a respeito da vida e da alma de Francisco Manuel da Silva.

SEJA SUA PROPRIA

Enfermeira



Há certos dias no mês que as Senhoras, cujo organismo não funciona regularmente, aguardam com pavor. São dias enervantes, em que os distúrbios íntimos lhes roubam a alegria e a disposição. Evite os períodos de sofrimento, usando **A Saude da Mulher**. Com o uso deste poderoso regulador, tônico e anti-doloroso, o temido período mensal decorrerá tão normalmente que mal será percebido.

A SAUDE DA MULHER

LEIAM

CINEARTE

A melhor revista cinematografica



TECIDOS E TELAS DE ARAME

PARA TODOS OS FINS

VIVEIROS

Moveis de aço para jardim

Rua do Cattete, 48

Telefone: 42-2707 -- Rio de Janeiro



DIRCINHA

A verdade é que ela tem "it". Tem mesmo, leitor! Vejam sómente o êxito absoluto das suas gravações. O público se acostumou com a sua voz. E talvez seja — quem sabe lá? — se será porque sempre ela preferiu cantar como sente que deve cantar?

Renovação Artística

Com o ano de 42 vamos a vêr se melhorará o nível radiofônico do país. Sem tempo não é, nem o será! Si analisarmos profundamente o que se foi, o que temos perdido no sentido de elevar-se o panorama artístico dos estúdios, teremos de concluir que devemos, ou ao pouco caso dos diretores artísticos, ou à falta de gôsto dos mesmos, os pêsimos programas que temos ainda.

Lemos, outro dia, que ainda é o dono do anúncio que seleciona o que vai por aí. Isso se disse sem protesto, o que deixa entrever, nas entrelinhas, a verdade da afirmativa. E é pena que assim seja, de vez que se devemos crêr no bom estilo de certas agências de publicidade, por outro lado, o mesmo não podemos dizer de certos anunciantes que acreditam, por exemplo, na vitória da música fina contra a popular no lançamento de um sabonete barato, que será mais facilmente vendido ao povo.

A julgar-se pelo que lemos, — verdadeira a notícia — devemos convir ser bem pequena a atribuição de certos diretores artísticos, reduzida, apenas, a marcar os programas.

Assim sendo, poderia sobrar tempo suficiente para que procurassem artistas novos, artistas com sangue novo, afim de melhorar o nível dos seus programas.

FRANCISCO GALVÃO

O MALHO



LOCUTOR

A voz soturna de Rego Monteiro voltou ao rádio, atuando presentemente num programa dominical de Paulo Gracindo. Pôde-se dizer que êle seja monótono, mas ninguém há de negar a sua inteligência e, antes de mais nada, seja êle original, sem "aladramamentos" de nenhuma espécie.



O Carnaval e os "Três Marrecos"

ENTREVISTA

Si há conjunto simpático, que alcançasse, em definitivo, e bem rapidamente, o interesse do público, êste vem a ser o dos *Três Marrecos*, exclusivo da Cruzeiro do Sul e que canta também aos domingos, no querido programa de Henrique e Marília Baptista, conjunto composto de Renato Baptista, Alcides Gerardi e Dalva de Almeida.

— Animadíssimo para o Carnaval. V. sabe que somos do samba. Gostamos dêle. Temos apresentado novidades para a temporada e acreditamos, êste ano, que o Carnaval vai ser u'a maravilha. Uma época em que não pensamos em coisas sérias, em guerras,



Noticiário

— Podemos assegurar que a "BBC", de Londres, convidou Cesar Ladeira para locutor dos seus comentários em português, mas que não foi aceita a proposta.

— Carmen Miranda, segundo consta, vai dar um giro no Rio, em 1942.

— Ary Barroso deixará em breve de atuar como "speaker" desportivo da Tupi.

— Muito bem feito o programa infantil "Hora do Brasileirinho", da *Jornal do Brasil*, irradiado por Ophelia Fontes.

— Um locutor de muita personalidade é Alberto Moreira, locutor-chefe da "PRD-5".

— Braga Filho continúa a apresentar brilhantemente na Cruzeiro do Sul, o "Museu de Cêra".

— Embarca para Buenos Aires Dirce Baptista, que vai apresentar ali o Carnaval carioca. Ninguém melhor como embaixatriz da nossa música popular.

em crises, em coisa alguma. Daí o nosso trabalho procurando apresentar sambas originais, música buliçosa, que caía no gôsto do público.

— E, V., Dalva?

— Animadíssima. O Carnaval vai abafar. Nem tenha a menor dúvida.

E saímos da Cruzeiro. Os "Três Marrecos" iam entrar nos estúdios.

Antes, o "boy" veio trazer a correspondência do dia. Cartas de toda a parte, daqui, de Belém, de Fortaleza, de Minas. Eram "fans" dos rapazes, que, em companhia de Dalva cantam bem a música alegre do Brasil.

Bréques

— A estréia de Odette Baptista, na Tupi, a terceira irmã de Dircinha, não agradou muito foi como a da irmã de Alzirinha Camargo, na mesma estação.

— Vassourinha esteve na Rádio Clube, mas não teve lá muito êxito.

— É verdade que o programa "Papel carbono", deliciosa criação de Renato Murce, pegou. Mas, aqui, para nós, aquela conversa eterna, com as mesmas palavras com a secretária, poderia ser modificada semanalmente . . .

— A Cósmos contratou a cantora argentina, Carmencita del Moral.

Por que ?

— A Record perdeu o admirável concurso de Déo, o querido cantor de rádio paulista.

— Almirante não pára. Gostamos dêle por isso. É um creador no rádio, e a prova temo-la com aquêle seu admirável programa : "Tribunal de Melodias"

— A duplã Joel e Gaúcho vai abafar, pelo que se tem visto, no Carnaval.

— Rosina Pagã esteve vendo o seu grande público de São Paulo.

— Henrique Baptista tem apresentado bons programas aos domingos, no "Samba e outras coisas". Rodeou-se de ótimos elementos e tem feito um sucesso no período que antecede o Carnaval.



S A M B A

Violeta Cavalcanti parecia que seria original. Cantando sambas, a gente pensava quem seria que a sua voz procurava imitar. Carmen ? Dircinha ? Odette ? Um dia, ela resolveu a parada e fez uma salada, com as três vozes. Para quê ? Para quê, se poderia ter vencido sózinha . . .

I - 1942

Gravações

— Mais u'a marcha da dupla Haroldo - Milton : Aracy lançou na Vitor, a "Serenata dos Galos".

— Lamartine voltou ao cartaz carnavalesco, e bem ajudado com o talento de Rosina. Mas "la canga", a piada de Heber Boscoli vai ser "dureza" para pegar como dança carioca . . .

— Linda Baptista gravou recentemente "Olha a onda", de Ubirajara Nesdan e Arthur Vargas.



R A D I O - T E A T R O

Aniz Murad vem aparecendo no elenco radiatral da Rádio - Clube. Tem vontade de vencer. Estuda bem os papeis. Já é muito quando se tem a voz radiofônica, e se quer escalar um posto de relêvo em qualquer parte, principalmente no rádio . . .

— Em suplemento Vitor saiu, com êxito, gravada por Cyro Monteiro, "Vamos Saravá", de Nassára e Eratostenes Frazão.

— Dizem que o carro-chefe de Nassára e Haroldo Lobo vai ser "Aleluia".

— Roberto Paiva apresentou em disco o samba "O chapéu do compadre".

— Orlando Silva correu no páreo "Pensando em ti", de Dunga e Walfrido Silva vai ser "lamentado" por êle.

— João Petra de Barros apareceu também êste ano com "Não há razão, de Marques Junior e Marino Pinto.

— Aracy de Almeida vem desacatanando com a "Mulher do leiteiro", sucesso de vendas êste ano.

— Dircinha Baptista gravou a "Dança do urso", de Arnaldo Paes e Max Bulhões.



MAGDALENA TAGLIAFERRO no programa "Ondas Musicais".

A Liga Brasileira de Eletricidade, a que devem os rádio-ouvintes a bela iniciativa dos excelentes programas "Ondas musicais", encerrou brilhantemente a sua programação de 1941 apresentando no mês de Dezembro a grande pianista patriciã Magdalena Tagliaferro.

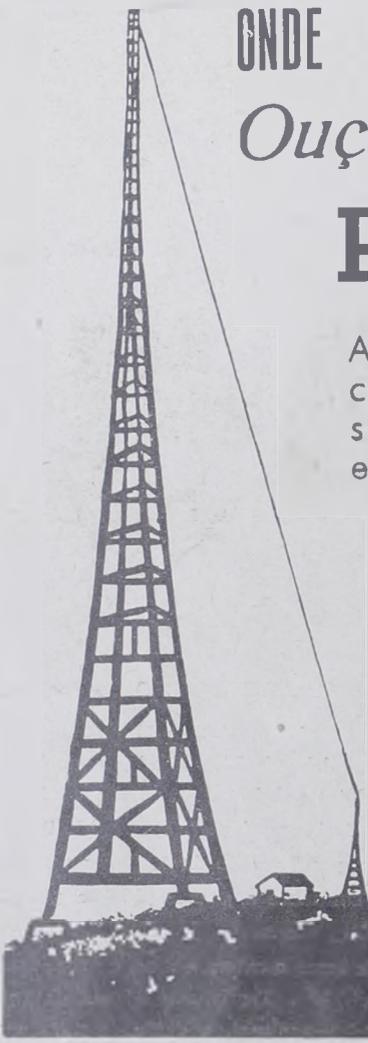
Artista de raros meritos, e dona de requintada cultura, Magdalena Tagliaferro é uma das glórias da musica nacional, e desde os nove anos de idade recebe os aplausos das mais cultas platéias do mundo, tendo sido catedrática do Conservatorio de Paris aos 18 anos. A escolha, portanto, da Liga Brasileira de Eletricidade, de seu nome aureolado para os programas, "Ondas Musicais de Dezembro", revela o seu interesse em proporcionar boa musica aos nossos radiouvintes.



C A N Ç Ã O

Houve tempo em que Gilberto Alves poderia se ter feito. Publicidade êle teve, e amigos, também. Todos queriam que êle ascendesse quando ingressou na Tupi. Mas êle parece que desconfiou e foi cedendo lugar à falta de gosto. Resultado : anda em decadência . . .

O M A L H O



ONDE ESTIVER NO BRASIL
Ouçã
P. R. A. 8

A unica Emissora Nacional que transmite simultaneamente em duas **ONDAS**

49,92 .. 6010 Kc/s
416,6 .. 720 Kc/s

5.000 Watts - P.R.A.8
25.000 Watts

RADIO CLUB
DE
PENAMBUCO S/A

“Bob Bolach e seu Criado Paúra”

(Em viagem de Belém-do-Pará ao Araguaia)
de

JOAQUIM SILVEIRA THOMAZ

Livro de história para criança, premiado no PRIMEIRO CONCURSO DE LITERATURA INFANTIL, instituído pela SECRETARIA GERAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA do Distrito Federal, em 1940.

(São páginas alegres, patrióticas, instrutivas, cheias de ensinamentos, dignas de figurar nas bibliotecas infantís, as mais exigentes)

À venda em tôdas as livrarias

Pedidos à Redação d'O TICO-TICO — Travessa do Ouvidor, 26 — Rio de Janeiro.

Preço — 8\$000

ACEITAMOS PEDIDOS PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL.



M A T E R N I D A D E
ARNALDO DE MORAES
PARTOS E CIRURGIA DE SENHORAS
TEL. 27-0110

Instalações e aparelhagem moderníssimas. Ar condicionado nas salas de partos e de operações e nos apartamentos. Internamento e assistência a parto por 1:200\$000, com inscrição prévia. Radioterapia profunda. Raios X, diagnóstico. Tenda de oxigênio e Eliot-terapia. Parto sem dor.

RUA CONSTANTE RAMOS, 173 — COPACABANA

Motivo de Natal

OTTO BITENCOURT SOBRINHO

Andava pelo ar um perfume de folhas verdes de pitanga.

De quando em vez ouvia-se o barulhar dos sinos. Vivia dentro da noite calma uma alegria enorme. Natal!

O guarda-noturno, o cigarro a morrer entre os lábios, encostou-se ao poste.

Natal!

Lembrou-se que já fôra feliz, muito feliz, em noites como essa. Quando tinha sapatos pequeninos que amanheciam cheios de presentes. Quando havia alguém que o punha ao cólo, para beijar-lhe os olhos, para brincar com os seus cabelos.

Ouviu-se o trilo fino e estridente de um apito. Êle apitou também, para afugentar o seu sonho.

Começaram a passar grupos de namorados. Um automovel correu, veloz, lambendo o caminho com a lingua de luz dos faróis.

Natal!

Em casa, deixara mulher e quatro filhos. Quatro criaturinhas loiras, quatro alegrias que choravam por um pedaço de pão. Quatro alegrias que choravam. Achou bonito o paradoxo.

Começou a cair uma chuva fina, irritante.

Enrolou-se mais no capote. Sonhava. Que noite bonita se êle fôsse rico! Quanta alegria haveria então em sua casa.

* * *

O velho ladrão apareceu na esquina. Tinha uma barba muito branca e comprida. Ageitou nos ombros o saco cheio de furtos e pôz-se a andar cautelosamente, para não acordar o guarda. De repente, um tropeço, uma quêda. Um saco que rôla.

O velho que corre desesperadamente.

E dentro da noite, com uma porção de infantilidade na voz, o guarda pôz-se a gritar para o velho que fugia:

— Papã-Noel, olhe o seu saco...

Dr. Telles de Menezes
CLINICA DE SENHORAS

Diatermia, Ultra-Violeta, Infra-Vermelho, etc

Rua Gonçalves Dias, 84, 5º s. 504-5

Das 15 às 18 horas. — Tels: Consultório 23-3147. Res. 42-1948

Os Estudos Misteriosos do Professor Kruhl.

(Conclusão)

os olhos se abriram. Mas as condições da experiência eram muito imperfeitas; somente Siegfried Kruhl conseguiu fazê-lo, e eu, Prospero Garuche, lhe servi de objeto.

Eu escutava atônito.

A cabeça continuou:

— Tudo é uma questão de circulação. Não posso te descrever os detalhes do coração artificial realizado pelo professor. É a obra do seu genio, mas os ignoro. É um motor elétrico que o faz se mover, animado pelo sangue do porco — o mais aproximado ao do homem. Tudo isso se injeta no meu cérebro que se banha dum líquido sempre frêscio; e a máquina o reoxida por meio duma insuflação de oxigênio, cuidando que não se coagule. Ah! É uma cousa maravilhosa.

— Mas porque, — perguntei vivamente interessado — por que matam um porco todas as noites?

— E' porque sinão o sangue se alteraria, e é necessário renová-lo tôdas as 24 horas.

— Compreendo — fiz eu. — São de fato estudos maravilhosos.

— Malditos! disse a cabeça.

— Por que?

— O homem não tem o direito de transgredir as leis da natureza e tocar na paz dos mortos... Quando eu era homem, tinha, como os outros, medo da morte; mas, si soubesses como é doce! Mais doce do que a vida!

Mas Kruhl me arrancou a êsse bem, fazendo reviver de mim o que pensa, o que sofre — o cérebro.

Não sabes quantas vezes supliquei a Kruhl que me fizesse morrer; mas êle não quer, sou sua obra-prima, conserva-me com um zelo desenfreado, diz que sou tôda sua vida, tem crises de exaltação assustadoras, afirma ser mais forte que Deus. E' um louco, um gênio louco, e tu, que és um homem com coração, um legítimo coração de carne, vais ter piedade e me livrar, partindo a máquina!

— Isso é impossível — exclamei profundamente perturbado, — tudo é obra de Kruhl; é o fruto dos seus estudos. Não posso destruí-la!

— Sim; não podés me condenar a sofrer eternamente. Imagina o que é não ter corpo!

— Pode ser — continuou — que sejam estudos surpreendentes, mas que benefício trazem? Nem à ciência nem à humanidade... E' obra de louco!

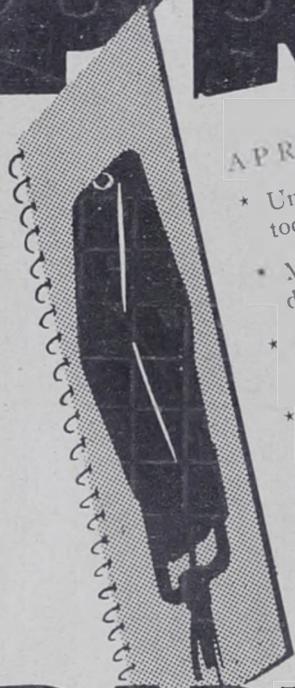
Tira-me daqui! Não quero mais lembrar-me de meu crime. Isto é o horror! O horror!

Estremeci. A cabeça tinha quase gritado essas palavras e minha resolução estava tomada. Como homem de coração, ia devolver a paz à alma torturada de Próspero Garuche. Sem nada dizer, armei o revólver, e, a dois passos da máquina, visei, bem no meio da parte mais delicada, a mais rica em engrenagens e dei três tiros. A pulsação sonôra se deteve logo; no meio das rodas quebradas, o líquido jorrou, em gôtas: a máquina sangrava. Então olhei para a cabeça. Um palôr lívido lhe invadira a face, ela inclinou-se e caiu ao pé do sóco, n'ua maré de sangue.

Como deixei o laboratório de Kruhl, como fugi da casa, como atravessei a charnéca e achei minha cama, aonde escorreguei sob as cobertas, presa de violenta febre, ignoro-o. Durante 15 dias delírei, tendo quase uma congestão cerebral; quando fiquei bom, soube apenas que o torreão vermelho, na noite seguinte à de minha visita, fôra devorado totalmente por um incêndio acompanhado de formidável explosão a qual pulverisára na íntegra a instalação do Professor Siegfried Kruhl, e resto algum foi encontrado entre as cinzas e escombros.

I — 1942

PRA-3



APRESENTA SEMPRE

- * Uma programação diária para todas as preferências.
- * Música popular pelos luminares do genero.
- * Humorismo pelos creadores favoritos dos radio-ouvintes.
- * Literatura e música fina pelos elementos os mais prestigiosos.
- * Um radio-teatro de seleção.
- * Irradiações esportivas perfeitas.
- * Vários concursos sensacionais.
- * E sempre novidades.

860
QUILO-
CICLOS

RADIO CLUB DO BRASIL

2.^a edição

Sã Maternidade

Conselhos e sugestões para futuras mães

PROFESSOR

Arnaldo de Moraes

LIVRARIA ALVES

PRÉÇO: 12\$000

RUA DO OUVIDOR, 166 — RIO DE JANEIRO



A vida preciosa

de seu filho pode ser ameaçada por uma perigosa diarrheia. Contra este terrível mal existem como remédio sem igual os comprimidos de Eldoformio, um producto da casa »Bayer«.

Combata as diarrheas com os comprimidos de



Eldoformio

Bom para os adultos como para as crianças.

Leiam

CINEARTE

A melhor revista cinematográfica.

Guia da Belleza

Este livro ensina a fazer, na propria casa, os tratamentos de belleza mais uteis e proveitosos. Traz os processos feitos pelo medico especialista

DR. PIRES

na sua Clinica de Belleza da RUA MEXICO, 98-3.º and. Rio de Janeiro

Preço: 8\$ pelo correio ou nas livrarias.



Busto

Augmente, fortifique e diminua o busto com os productos á base de HORMONIOS.

Hormo-Vivos 1 e 2

Para desenvolver e fortificar use o n. 1 Para diminuir use o n. 2. Resultados rapidos. Gratis: Peça informes á Caixa Postal 3.871 - Rio

Nome.....

Rua.....

Cidade..... Estado.....

SOLUÇÕES DOS PASSATEMPOS DA EDIÇÃO PASSADA

TEXTO ENIGMATICO

"Curiosidade: os cães australianos e os cães de rebanho, do Egito, não ladram."

ENIGMA FIGURADO

"Perfeito, só Deus."

PROVERBIO ENIGMATICO

"Não há asas mais veiozes que as do medo."

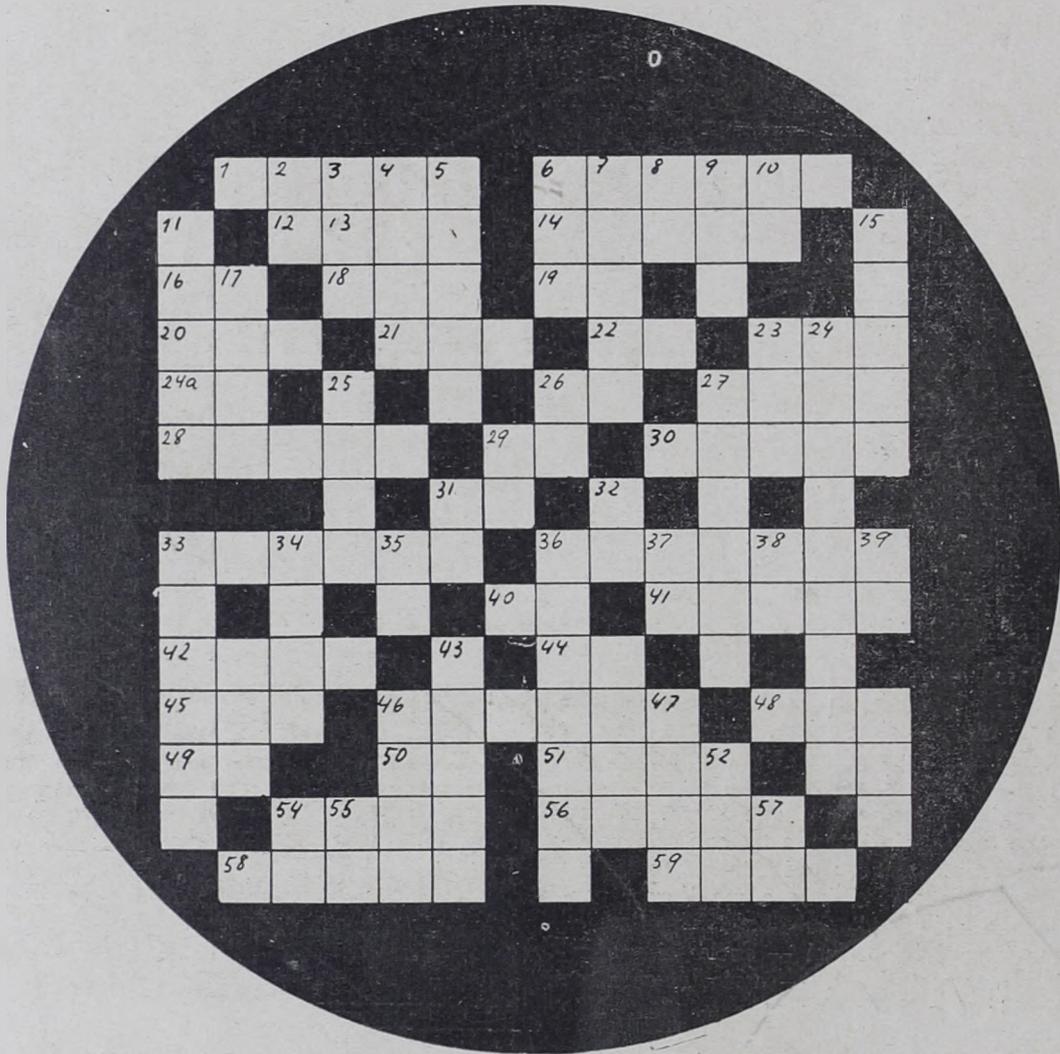


JOGOS E PAS

PROBLEMAS DAS VELAS

As velas estavam primitivamente colocadas nesta ordem: 8 — 6 — 2 — 1 — 3 — 4 — 7 — 9 — 5 e 0.

CRUCIGRAMA



CHAVES:

HORIZONTAIS

1) Na garganta; 6) Tabique movel; 12) Quasi rival; 14) Fim; 16) Contração; 18) Mais adeante; 19) Contração; 20) Parte do navio; 21) Para voar; 22) Contração; 23) Nos mares; 24-A) Otavio Tavares; 26) Poeira; 27) Povo africano; 28) Quasi peça musical; 29) Do verbo vêr; 30) Proferir; 31) Não é bôa; 33) Orgulho; 36) Grupo indigena das Guianas e Antilhas; 40) Parte do rato; 41) Bacanal; 42) Busca; 44) Do verbo vir; 45) Renque; 46) Dentro da bôca; 48) Sem roupa; 49) Laço apertado; 50) Inacio Coimbra; 51) Veste talar; 53) Quasi mulher; 54) Da familia do bof; 56) Glucideo; 58) Especie de arara; 59) Dígito.

VERTICAIS

2) Do verbo vêr; 3) Flexão, feminina; 4) Molusco; 5) Aplaina; 6) Genero de cobras; 7) Idolo; 8) Quasi cobra; 9) Maucio Silveira Valadares; 10) Metade de tolo; 11) Especie de sabugueiro; 15) Fechar a bôca; 17) Dígito; 23) Ponto cardeal; 24) Aparelho de distilação; 25) Tiro a vida; 26) Letra grega; 27) Dirá no futuro; 29) Do verbo ir; 31) Pedra de moinho; 32) Alfredo Allen; 33) Do verbo encanar; 34) Dá leite; 35) Contração; 36) Especie de búfalo; 37) Rasgado pela metade; 38) Inacio Gonçalves; 39) Aurelio Alves; 42-A) Circulo luminoso; 43) Fruto; 44-A) Parte; 46) Do verbo picar; 47) Desocupação; 48-A) Parente; 52) Mais adeante; 54) Do verbo ir; 55) Alberto Camargo; 57) Otavio Tavares.

(Solução no próximo número)



**Para assegurar a SUA vinda
TODOS OS ANOS
— é preciso dinheiro
TODOS OS MESES**

ÉSTE simbólico Papai Noel, que visita o seu lar todos os natais, como intermediário da sua ternura de esposo e pai, é também esperado este ano ansiosamente pela sua família.

E o Sr. — que gosta de fazer surpresas — não teria prazer de dar, neste Natal, um presente diferente à sua esposa? Um presente que lhe garanta — mesmo na sua ausência — a vinda de Papai Noel todos os anos e o necessário para manter o seu lar e enfrentar os encargos de família todos os meses? ... Sua esposa não deve ficar desamparada si o Sr. desaparecer de repente. Por que, então, o Sr. não deixa a garantia de uma renda mensal fixa durante muitos e muitos anos? A Sul America tem um plano de seguro que garante dinheiro mensalmente à sua família. Pense um instante e procure trocar idéias com um Agente da Sul America sobre esse seguro, capaz de proporcionar dinheiro todos os meses à sua esposa.

**Si o Sr. ganha, mensalmente,
1:500\$000 pôde garantir à sua
família 500\$000 todos os meses**

Por que o Sr. não garante, desde já, uma renda certa, todos os meses, à sua esposa durante 20 anos após o seu desaparecimento? Não acha o Sr. que uma renda fixa de 500\$000 por mês servirá para sua família cobrir as despesas inevitáveis? Mesmo ganhando menos ou mais de 1:500\$000, um Agente da Sul America poderá oferecer-lhe planos de acordo com suas possibilidades. Pense nisto e peça o folheto explicativo com o "coupon" abaixo. A Sul America tem planos adaptáveis a todas as bolsas.

Sul America
Companhia Nacional de Seguros de Vida
Fundada em 1875



A SUL AMERICA
CAIXA POSTAL 971 - RIO
Queiram enviar-me um folheto explicativo sobre esta modalidade de seguros.
8-XXXX-1234567890
Nome
Rua
Cidade Estado

**PANORAMA
EDUCACIONAL
DO BRASIL**

A próxima edição de "Ilustração Brasileira", a aparecer no dia 15 de Janeiro, será o resultado de um grande esforço jornalístico, e vai revelar ao país os aspectos mais notáveis da obra educacional e pedagógica, realizada nos últimos anos.

Esse número, inteiramente dedicado à Educação e Ensino, lançado com a inteira aprovação e todo o apoio moral do Ministério da Educação, através de seus departamentos competentes, foi organizado dentro de um programa que visa a elucidação dos problemas sempre interessantes e das questões sempre dignas de estudo, da moderna pedagogia e do desenvolvimento escolar entre nós.

Além de oferecer farta-documentação fotográfica dos nossos principais estabelecimentos de educação e ensino, esse número especial de "Ilustração Brasileira" focalizará todas as questões ligadas ao ensino, ontem e hoje, através de colaborações, inéditas, escritas especialmente para essa edição e firmadas por nomes de relevo, todos com a mais alta responsabilidade de educa-

dores e gosando do mais justo renome nos meios culturais brasileiros.

Será, assim, uma edição destinada ao mais franco sucesso, uma iniciativa, como tantas, de "Ilustração Brasileira", visando divulgar aspectos e coisas do Brasil aos nossos patricios.

**HEMORROIDAS
E VARIZES
TRATAMENTO SEM OPERAÇÃO**

Após longos estudos foi descoberto um remédio de componentes vegetais, que permite fazer um tratamento, absolutamente seguro, das hemorroidas e varizes. HEMO-VIRTUS é o nome desse remédio, que para hemorroidas internas e VARIZES deve ser tomado na dose de 3 colheres de chá por dia. Para as hemorroidas externas, usa-se o HEMO-VIRTUS, pomada. Comece hoje mesmo e leia com atenção o tratamento na bula. Não o encontrando em sua farmácia, peça-o ao depositário. CAIXA POSTAL 1.874 (UM-OITO-SETE-QUATRO) S. PAULO



HEMO-VIRTUS

**EXIJAM SEMPRE
THERMOMETROS PARA FEBRE
"CASELLA LONDON"
HORS CONCOURS**

ALINGERIE

A mais útil das iniciativas da
Bibliotéca de "Arte de Bor-
dar", concretizada num

Precioso álbum com 170 mo-
dêlos escolhidos, do mais fino
gosto e absolutamente originais.

CADA um desses 170 modêlos é
acompanhado do respectivo
risco em tamanho natural.

"LINGERIE"

Traz ainda em suas 48 páginas
indicações, sugestões sôbre pontos,
linhas, côres, etc., constituindo um
belo presente e um útil conselheiro.

PRÊÇO 10\$000

Faça seu pedido acompanhado da respectiva
importância em Vale Postal, Carta Registra-
da ou mesmo selos do correio. Aceitamos
encomendas pelo Serviço de Reembolso
Postal, para as localidades servidas por êsse
sistema de cobrança. — PEDIDOS à S. A.
O MALHO -- Trav. Ouvidor, 26 -- C. Postal,
880 — RIO. À VENDA NAS LIVRARIAS.

Vae casar feliz
sem preocupações.



porque teve o melhor conselheiro para
os detalhes de confecção de seu enxoval
e da ornamentação de seu lar,

O "Guia das Noivas"

a excelente publicação que
oferece ás jovens, antes e
depois do matrimonio, conselhos, sugestões,
ensinamentos, alvitres, innumerous riscos e modelos
para bordados, lingerie de corpo, cama e mesa,
decoração de interiores, organização de menus
para "lunches", almoços e jantares, tudo isso em
lindas paginas cheias de arte e bom gosto que
fazem de

O "GUIA DAS NOIVAS"

o verdadeiro livro de cabeceira das noivas e recém-casadas.

Uma publicação da
BIBLIOTHECA DE "ARTE DE BORDAR"

PREÇO 10\$000

Pedidos, acompanhados da importancia, á Bibliotheca de
ARTE DE BORDAR, Travessa do Ouvidor, n.º 26 —

RIO DE JANEIRO

É encontrado á venda em todas as Livrarias do Brasil.